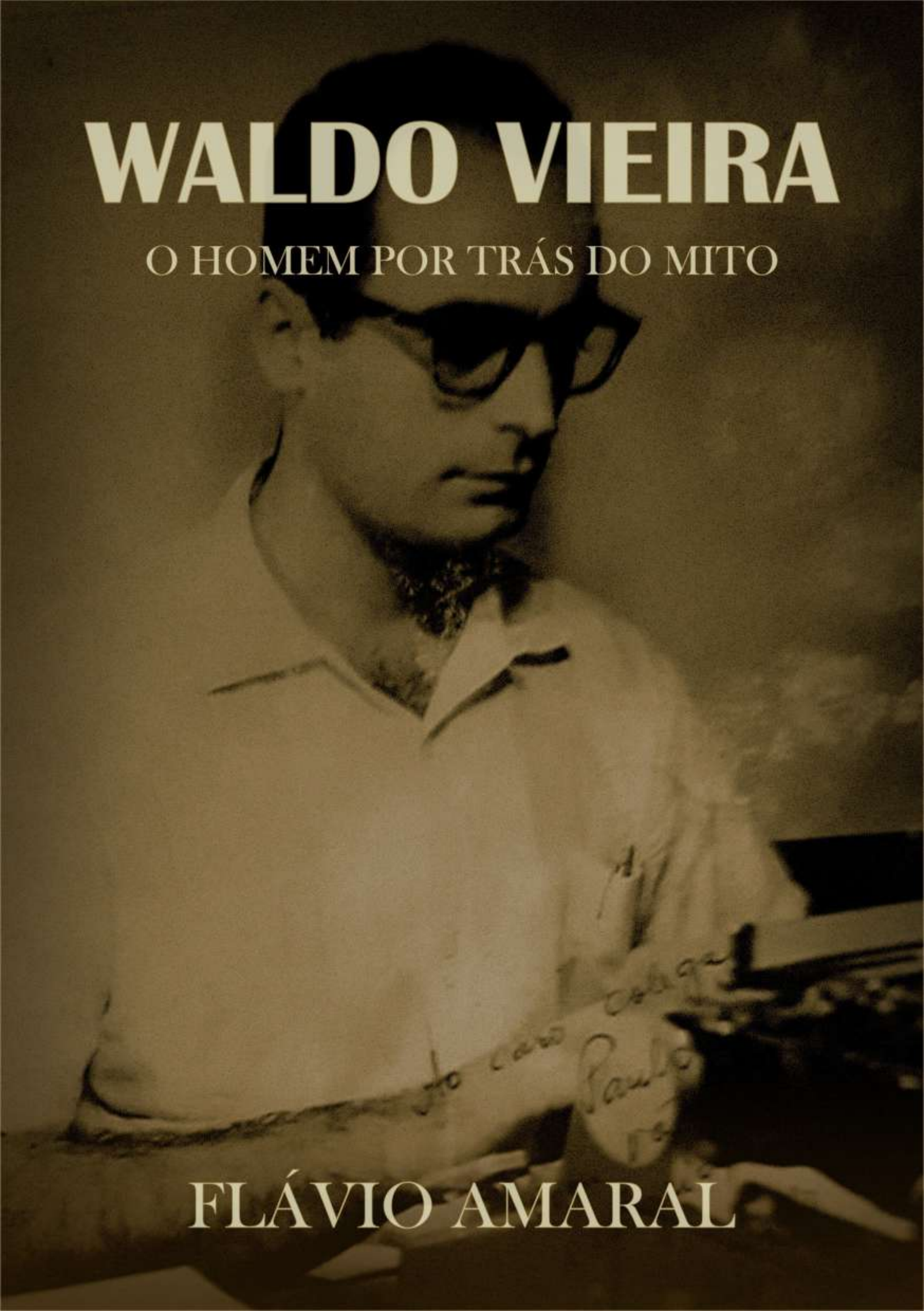
WALDO VIEIRA

O HOMEM POR TRÁS DO MITO



FLÁVIO AMARAL

Waldo Vieira

O homem por trás do mito

Flávio Amaral

Waldo Vieira: o homem por trás do mito
Autor: Flávio Amaral

1ª edição (impressa): 2021
2ª edição gratuita (digital): 2023

FICHA CATALOGRÁFICA

A485w Amaral, Flávio Ferreira

Waldo Vieira: o homem por trás do mito / Flávio Ferreira Amaral; prefácio Dalton Campos Roque. - Florianópolis : o Autor, 2023

2 ed.

242 p., il., 14cm.

Bibliografia: p. 235 – 242

ISBN 978-65-00-24103-7

1. Biografia. 2. Espiritismo. 3. Conscienciologia. I. Amaral, Flávio Ferreira. II. Título.

.

CDU 920

Outras obras do autor:

Inversão existencial: autoconhecimento, assistência e evolução desde a juventude (Editares, 2011, coautoria)

Teáticas da invexologia: otimizações e evitações à técncia da inversão existencial (2012)

Seitas e grupos manipuladores: aprenda a identificá-los (2015)

O que penso da conscienciologia (2020)

Agradecimentos

Meu primeiro agradecimento é a Paulo Demetrios, ex-colaborador do CEAEC, que me apresentou fotocópias de jornais espíritas de 1983 sobre Waldo Vieira, a título de mera curiosidade. Nenhum de nós sabia que aquele raro momento em que conversamos me ocuparia com uma vontade inafastável de investigar e esclarecer o assunto sobre a biografia de nosso ex-mestre.

A um público atento e acolhedor de ex-colaboradores e espiritualistas em geral - não tenho como nomear a todos - que me encorajou a seguir em frente na promoção da discussão pública e livre sobre a conscienciologia waldovieiriana. Trata-se de uma doutrina que se debruça sobre problemas relevantes da sobrevivência da alma, com dificuldades, entretanto, de se livrar das tendências sectárias que pressionam grupos e comunidades em geral, religiosos ou não.

Pela disponibilização de parte importante do acervo utilizado nesta pesquisa e gentil acolhimento, agradeço também à Biblioteca da Federação Espírita do Estado de São Paulo, à Folha Espírita Editora Jornalística e ao Núcleo Espírita O Semeador.

Não menos importante, a Dalton Campos Roque, por suas orientações valiosas no campo da editoração independente.

Sumário

Prefácio de Dalton Campos Roque

Conheci Waldo Vieira no Rio de Janeiro, bairro Glória, em meados de 1991/92, e fui voluntário do IIP, IIPC e CEAEC, respectivamente, inclusive em Foz do Iguaçu, PR. Nunca me indispus com ninguém por lá, com rusgas ou competições quaisquer, e saí andando digno pela porta da frente, quando abandonei, por opção, o movimento ao constatar que o ambiente já não estava de acordo com os meus valores cosmoéticos.

Aquela foi uma época de ouro em minha vida (no Rio de Janeiro). Sempre tive tendências técnicas, parapsíquicas e de pesquisa, e não tinha onde ir ou com quem conversar. Empolgado, entrei de cabeça. Comprei todas as obras e as devorei de capa a capa. Me inscrevi em todos os cursos e imersões e me entreguei de corpo e alma. Fui o aluno que mais fez perguntas nos cursos e imersões. Foi o IIP que me incentivou a escrever e a descobrir minha programação existencial.

Embora discreto, sempre fui observador, astuto e com alto nível de crítica e questionamento. Muitos voluntários, desde sempre se comportavam como membros de uma religião ou seita sem perceberem, era algo automático e não faziam por mal, era mais por ingenuidade. Mas me parece que o líder principal não se importava.

A mitificação à figura de Waldo Vieira não parava de crescer e nunca compactuei com isso. Ele, para mim, era apenas um “irmão mais velho”, uma “alma mais treinada”.

Todo mito vira religião, doutrina ou seita. É um automatismo do inconsciente grupal que se forma em derredor do mesmo. Constatamos isso na mitificação de Chico Xavier pelos espíritas, em Helena Blavatsky pelos teosofistas, em Samael Aum Weor nos Gnósticos, em Jesus pelos cristãos e mais algumas centenas de nomes

que não param de crescer. Eles são apenas irmãos mais "velhos" e alguns nem tão "velhos" assim. Perdoadas as limitações da história e das biografias, cada líder possuía e possui seu cabedal de limitações conscienciais humanas. Para mim algo natural que não irá me fazer admirá-los menos, até pelo contrário, me traz mais motivação para evoluir.

Mas quem mitifica guarda expectativa de perfeição, e quem aguarda perfeição, dos mais imperfeitos é. A mitificação fará o apaixonado ficar babando de boca aberta para sempre ou cairá em profunda frustração, quando descobrir que seu mito era apenas mais um ser humano encarnado com defeitos iguais aos seus (ou em negação eterna desses).

Este comportamento para mim está mais para projeção das carências e medos, um mecanismo inconsciente, é claro. Eram espiritualistas da classe média urbana com "síndrome do estrangeiro" procurando uma "pátria", procurando um sentido de pertencimento e identidade.

E, se o ambiente da Conscienciologia sabe a distinção e a extensão dos paradigmas cartesiano e o paradigma consciencial, ela se isolou numa torre de marfim paradigmática, fugindo da própria ciência, alegando ser dona da "verdade de ponta" (sic), colocando assim um ponto final nas possibilidades de debates, questionamentos e refutações, algo obrigatório em qualquer ciência de qualquer paradigma. Afinal, se pelo próprio rótulo já define que é "verdade", então para que mais debater? Com isso a "neociência" foi reduzida a crenças dogmáticas coletivas irrefutáveis. A palavra do mestre se transformou num dogma intransponível.

Não me entenda mal, é questão simples, de raciocínio dedutivo lógico e direto. Dispenso as justificativas e retóricas dispendiosas e curvilíneas, para refutar meu argumento e negar que não existe ciência do "eu sozinho".

Eu poderia, simplesmente dizer que esta

maravilhosa obra de Flávio Amaral é uma “verdade relativa de ponta”, mas não posso, em verdade ela é mais que isso, é uma verdade factual de ponta, já que faz análises sagazes e constatações dedutivas diretas e viscerais. Flávio traz perspectivas das mais inteligentes que me surpreenderam, em pontos onde eu não havia percebido, tanto em Waldo Vieira, em Chico Xavier, no espiritismo, e óbvio, no movimento da Conscienciologia também. Ele deve ter pesquisado centenas, talvez milhares de documentos, jornais e artigos antigos, e me parece uma montanha de trabalho.

Esta é uma obra importante e histórica, vai marcar uma época. Ela traz uma visão de conjunto quase na nascente do espiritismo no Brasil e sua transição para a Projeciologia, e em seguida para a Conscienciologia em passos bem detalhados, excelente para pesquisadores, curiosos e estudantes desses deliciosos assuntos.

Para terminar quero dizer que Waldo Vieira tem meus respeitos e minha admiração, muito mais ainda minha gratidão. Me considero um “filhote” dele, uma cria do conhecimento dele. Me considero mais admirador e mais respeitador que a mais apaixonada das tietes de Waldo Vieira, pois, uma tiete ama e não questiona, aceita tudo como verdade, e eu, mesmo questionando-o, mesmo refutando-o, admiro-o e gosto de seu trabalho, pois, eu foco e priorizo suas coisas boas e seus conhecimentos úteis com coragem e inteligência consciencial.

Não posso deixar de parabenizar Flávio por suas excelentes sacadas, que me surpreenderam, além do que a obra é leve e deliciosa de se ler.

Dalton Campos Roque*
9 de junho de 2020

*Engenheiro Civil, escritor e autor do site
www.consciencial.org

Prefácio do autor

Conforme avançava na redação deste livro, deparei-me com dois problemas persistentes:

O primeiro dizia respeito à extensão que o projeto ganhava. Mesmo com a carência de documentos e testemunhos, o conteúdo que cobria a primeira metade da vida de Waldo Vieira rapidamente ocupou 90 páginas. Por outro lado, as anotações acerca da segunda metade, com riqueza de registros, somada à experiência deste autor junto à comunidade intencional ligada a ele, desde 1999, e um convívio mais ou menos próximo ao biografado, entre 2004 e 2012, já ultrapassavam as duzentas páginas e estavam longe do final.

O livro ficaria longo e cansativo para o leitor não familiarizado com o assunto. Por esse motivo, passei a separar parte da informação para projetos futuros. O primeiro deles envolve um estudo mais detalhado da história da comunidade intencional formada em torno de Waldo Vieira (aqui denominada *Conscienciologia,* com "c" maiúsculo). O segundo, uma discussão sobre a visão de mundo defendida por Vieira e seus simpatizantes (aqui denominada *conscienciologia,* com "c" minúsculo). São dois assuntos que complementam a biografia waldovieiriana, mas extensos demais para serem incluídos aqui.

Para o leitor já familiarizado com o biografado, com a comunidade e sua cultura, alguns comentários sobre os últimos anos da vida de Vieira podem parecer chocantes, injustos, fora de contexto e pedindo melhor esclarecimento. Esta falta é resultado da escolha mencionada acima. Apenas a conclusão dos dois projetos acima, se um dia me for possível, poderá preencher tamanhas lacunas e sanar certas divergências.

Isso ocorre porque a projeção de Vieira não se deu exatamente em relação à sociedade em geral, ou mesmo à sociedade brasileira, mas dentro de um nicho

específico, uma “subcultura”, uma comunidade que se formou em torno do biografado, ao longo dos últimos 40 anos. Para uma compreensão mais completa de sua vida, é importante entender minimamente essa comunidade. Do contrário, tudo parece estranho e exótico.

Mas desenvolver o assunto aqui foge do objetivo principal, que é apresentar uma biografia minimamente coerente, situada historicamente, de um personagem que esteve entre as principais lideranças do movimento espírita de meados do Século XX.

A trajetória de Vieira nos ajuda a entender a trajetória do espiritismo em particular e da religiosidade brasileira em geral. O período espírita do biografado, que inicia no berço e culmina nos anos em que trabalhou ao lado de Chico Xavier (de 1958 a 1966), situam-se justamente na “fase áurea” do espiritismo. Está compreendido, não por acaso, entre os fins da Era Vargas e o início da Ditadura de 1964.

Quando o biografado “sai da vida pública”, para só retornar em 1979, já na reabertura do regime político, é para interagir por algum tempo com um movimento espírita razoavelmente diferente, sob tensões e crises de identidade que não foram resolvidas até hoje. A formação da Conscienciologia, na sequência, não brota “do nada”, mas é um fruto desta crise, faz parte da história das transformações culturais e religiosas da sociedade brasileira no período.

Uma parte importante dessa história se encontra dispersa, não documentada e demanda esforço de escavação. A maior parte dos companheiros e familiares de Vieira da época espírita já faleceram. Com sorte, deixaram relatos para seus filhos e algum vestígio eventual. Há ainda os que prefiram silenciar. O afastamento entre Vieira e os espíritas de Uberaba deixou ressentimentos, e a postura agressiva do biografado com relação ao espiritismo, em suas últimas décadas de vida, acrescentou ainda mais amargura a essa relação, constrangendo a comunicação aberta sobre

o tema.

O mesmo se passa com relação à segunda metade da vida do biografado. Embora muita gente tenha convivido com Vieira ao longo desse período, aqueles ainda próximos costumam ter um zelo especial em falar sobre o líder. Há um cuidado muito grande em preservar a imagem comunitária, não sem motivo, já que comunidades intencionais costumam ser vistas com bastante preconceito pela sociedade em geral, e são um alvo frequentemente visado pelos abutres da imprensa.

Se este livro servir para estimular a curiosidade dos leitores a respeito desse período da História brasileira, que tem muito a ensinar sobre nossa formação cultural e religiosa, já me dou por satisfeito. Se, além disso, servir como incentivo para que outros, com melhores condições do que eu, possam trazer à tona informações mais detalhadas a respeito do passado do biografado e da Conscienciologia, e inclusive corrigir possíveis erros existentes no presente livro, ajudando a preservar nosso conhecimento histórico, será ainda melhor.

O autor
27 de abril de 2020

I

Infância

Batismo

O nome *Waldo* é incomum no Brasil. Ainda mais no Interior mineiro, de 1932. Vieira nos diz que o nome foi escolhido por seu pai - Armante - em homenagem ao pensador estadunidense Ralph Waldo Emerson (1803-1882). Ou seja, o que quer que Emerson representava para Armante, foi suficiente para batizar o primogênito.

Emerson foi escritor e palestrante de grande projeção em sua época. Estudou em Harvard, seguindo aspirações teológicas do pai, mas com o passar do tempo abandonou funções religiosas e passou a lecionar de maneira independente, para círculos "seculares". Tornou-se um dos escritores mais influentes da literatura norte-americana de seu tempo. Representou também a trajetória da pequena-burguesia progressista de então, num afastamento da religião institucionalizada e dominante, e aproximação a ideais científicos e liberais.

O distanciamento de Emerson do cristianismo não significou um abandono do que hoje chamamos de espiritualidade. O escritor foi um dos fundadores do Movimento Transcendentalista norte-americano, que se voltava ao desenvolvimento intuitivo e espiritual do ser. *Grosso modo,* Emerson foi uma espécie de precursor dos "gurus de autoajuda" que pipocariam nos EUA, décadas mais tarde.

Se Emerson era uma espécie de ídolo para Armante, foi também um "herói americano" daquela cultura. Ícone de uma nação que simbolizava a modernidade vencendo a tradição, o novo superando o antigo, a superpotência que germinava, a se tornar paradigma cultural e xerife do Mundo. Como o leitor verá ao longo da biografia, estas representações também estão presentes em Vieira, em maior ou menor grau. Por ora, creio que elas nos ajudem a formar um perfil de seu pai.

Armante Vieira parece ter gosto literário. Embora

R. W. Emerson fosse muito popular nos EUA, ele não seria conhecido no Brasil interiorano e analfabeto da época, exceto por homens afeitos à literatura. É possível que Armante soubesse ler em inglês. Ao invés dos nomes de origem latina, trazidos por nossos imigrantes, ou de santos católicos, bem mais comuns, este pai de descendência portuguesa batizou seu primogênito e os filhos seguintes com nomes americanizados - Waldo, Walter e Wando.

São indícios de um Armante que possivelmente não se identificava com o Brasil rural "atrasado" e admirava as metrópoles do Hemisfério Norte. Aqueles *dáblios* no lugar de *vês* representam um pouco dos sonhos de uma pequena classe de profissionais liberais que tentava encontrar seu lugar num Brasil em transformação, entre a República Velha agrária e a Era Vargas industrial e urbana. Uma classe em formação que não tinha muitas raízes locais às quais render homenagens - nem camponesas, nem aristocráticas - e acabava se inspirando na produção cultural das pequenas-burguesias internacionais.

Armante Vieira foi importante exemplo intelectual ao pequeno Waldo. Era dentista prático, de profissão, ou seja, alguém que veio "debaixo", possivelmente sem condições de ingressar nas pouquíssimas escolas existentes em seu tempo. Aprendeu por fora das instituições a dominar um ofício respeitado, que lhe deu condições de sustentar uma família. Os práticos da saúde eram cada vez mais proibidos, para assegurar o corporativismo da classe médica oficial. Armante não deixava de ser um subversivo, sob esta ótica.

Além disso, sem ser escritor, jornalista, advogado nem homem das Letras, Armante compreendia a importância da erudição, cultivando o gosto pelos livros. Batizara o filho com o nome de um pensador que, a sua semelhança, também teve uma trajetória autossuficiente e autodidata. É razoável imaginar que Vieira tenha sido estimulado pelo pai, seja no gosto por questões

filosóficas e metafísicas, na vocação para a profissão médica e, também, na autonomia do *self made man*.

Além disso, sua mãe, Aristina Rocha, era professora primária. Com ela, Waldo foi alfabetizado e recebeu as primeiras lições. A preocupação dos pais com a educação do menino foi suficiente para que lhe contratassem, dos 10 aos 12 anos de idade, um professor particular - Vicente Lopes Perez - para suprir a falta de escolas na região. Foi o que lhe capacitou ser aprovado no exame para o Colégio do Triângulo Mineiro, em Uberaba, iniciando os estudos ginasiais em 1945.

Berço espírita

Um segundo aspecto da formação do pequeno Vieira são as práticas espíritas. Segundo o biografado, desde os 3 anos de idade manifestava percepções extrassensoriais que deixavam a família surpresa, como falar de uma antiga casa da vizinhança, derrubada antes de seu nascimento, ou de um espírito obsessor que atormentava a família, com traços faciais idênticos a um desafeto morto pelo pai numa briga, ou ainda a descrição fisionômica e o desenho do espírito de Eurípedes Barsanulfo, auxiliando uma sessão mediúnica.

Vieira não detalha como era o envolvimento dos familiares com o Espiritismo, fazendo parecer que os fenômenos parapsíquicos do menino eram estranhos ao contexto doméstico. Mas o fato é que a família, tanto da parte materna quanto paterna, foi militante ativa do espiritismo por muito tempo.

Em *Zéfiro,* Teles (2014) faz algumas insinuações sobre isso. Conta-nos que os pais do menino chamaram o casal Maria Leite e Aristides de Paiva para conduzirem uma sessão de cura espiritual em favor do pequeno Walter, que sofria de epilepsia. Maria Leite é médium e Aristides é mencionado por William Alves de Oliveira como um dos fundadores do movimento espírita de Monte Carmelo (GOBBO, 2012).

Opala Pinto (carinhosamente chamada de "Opalina"), irmã de Aristina, conduzia sessões frequentes na casa dos Vieira, com várias pessoas presentes. Numa das oportunidades, já adolescente, Vieira escreveria seu primeiro poema psicografado. Futuramente, Aristina apresentaria o jovem Waldo ao médium Chico Xavier, dando início a longa relação entre ambos.

A historiografia espírita nos fornece dados adicionais, que dão melhor ideia sobre a participação ativa da família Vieira junto ao espiritismo. Veloso (2007) não deixa dúvidas quanto a isso. Armante, embora não fosse parte do quadro fundador do Centro Espírita Humildade, Amor e Luz (ativo desde 1934), figura entre as cerca de *140* pessoas que "sempre estiveram presentes, tanto nas reuniões públicas, como nas reuniões de estudos" (p. 51). Trata-se do primeiro centro espírita de Monte Carmelo.

A mãe de Waldo tampouco figura em algum quadro diretor ou fundador, mas sua contribuição importante fica subentendida em diversos trechos do livro supracitado, *A História do Espiritismo em Monte Carmelo.* Seu autor refere-se por duas vezes àquela cidade pelo curioso apelido de "terra de Aristina Rocha."

Vieira menciona ter recebido aulas de catecismo espírita, também citadas por Veloso. A primeira turma, com 19 crianças, iniciou em 1938. Em síntese, é ponto pacífico que a cosmologia e as práticas espíritas eram parte constitutiva do lar dos Vieira.

Nas décadas de 1930-40, há poucos registros da atuação de Armante junto ao movimento. Sua participação foi prejudicada por uma infecção, que o obrigara - diabético - a amputar uma perna. Não obstante, o que podemos saber é que o pai de Vieira participou de um movimento que não era pequeno para a região onde moravam.

Trata-se de uma cidade que tinha apenas uma escola, por exemplo, e não atravessava prosperidade, mas declínio, devido ao esgotamento das jazidas de

diamante. Não obstante, o Centro Espírita Humildade, Amor e Luz, único na cidade, fez sua primeira distribuição natalina de roupas e alimentos, em 1938, para mais de 300 pessoas. Vieira teria 6 anos de idade, já colocado nas aulas de catequese e acompanhando a movimentação de sua família em torno dessas atividades.

Em seu primeiro ano, a entidade realizou entre 10 e 20 sessões, que atendiam de 100 a 150 pessoas, *mensalmente*. Segundo Veloso (2007), fiéis de outras religiões vinham buscar o contato com Deus nos cultos espíritas, devido à falta de outras cerimônias cristãs locais. Um deles foi o Sr. Orcalino de Oliveira, protestante, que anos mais tarde fundaria o Centro Espírita Luz e Caridade.

Entre os anos 30 e 40, Aristina estava ocupada com seus 3 filhos pequenos e, na sequência, com a doença de Armante. Entretanto, na década de 1950 ela desponta como um dos principais nomes do espiritismo carmelitano, sendo organizadora das vindas de Chico Xavier para a cidade, anualmente, na época de Natal. É descrita por Veloso (2007) animando as atividades lítero-musicais da União da Mocidade Espírita e sustentando campanhas de enxovais para recém-nascidos. Atualmente, o Centro Espírita Luz e Caridade batizou com seu nome a campanha de doação de cobertores.

A tia Opalina, após residir por uma década no Rio de Janeiro, retornou ao movimento espírita mineiro, atuando como secretária do próprio Chico Xavier. Esta é citada por ninguém menos que Elias Barbosa como uma "excelente médium", que trabalhara em diversas oportunidades com a psicógrafa e "Dama da Caridade" Vandir Justino da Costa Dias (MATOS, 2002). A biblioteca do Centro Espírita Humildade, Amor e Luz leva o nome da "Dona Opalina".

Embora o papel das mulheres na história apareça, com frequência, minimizado, é possível encontrar na historiografia espírita ainda mais registros de Aristina e Opalina do que do próprio Armante. É inclusive notável o

quanto as mulheres recebem destaque no espiritismo, quando comparado a outras religiões.

É interessante notar que o pai de Aristina e Opalina era delegado de Monte Carmelo. Embora o espiritismo fosse proibido e a religião oficial brasileira ainda era a Católica, esta religião conquistava seu espaço, preenchia os vazios deixados pelo catolicismo, se articulava e tinha presença junto a diversas classes sociais, tornando de certa forma difícil sua completa repressão por setores conservadores das classes dominantes. Quem iria mexer com os espíritas de Monte Carmelo, quando duas médiuns da cidade são filhas do delegado?

Já em Uberaba, aos 15 anos, Vieira começou a participar como médium nas seções do centro espírita Casa do Cinza, dirigida por Odilon Fernandes. Foi quando começou a ter contato com o espírito chinês “Tao Mao”, que inicialmente se comunicava através de Hermílio S. Nóbrega e Ida Miranda (TELES, 2004). Tao Mao acompanhou Vieira por muito tempo, até as atividades da conscienciologia.

Vieira comenta que, já na adolescência, entrou para a Maçonaria “a pedido de sua mãe”. Cabe lembrar que pedido de mãe não é suficiente para que alguém ingresse na Maçonaria, muito menos um adolescente. Trata-se de uma organização conhecida por seus critérios seletivos de ingresso, dependentes de indicação pessoal. Da mesma forma que, por analogia, dificilmente deixariam um rapaz desconhecido de outra cidade coordenar sessões mediúnicas. É importante não perder de vista a importância de ter nascido numa família relativamente bem-articulada, não apenas na cidade mas regionalmente, entre espíritas e, ao que parece, maçons, e que integrou o rapaz naquele meio desde a tenra idade.

Situação econômica

Ao falar da própria infância, Vieira destaca sua condição de menino pobre, que precisava enfrentar a fome. Acrescenta que trabalhava desde cedo e, com as economias, comprava livros. Isso aparece na obra já citada, *Zéfiro: a paraidentidade intermissiva de Waldo Vieira* (TELES, 2004).

Nunca é demais manter o senso crítico sobre a maneira como uma pessoa constrói a narrativa autobiográfica. Há pessoas com experiências riquíssimas acreditando que suas vidas não valeram muito. Há pessoas que superestimam vivências normais, narrando-as como feitos extraordinários. Não raro, uma mesma pessoa pode oscilar entre esses dois pólos, conforme o humor do momento. Distorções de autoimagem são *regra,* não exceção, já que a imagem que formamos sobre nosso passado é inevitavelmente afetada pelo nosso estado psíquico presente.

Cuidado ainda maior precisa ser aplicado a autobiografia de pessoa pública. Vieira dedicou-se integralmente a promover a conscienciologia, nas últimas 4 décadas de sua vida. Ele não foi apenas a máxima liderança, política e ideológica, da comunidade, mas o garoto-propaganda, símbolo e ícone desta. A reputação da conscienciologia estava intimamente atrelada à reputação do mestre, sendo interesse de todos os divulgadores sustentar uma boa imagem a respeito do fundador.

No Brasil, pobreza e riqueza são fortemente carregadas de conotações morais. Não é por acaso. Trata-se de um dos países mais desiguais do Mundo, com uma força repressiva policial às classes subalternas que se compara à de países em guerra, limitando as chances de ascensão social. O País tem a marca da escravidão e do latifúndio na base das relações sócio-econômicas, portanto, cuja elite se formou através da crueldade e do privilégio hereditário.

Não espanta que nossa cultura carregue as marcas dessa história. Para que alguém seja visto de maneira heroica, deve ter vindo da pobreza e ascendido, pelas próprias forças, à riqueza. Se Vieira nascesse rico, seu público atribuiria mérito menor a suas realizações, notadamente as mais custosas. Sendo assim, a "narrativa do menino pobre" é quase obrigatória para que ele seja visto como alguém que "evoluiu" na sociedade brasileira.

O depoimento vieiriano sobre a infância pobre tem grande poder de convencimento entre seus voluntários. Em *Zéfiro,* por exemplo, tal narrativa é reproduzida junto a fotografias e outros dados que a contradizem, causando a impressão de que a incoerência não foi sequer notada pela equipe ligada a Vieira.

Para traçar um perfil mais objetivo sobre a situação sócio-econômica do menino, precisamos começar pelo núcleo familiar. A informação disponível é que seu pai era dentista prático e sua mãe, professora primária. Se for assim, Vieira se enquadrava dentro de uma classe média de profissionais liberais. Não eram exatamente a elite mineira de grandes fazendeiros ou industriais, ou funcionários do alto-escalão da burocracia, mas também não eram empregados, da cidade ou do campo, desprovidos de toda base material.

A título de ilustração, no feriado de 7 de Setembro de 1928, o jornal do município de Patrocínio informa a chegada de um casal e 3 filhas à cidade: "Da sociedade de Monte Carmelo, a passeio, esteve na cidade, Felipe Pinto, acompanhado de sua esposa D. Miluca e de suas filhas Aristina, Opalina e Alcina Pinto..." (ALMEIDA, [1997?]). São os futuros avós maternos e tias de Waldo Vieira. O biografado comenta, em entrevista, que Felipe era o delegado de Monte Carmelo (CONSCIÊNCIA LÚCIDA, 2016c).

À época, Armante e Aristina já tinham uma filha, Ruth Rocha, embora estivessem separados. Felipe e Miluca parecem ter aproveitado as festividades do Dia da Independência para apresentar as filhas à sociedade

patrocinense. Possivelmente se preocupavam com o destino de sua primogênita, que já tinha 28 anos de idade, era separada e tinha uma menina para cuidar.

A família não seria noticiada numa coluna social sem ter boa influência na região ou alguma quantia a pagar. Não faz parte da realidade de famílias pobres fazer uma viagem longa para apresentar filhas à sociedade durante festividades. Muito menos sair na coluna social do jornal local. Não parece exagerado acreditar que Dona Aristina, mãe de Vieira, seja oriunda de família com alguma influência na região.

Após reatarem a relação, Aristina continuou usando o sobrenome de solteira - Rocha. Em nenhum momento da pesquisa encontramos a menção de uma Aristina "Vieira", um detalhe que não passaria em branco no livro *Zéfiro.* Vieira e sua equipe sempre prezam por informar o nome completo dos personagens mencionados.

Não ter adotado o nome do marido numa época em que isso era obrigatório à mulher casada é indício de que o casal era "amasiado", ou seja, o casamento era informal. É provável que a situação financeira de Armante fosse instável, na época do reenlace, motivo pelo qual a família de Aristina não fez questão de formalizar o matrimônio, ou até tivesse dúvidas a respeito de quanto tempo ele duraria.

Numa breve digressão, a título de curiosidade, isso pode inclusive ter influenciado as noções futuras de Vieira a respeito do casamento formal, apresentadas sob o conceito de "inversão existencial". Não adotar o sobrenome do marido também pode ter afetado o "orgulho masculino" de Armante, numa época em que cabia ao marido ser o provedor material da esposa.

O perfil de classe média condiz com as fotografias familiares apresentadas em *Zéfiro*. Elas nos mostram jovens bem nutridos, crianças bochechudas, com brinquedos, roupas limpas e sapatos. Na foto de família, observa-se que os vestidos são confeccionados por eles

próprios, com uma mesma peça de tecido, e também há ternos para os homens. Não eram vestidos aristocráticos nem, tampouco, roupas velhas e remendadas. Não menos importante, *há fotos,* para uma realidade interiorana da década de 1930. Todos esses indícios apontam para uma família que, embora não fosse abastada, não estava em situação de pobreza, tendo recursos para algum consumo além da primeira necessidade.

A suspeita também está de acordo com os demais dados apresentados pelo biografado, sem que a biógrafa chame atenção para as contradições. Por exemplo, Vieira elogiava seu pai por ser "muito assistencial", comprando remédios, dando dinheiro e comida aos necessitados. Obviamente um pai não deixa os filhos passarem fome enquanto faz caridade à comunidade, o que também demonstra que a família tinha recursos excedentes, para além do nível de subsistência.

O pequeno Vieira tinha uma ama-de-leite, que também mostra que a família tinha alguma condição de contratar alguém para ajudar na criação do menino. O biografado nos conta que sua mãe, devido à idade e à distância que separou a primeira e a segunda gravidez, não conseguia produzir leite. Não vamos esquecer que Aristina teria ainda mais dois filhos, na sequência.

As amas-de-leite não eram mais somente um luxo da aristocracia proprietária de escravos. Com a abolição da escravatura, grande parte das mulheres negras permaneceu ligada a tarefas domésticas, de maneira assalariada, numa faixa de preços "populares" - a segregação racial praticamente impossibilitava o acesso dessas mulheres a atividades bem-remuneradas.

As mulheres brancas cada vez mais participavam do mercado de trabalho urbano, sendo quase um imperativo às famílias de classe média a necessidade de contratar cuidadoras. A "babá" é o que há atualmente de mais próximo à ama-de-leite do século passado, um ofício que foi sendo abolido, não por acaso, em

concomitância com a chegada da Nestlé no Brasil, consolidando a indústria de laticínios e farinhas lácteas, pressionando por “regulamentações” oficiais. Leia-se, formas de dificultar o exercício livre de atividades remuneradas pela população mais pobre (GIL, 2018).

Vieira destaca que já trabalhava desde pequeno, “entregando marmita”. A afirmação pode soar extraordinária no imaginário do público contemporâneo pois, na realidade da classe média urbana atual, não se concebe uma criança entregando marmita ou “trabalhando”, no sentido de ter emprego remunerado mais exigente. Atualmente, a renda que uma criança consegue obter em trabalhos pouco qualificados, numa cidade, é muito pequena, irrisória para uma família de profissionais liberais, fazendo com que os pais prefiram envolvê-las em outras atividades de educação e formação.

Quando um cidadão da classe média urbana contemporânea escuta Vieira dizer que “precisava trabalhar na infância,” facilmente pensa nos padrões atuais, onde a criança que “precisa trabalhar” é aquela que efetivamente faz qualquer coisa para não morrer de fome, como vender balas em semáforos. Ou talvez imagine as crianças que ainda eram empregadas na indústria no início do século XX, em rotinas que chegavam a 10 ou 12 horas diárias. Sente-se quase na obrigação de reverenciar o pequeno Vieira que, aparentemente, teria ultrapassado condições tão árduas.

Mas o próprio Vieira explica o que era seu trabalho. Ruth, 11 anos mais velha, “cozinhava para fora”. A jovem prestava este e talvez outros serviços de caráter doméstico, como os que se reservavam tradicionalmente às mulheres da época. Assim, ela ajudava a complementar a renda familiar. Vieira, em sua bicicleta, levava as marmitas feitas pela irmã aos clientes. Ou seja, o menino estava inserido numa atividade econômica da família.

Se fossem pobres carmelitanos, seus pais

dificilmente seriam profissionais liberais, mas camponeses empregados na lavoura ou manufatura. O garoto trabalharia na roça, para ajudar com a produção que os alimentaria. Mas, sendo de uma classe média urbana, tinham algum excedente que permitia à irmã cozinhar para fora. Mais um indício de que não passavam fome.

Além do mais, conforme já mencionado, Vieira afirma ter tido um "preceptor", um professor particular, na infância, condição que não cabe no orçamento de uma família pobre. Preceptoria foi uma atividade que se difundiu durante o Iluminismo, entre os nobres europeus, quando ainda eram poucas as instituições de ensino laicas. Numa realidade mineira interiorana, foi recurso usado por famílias que tentavam suprir a falta de escolas locais. De qualquer maneira, seguramente não seria uma opção para quem vivesse à beira da fome.

O "gosto pelos livros", ressaltado por Vieira, também é um hábito que, para ser exercitado, requer tempo livre e recursos financeiros. É estranho pensar que alguém abdicaria de se alimentar para poder ler. Muito menos, compraria livros no lugar de matar a própria fome. Esse tipo de dilema aparece somente na classe média, que não pode comprar tudo, mas já tem algum recurso para fazer opções.

O autor afirma ter lido, ainda na infância, todas as bibliotecas de Monte Carmelo, destacando as de Artur Airosa - coletor da Receita Federal - (MINISTÉRIO..., 1939; RECEITA..., 2016) e Virgílio Rosa Fernandes - formado pela Escola de Farmácia e Odontologia de Uberaba (FERREIRA, 2015). É sensato esperar que o acesso era possível porque Armante não era um proletário qualquer, um empregado destes figurões. Armante era algo como "o dentista da cidade", alguém que já pertencia a estes círculos e podia deixar seu filho frequentar aquelas casas.

Ainda adolescente, Vieira ganhou uma estante chinesa da mãe para guardar sua biblioteca, na edícula que a família construíra (aos moldes de uma família de

classe média, sem problemas financeiros mais sérios). Vieira inclusive nos informa que a mãe não fazia ideia que a estante já era pequena para guardar o acervo do jovem. Conta-nos que, aos 14 anos, já tinha 1.250 livros especializados, em 5 idiomas (Teles, 2004).

Não surpreende que Vieira tenha sido criado junto aos livros, hábito que manteve até seus últimos dias de vida. Seu irmão mais novo, Wando, futuramente, se mudaria para o Rio de Janeiro e abriria uma livraria.

Conforme mencionado no capítulo anterior, a participação de Vieira na Maçonaria também indica que sua família era parte de uma classe mais seleta. Este não é um círculo formado por famílias pobres. Um estudo genealógico poderia traçar as origens da família e suas conexões. Chama atenção que o sobrenome de Aristina *Rocha* é o mesmo dos primeiros prefeitos daquela pequena cidade - José Cândido Fernandes e seu filho Coronel Olímpio - que governaram o município de 1888 a 1916 (RODRIGGO, 2012). Na família Alves Rocha, temos Joaquim - o "Tio Quim" - fazendeiro, que fez doação de lote urbano para a construção do Lar das Crianças, uma entidade espírita.

Para construir a narrativa da pobreza, Vieira se utiliza de um episódio da adolescência onde passou fome. Trata-se do primeiro ano no internato de Uberaba, mais especificamente durante as férias, quando permaneceu na escola, sem voltar para Monte Carmelo. O motivo para não voltar para casa é obscuro e será discutido posteriormente. Entretanto, é previsível que Vieira não tivesse dinheiro guardado para se manter. Aquele rapaz de 14 anos de idade não tinha parentes na cidade (muito menos cartão de crédito e caixa eletrônico). Recém-chegado em Uberaba, seus colegas viajaram de férias e o rapaz passaria fome durante aqueles dias enquanto dependeria dos mantimentos disponíveis na escola.

Eram anos particularmente difíceis para o Brasil e o Triângulo Mineiro. A Segunda Guerra Mundial elevou os

preços de *commodities* internacionalmente, criando pressão inflacionária em países dependentes do comércio exterior. Além disso, o próprio envolvimento do Governo brasileiro na guerra direcionou recursos para aquele fim. Uberaba sofria com a inflação e o desabastecimento de bens de primeira necessidade, como açúcar, farinha, água e energia elétrica (FONSECA, 2010). É esperável que o colégio onde Vieira estudava sofresse com a conjuntura, motivo pelo qual ele comenta que, eventualmente, os alunos internos invadiam a cozinha, à noite, para roubar comida.

Retornarei ao episódio das férias solitárias à frente. Por ora, acredito ter ficado claro que Vieira não era exatamente pobre, como os que vivem abaixo da linha de subsistência, e nem de uma classe “média-média”, como as famílias que vivem exatamente na linha de subsistência. O biografado provém de uma classe média-alta, ou seja, de uma família que tem recursos para além desse limite. Na sua narrativa autobiográfica, Vieira superestimou episódios eventuais de carência material, e o baixo desenvolvimento econômico relativo da região, como critérios de pobreza doméstica, fortalecendo em torno de si a imagem de alguém que passou por sacrifícios financeiros sobre-humanos para chegar aonde está, e assim valorizar sua trajetória de vida.

Contexto social

Conforme o afirmado acima, é preciso lembrar que os Vieira não eram membros das aristocracias rurais ou classes dominantes. Apesar de não serem pobres, tampouco tinham “a vida ganha”. Precisavam trabalhar e encontrariam barreiras na busca pela ascensão social. É neste sentido que, ao falar de sua juventude, um dos pontos que parece especialmente significativo para Waldo era a condição econômica. Ela não era das piores, mas seria alvo de preconceitos de classe, sofridos

eventualmente.

Numa oportunidade, ainda criança, o biografado narra que fora estudar na casa de um colega mais rico e a dona da casa lhe olhou com certa aversão, por suas roupas simples. Ao chegar em casa, o pequeno Waldo contou o fato para sua mãe. Dona Aristina lhe orientou que, a partir de então, não entrasse mais naquela casa. Se o colega quisesse estudar, que viesse à casa deles.

Posteriormente, no ensino secundário, Vieira conta que recebera dos colegas o apelido de *Tostão*, uma sátira à falta de dinheiro do menino. O jovem era aluno bolsista de internato particular, frequentado por garotos mais ricos do que ele, filhos de fazendeiros, altos funcionários do Estado, homens de negócio, muitos herdeiros diretos de uma sociedade escravagista e aristocrática, com seus preconceitos e visão de mundo, e que podiam pagar por algo que ainda era um luxo - escola secundária.

Vieira estudava com bolsa, devido a seu bom desempenho, e não seria "tão pobre" se sua família morasse em Uberaba. Mas a 150 quilômetros de casa e sem nenhum parente próximo, é de se esperar que Vieira não tivesse dinheiro em mãos, mesmo que sua família possuísse algum recurso.

O biografado comenta que aprendeu a sair por cima, apoiado em sua inteligência, passando a trocar aulas informais de reforço por pequenos lanches. Levaria experiências assim para sua visão de mundo sobre o modelo ideal de evolução, que é a figura do *self-made man,* a pessoa que criou a própria carreira sem suporte de ninguém, muito menos de instituições.

Essa epopeia não diria respeito apenas a superar condição econômica mas, também, defender sua liberdade religiosa. Embora a Constituição de 1891 já determinasse a laicidade do Estado, a pressão da Igreja Católica sobre as religiões minoritárias continuaria forte. Além do mais, no início da República, já se nota a presença da corporação médica defendendo sua exclusividade na prática da saúde.

Como resultado, no Código Penal de 1890, em seu Artigo 157, vigente até 1964, era crime passível a 6 meses de prisão e multa de até 500 mil réis:

> "praticar o espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar talismãs e cartomancia, para despertar sentimento de ódio ou amor, inculcar curas de moléstias curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade pública"

A legislação não era aplicada em todos os casos, pois alguns praticantes destes "sortilégios" eram membros da alta sociedade, inclusive médicos, advogados e militares. Mas ela servia como recurso importante que de fato foi usado por médicos tradicionais e lideranças católicas para intimidar os "concorrentes" espirituais que se aventurassem no trabalho terapêutico ou doutrinário.

Em 1904, Oswaldo Cruz reforçou a perseguição, com o Artigo 215 do Decreto 5.156. Espíritas foram presos e centros, fechados, durante a Primeira República (ARRIBAS, 2008; GOMES, 2013). Neste cenário, as organizações espíritas seriam colocadas em maior ou menor grau de tensão permanente. Campanhas médicas tentando "patologizar" o espiritismo, bem como os ataques da Igreja Católica, marcaram a história desse movimento desde o início. É natural que tal contexto tenha influenciado a formação do jovem Vieira.

O biografado eventualmente mostra indícios de como a experiência da espiritualidade não se dava imune a tensões sociais. Com frequência comenta que sua mãe, desde as primeiras manifestações paranormais, lhe dizia para "não revelar tudo o que sabia", pois não seria compreendido e poderia até ser ostracizado. Aos 14 anos de idade, Vieira mostrou a um professor de História Natural uma listagem com 222 de fenômenos paranormais, estando seguro que a mais importante era a "experiência fora do corpo". O professor retrucou,

perguntando-lhe de onde havia *copiado* aquilo. Vieira utiliza tais exemplos para ilustrar a ampla consciência que tinha sobre sua missão de vida, já naquela época, e de como as pessoas não o compreenderiam ainda por muito tempo.

Missão espiritual

Já com setenta e poucos anos de idade, Vieira "abriu o jogo" para seus discípulos: ele foi, antes de sua última encarnação, o espírito Zéfiro. E era algo que ele sabia desde criança, mas não revelava, pois as pessoas não estavam prontas para saber.

É apenas na biografia de Teles (2014) que Vieira informa um detalhe importante sobre as circunstâncias em que descobriu ter sido tal espírito. Afirma, a autora, que essa revelação foi feita por uma carta psicografada, escrita por "conhecida médium," e também por comentários, durante o transe psicofônico desta, numa sessão espírita. Este não foi um dado irrelevante e merece uma reflexão.

O pequeno Vieira "soube" que era o espírito de Zéfiro por meio de adultos que eram referência em sua vida e que lhe *revelaram* a informação. Zéfiro é um personagem que aparece muito brevemente em relatos do fundador do Espiritismo, Hippolyte Rivail, e que teve papel importante como "mestre de cerimônias" daquele jovem pesquisador francês.

Zéfiro se apresenta a Rivail como um "espírito familiar", que o conhecia há séculos, e lhe inspira a usar o pseudônimo Allan Kardec, pelo qual se tornou mundialmente conhecido. O pseudônimo seria o nome de Rivail em vidas passadas, quando ele e Zéfiro eram druidas na Europa medieval.

Em suma, um menino com talvez 9 anos de idade é informado, durante sessão espírita em sua própria casa, que fora nada menos que o primeiro guia espiritual do fundador da doutrina pela qual sua família se

dedicava tanto. A mãe lhe adverte a não sair falando por aí. Mas o primeiro problema é que, não só a família como os principais médiuns da cidade, a partir de agora, também “sabem” da identidade espiritual do menino e passariam a olhá-lo como tal.

Se Vieira foi ou não o referido espírito, ou se existiu o espírito de Zéfiro, ou se espíritos realmente existem, são questões muito além do que o presente livro é capaz de argumentar. Em qualquer caso, podemos esperar que Vieira tenha crescido sob expectativas sociais nada desprezíveis. Para aqueles médiuns, Vieira seria o arquétipo de um menino prodígio, reencarnação de alguém extremamente importante, quase um salvador.

São expectativas comuns fomentadas em todas as religiões e também fora delas, e que podem ter peso maior ou menor na formação de uma criança. Quantas expectativas não passaram a ser alimentadas, mesmo que silenciosas e inconscientes, sobre aquele primogênito? Com a personalidade em estágios iniciais de sua formação, Vieira já tinha encarnando - para fazer um trocadilho - um espírito de nível evolutivo e responsabilidade nada desprezíveis.

Em *The Drama of the Gifted Child,* Alice Miller (1990) fala sobre o problema da criança que, antes de aprender a lidar satisfatoriamente com as próprias necessidades, começa a fazer renúncias para preencher os desejos (conscientes e inconscientes) de seus pais. E quanta abnegação não seria esperada de um Zéfiro que renascia em meio a um povo simples e sofrido, dentro de uma família que se propunha a levar apoio material e espiritual para a população.

Conforme não conta para os outros, Vieira tem menos oportunidades para problematizar o assunto. Começa a consumação de uma verdade que vai se sustentar ao longo de toda a sua vida. Vieira toma o lugar de alguém que sabe de algo que os outros não sabem. Sua trajetória é muito caracterizada por assumir

esse lugar de um “messias”, alguém que, no tempo devido, revela a boa nova ao público.

Note-se que o menino receberá essa dose de reverência extra do círculo familiar mais próximo. Sendo criança, Vieira não teria motivos para se opor a isso e, inclusive, obteria ganhos afetivos em participar dessa relação. Qual criança vai se opor a receber admiração dos pais e seu círculo social adulto?

Os pais o veem como a encarnação de um mentor espiritual e ele vê os desconhecidos como pessoas que ignoram sua realidade. Pela tenra idade, não teria muitas referências de como se relacionar com os outros de maneira diferente.

Desde cedo, portanto, Vieira assumiu a *persona* de um prodígio, possuidor de conhecimento transcendente, “para além das pessoas do seu tempo”. Por outro lado, como vimos, o menino também seria alvo de incompreensão e preconceito, tanto por ser espírita como por estudar em colégio reservado a uma classe social mais alta que a dele. Estes lugares potencialmente conflitivos terão papel central em sua vida e dão pistas sobre a trajetória do biografado, suas escolhas e estratégias, suas posições como guardião de conhecimento elevado, “escolhido” da espiritualidade para uma missão, incompreendido, discriminado e até perseguido.

Lar, doce lar

A história familiar mais antiga contada por Vieira é sobre os antecedentes do nascimento. Seus pais tiveram Ruth, primeiro bebê da família, 12 anos antes de Vieira. Todos moravam na casa dos pais de Aristina. Durante esta gravidez, Armante foi pego “pulando a cerca” e expulso da casa. Vieira comenta que, enquanto espírito, fazia esforço para que seus futuros pais voltassem a se aproximar (CONSCIÊNCIA LÚCIDA, 2016c).

Eventualmente Vieira dá a entender que seu pai

era “paquerador”. Em algum momento, seu pai lhe contou que sofrera uma emboscada de um rival e, como estava armado, acabou o matando. O motivo da briga seria a disputa por uma mesma pretendente.

De qualquer maneira, o que temos é uma situação instável: uma mulher separada, com cerca de 30 anos de idade e uma filha pequena, morando com os pais. Não era à toa que Felipe Pinto ainda apresentava Aristina e suas irmãs à sociedade, à procura de marido.

Armante era diabético e, devido a uma infecção causada por bicho-de-pé, começou a ter complicações de saúde. Passou por diversas amputações, até chegar na coxa. Isso sensibilizou a ex-mulher e o sogro, e a aliança foi reatada.

Não podemos esquecer que o destino de uma jovem adulta, com filha, separada ou solteira, em 1930, não era nada garantido. A família pode ter chego a algum tipo de acordo com Armante, retomando o enlace conjugal, de maneira informal. Ele assumiria seus compromissos de pai e marido, e Aristina resolveria o "problema" de ser adulta, mãe e solteira.

O problema na perna fazia Armante beber muito para amenizar a dor. Talvez fosse alcoólatra em algum grau pois, ao que parece, chegou a se alterar. Aos 3 anos de idade, Armante ergueu um banquinho de madeira com uma das mãos e ordenou à mãe “me traz mais bebida se não eu mato o menino”. Naturalmente que um homem perneta não representa grande ameaça de violência física. Por outro lado, é uma situação de saúde que afeta muito a moral de qualquer pessoa. É possível que Vieira tenha presenciado muitos momentos de tristeza e alteração emocional de seu pai durante a infância.

O comentário é usado por Vieira como um exemplo de que, já naquela idade, teria forte grau de autocontrole, pois *não chorou* perante a situação. Mas é uma cena indicativa de conflitos - abertos ou velados, mas nada irrelevantes - no ambiente doméstico.

A ausência de choro não é indício de tranquilidade, como Vieira faz parecer, e como nossa cultura costuma preconizar. Aliás, permanecer tranquilo diante de um homem que ameaça a família não é necessariamente saudável. De qualquer maneira, é normal que, numa situação assim, a criança fique em silêncio, sem compreender com clareza a situação, e aguardando a reação dos pais, o que não significa que ela esteja em paz.

Que história emocional teve um senhor que tem, como referência de “evolução espiritual”, a imagem de uma criança de três anos que não chora ao ser ameaçada de morte pelo pai bêbado? E não é a informação mais antiga que Vieira nos traz sobre seu aparente autocontrole.

Outra ocasião frequentemente mencionada pelo biografado são as circunstâncias que envolveram seu nascimento. A mãe já tinha "fechado a fábrica". Ou seja, aos 32 anos de idade, sem parir desde os 21, foi difícil retirar o bebê no trabalho de parto, sendo preciso utilizar um fórceps. Isso fez com que Vieira tivesse dores na cabeça durante seu primeiro ano de vida. Conta sua mãe que o pequeno Vieira chorou por onze meses, para depois *nunca mais chorar.*

Não surpreende que na comunidade conscienciológica seja comum o discurso que considera emoções e sentimentos como uma manifestação “menos evoluída” (“coisa de psicossoma”). Vieira, por exemplo, só choraria novamente aos 56 anos de idade, ao encontrar a Serenona Monja, como relata no Projeções da Consciência. Mas aí tudo bem, pois se tratava de um ser evoluído demais para ele.

Noutra memória antiga, aos 5 anos de idade, Vieira conta que seu pai o levara para conhecer o garimpo de diamante, na região da atual Estrela do Sul (MG), terra natal de Armante. O pequeno encontrava intuitivamente as pedras preciosas, com facilidade, e se divertiu com a experiência. Os garimpeiros diziam que o

menino dava sorte. Ao retornarem para casa, sua mãe deu uma bronca em Armante, argumentando ser um local perigoso e de prostituição.

Num curso de sexualidade, Vieira deixou a entender que lá teria tido seu primeiro contato sexual. É possível que tenha visto a promiscuidade em plena atividade nos bares do garimpo. Ao chegar em casa, o menino deve ter contado para a mãe sobre a grande viagem que tinha feito, o que a deixou irritada.

Não sabemos se Armante estava inválido a ponto de não poder garimpar, ou se apenas visitava a região para rever parentes e amigos. É bem possível que, sem uma perna, o pequeno Vieira fosse até necessário para ajudá-lo. Isso certamente irritaria Aristina, não apenas pela prostituição, mas por serem regiões habitualmente perigosas.

Não creio que um dentista prático numa cidade pobre interiorana conseguisse muita prosperidade econômica. Armante naturalmente pensaria em maneiras de complementar a renda. Em Uberaba, cidade muito maior, uma década depois, o irmão de ninguém menos que Mário Palmério, que não era apenas dentista prático, mas sim formado em Odontologia, não conseguiu fazer seu consultório engrenar, indo embora para São Paulo fazer carreira como jornalista.

É interessante como Vieira, eventualmente, fala que seu pai, quando jovem, era muito "visado" pelas mulheres. Esta é uma representação que também usa para descrever a si mesmo. Seja quando conta sobre sua época de secretário da universidade e liderança da mocidade espírita, seja quando se refere a etapa de cirurgião estético da alta-classe carioca.

O último episódio para reflexão diz respeito às já mencionadas férias, entre o primeiro e segundo anos do ginásio, as quais Vieira passou sozinho dentro do internato, em Uberaba. As férias parecem significativas para ele, que conta sobre o quanto amadureceu naquelas semanas. Foi o período em que passou fome, leu livros,

fez exercícios energéticos, próximo a um canavial, atraindo pássaros com seu magnetismo e tendo os primeiros contatos com a “Monja” (sim, a mesma que lhe fez chorar em 1979).

As férias solitárias precisaram representar uma superação para Vieira. Do contrário, seriam sentidas como abandono familiar ou perda de tempo. Aliás, a solidão também acompanhava o garoto nessa etapa da vida, já que a escola ficava fechada aos fins de semana, e ele permanecia lá dentro.

A distância entre Uberaba e Monte Carmelo é de aproximadamente 150 quilômetros. Não era exatamente incontornável para os Vieira. Significava uma viagem de 6 horas para os veículos da época. Mesmo que a família estivesse com poucos recursos, é difícil imaginar que não conseguissem organizar uma carona ou orientar o menino a viajar, considerando que não houvesse um serviço de transporte coletivo na região. Tratava-se de passar as festas de Natal e Ano Novo com a família. A título de comparação, sete anos mais tarde, na ocasião da morte do pai, Vieira comenta que foram buscá-lo *de avião*.



Chico Xavier, Aristina Rocha e Waldo Vieira
Acervo de Fotos Chico Xavier

Suspeito que se houvesse motivo mais forte para Vieira não voltar para casa naquelas férias. É possível que sua mãe o instruísse a não vir. Talvez a família estivesse mesmo em condições econômicas difíceis. O próprio Vieira comenta que a dor sentida pelo pai o impedia com muita frequência de trabalhar. Até mesmo o suicídio pode ter sido motivado pela dificuldade de continuar provendo sustento à família, passando a se sentir um fardo. Talvez o casal estivesse passando por forte crise naquelas férias, seu pai estivesse alcoolizado, deprimido ou agressivo. O filho seguinte do casal, Walter, também cometeria suicídio, na vida adulta.

Em resumo, parece que a família dos Vieira também tinha seus momentos de significativa instabilidade. Uma separação de vários anos, durante a qual a mãe cria sozinha a primeira filha. Dos três filhos seguintes, o mais velho afirma “ter saído de casa aos 13

anos” com um tom heroico, permanecendo sozinho no internato em vez de retornar para a casa nas férias de verão. Futuramente, o pai e o irmão do meio cometeriam suicídio. Esse contexto moldou de alguma maneira o Vieira que conhecemos atualmente.

Assim como na cena do banco de madeira, Vieira também fala eventualmente sobre o enterro de seu pai, orgulhando-se de ter, ele próprio, ajudado a abrir a cova e discursado *sem chorar.* Na ocasião, segundo ele, um dos presentes falou: “Esse menino vai longe”.

Vieira fala muito pouco sobre seu irmão mais novo, Wando. É possível que a relação entre ambos fosse um pouco distante, já que Vieira saiu de Monte Carmelo antes de completar 13 anos, quando o caçula ainda era muito pequeno. Não obstante, Wando Vieira, desde o Rio de Janeiro, trabalhou com bastante empenho para defender o irmão da campanha difamatória de *O Cruzeiro* sobre as materializações de Uberaba (RIZZINI, 1997).

Salvo engano, Wando se mudou para o Rio de Janeiro em 1964 e abriu uma livraria espírita com um sócio de nome Henrique Oliveira. É interessante o fato de Waldo ter um enorme acervo espiritualista encaixotado na CEC de Uberaba, e seu irmão, uma livraria espírita no Rio de Janeiro.

II

Adolescência

Internato

Um nome central para Vieira na adolescência e início da vida adulta foi Mário de Ascensão Palmério (1916-1996), também nascido em Monte Carmelo. Os Palmério saíram da cidade quando Mário ainda era pequeno. É possível que as duas famílias ainda não tivessem contato. Francisco Palmério, pai de Mário, além de ser católico, tivera fortes atritos públicos com o movimento espírita de Sacramento (MG), na década anterior, envolvendo ninguém menos que Eurípedes Barsanulfo. Embora fossem colegas de redação jornalística e correligionários do Partido Republicano Mineiro, Francisco e Eurípedes se chocaram por motivações religiosas (FONSECA, 2011).

Já em Uberaba, o jovem Palmério tinha experiência docente mas espírito empreendedor. Aos 24 anos de idade abriu o Liceu do Triângulo Mineiro*,* com a irmã Maria Lourencia (BARRA E SILVA et al). As aulas eram na própria casa dos pais, onde residiam. Em questão de meses, expandiriam as atividades para incluir ensino primário, ginasial e profissionalizante. Sete anos depois, a escola já tinha sede própria e ganhara *status* de colégio, oferecendo o curso científico. No ano seguinte, Uberaba teria a primeira turma da *Faculdade de Odontologia.*

Vieira conta que Palmério abrira o curso ginasial em Uberaba para servir de alternativa a uma escola católica, onde estudara e presenciara abusos dos professores. Mario cursara o Colégio Diocesano, em Uberaba, e o Colégio Regina Pacis, em Araguari (CENTRO…., s.d.).

Apesar de não bater de frente com a Igreja em seus discursos, as atividades de Palmério foram vistas como “concorrentes.” A título de ilustração, em 1942, dos 81 alunos matriculados no curso ginasial, 16 vieram

transferidos de colégios religiosos da região. No ano seguinte, eram 350 alunos matriculados e, em 1945, a escola de Palmério teria 539 alunos, ou seja, 100 a menos que o Colégio Diocesano, o mais tradicional da cidade. Como se vê, a demanda era alta. A outra alternativa laica de ensino secundário na cidade - o *Ginásio Brasil* - havia acabado de fechar por dificuldades financeiras (FONSECA, 2010).

Mesmo assim, a viabilidade desse tipo de empreendimento era complexa. Palmério contou com apoiadores nos anos iniciais de sua escola, como o industrial Vitório Marçola e o pecuarista Afrânio Azevedo. A ideia de ensino laico, seguindo princípios "modernos", possivelmente agradava parte da elite urbana triangulina. Até o momento, Uberaba contava apenas com duas opções de Ensino Secundário, ambas religiosas: para meninos, o já mencionado Colégio Diocesano; para meninas, o Nossa Senhora das Dores.

Embora o pai de Palmério fosse retratado como um católico ferrenho, parece que seu filho já estava imbuído de sentimentos mais liberais. Não sendo cristão praticante, Palmério tampouco seria um "cético" aos moldes atuais. Sua relação com os espíritas parecia muito boa, e o Espiritismo era um movimento que cativava os profissionais liberais da época; uma religião que crescia no interior brasileiro, atraindo tanto setores das classes médias quanto mais pobres. A aproximação entre Palmério e os espíritas também haveria de ser importante capital político para a carreira daquele homem, que se tornaria figura importante da política e da literatura nacionais.

Por uma felicidade do destino, Vieira estava no momento certo e com a pessoa certa para poder fazer o curso secundário e duas faculdades, alinhadas a preceitos liberais e científicos de educação. A expansão do antigo Liceu para uma sede própria, que agora abrigaria o curso ginasial diurno e se chamaria *Colégio do Triângulo Mineiro,* ocorreu em tempo para iniciar o ano

letivo de 1945.

Waldo foi aprovado para o exame admissional, com boas notas, recebendo bolsa de estudos de Palmério. O empreendedor e educador se tornou uma pessoa muito próxima a Waldo, por cerca de 15 anos. A capacidade do Ginásio já era para 1.000 alunos, sendo 400 em regime de internato.

Não podemos perder de vista que o Ensino Secundário ainda um privilégio de poucos. Fonseca (2010) estima, por exemplo, que em 1940, Uberaba tinha cerca de 5 mil crianças em idade escolar, mas pouco menos de 3 mil estariam matriculadas no ensino regular. Naquele mesmo ano, apenas 100 terminavam o primeiro grau. A maior parte dos jovens não seguia para o curso secundário.

Até uma piscina olímpica fora construída no colégio, palco de algumas anedotas do rapaz. Vieira nos conta, informalmente, que aprendera a saltar dos 10 metros de altura do trampolim, e que a técnica lhe ajudava a estimular a projeção astral. Certa vez, caiu sobre outro aluno e, observando que o mesmo não se machucara, suspeitou de que o colega também tivesse um “macrossoma”.

Sendo aluno interno, sem parentes na cidade, a vida de Waldo girava em torno do Colégio. A escola também era residência de Palmério, com sua esposa e um casal de crianças - Marcelo e Marília - aproximadamente dez anos mais jovens que Vieira. Lá, Vieira e Mário começariam uma próspera relação.

Digno de nota, Elias Barbosa foi outro espírita carmelitano - elogiado por Veloso (2007) por suas boas notas - a ser convidado por Palmério para trabalhar, residir e estudar medicina em sua faculdade.



Projeto do Ginásio do Triângulo Mineiro em 1943 (Fonseca, 2010)

Mário Palmério

Entre Vieira e Palmério é possível notar características comuns. Embora não seja possível, aqui, desenvolver uma análise psicobiográfica abrangente de Palmério ou Vieira, este capítulo pode fornecer pistas a respeito da importância de Palmério não só como um “anfitrião”, mas como uma referência adulta que pode ter marcado a formação do jovem estudante. Talvez mais do que Chico Xavier.

Apesar das pressões pela urbanização, a provinciana Uberaba não botou muita fé, inicialmente, na faculdade de Palmério. Nenhuma família da cidade matriculou seus filhos no primeiro vestibular, apesar do apoio publicitário do jornal local, o Lavoura e Comércio. Os inscritos da ocasião viriam de outras cidades mineiras e estados vizinhos. (MORENO, s.d.)

É fato que questões burocráticas ainda estavam pendentes durante os primeiros anos do curso, como acontece até hoje com faculdades pioneiras, mas é possível que esta desconfiança tenha até sido promovida, silenciosamente, por setores da Igreja Católica que

dominavam o ensino local, e até pela parte da elite uberabense que não visse com bons olhos a chegada de um empreendedor forasteiro.

Mesmo ressentido, Palmério não desanimou. Segundo Fonseca (2010), o professor foi muito habilidoso em se tornar uma liderança política importante daquela região. Com pouco mais de 30 anos, aquele jovem empreendedor, descendente direto de italianos, já conseguira uma posição de destaque no cenário regional. Era uma das figuras mais celebradas pelo principal jornal triangulino - o *Lavoura e Comércio* - e dominava como ninguém a arte da autopromoção.

Suas escolas ganharam destaque e representaram a “modernidade” chegando numa região ainda dominada pela Igreja e aristocracias rurais. Quando Palmério concorreu a cargo público, em 1950, surpreendeu a todos, elegendo-se Deputado Federal, sendo reeleito nas duas candidaturas seguintes.

Fonseca retrata Palmério como alguém com grande capacidade carismática, tendo formado um mito em torno de si para conquistar a confiança da comunidade e se estabelecer como liderança *necessária.* Promoveu a imagem de um grande educador, com sólida formação, apesar de sua curta experiência docente e trajetória acadêmica pouco expressiva.

O empresário soube se apresentar como bastião da educação moderna, e falar em nome de uma Uberaba “ávida pelo futuro”, embora suas escolas também apresentassem irregularidades e algumas das promessas sequer saíssem do papel. Soube centralizar em si honrarias por conquistas que, muitas vezes, eram frutos do trabalho de seus professores e colaboradores.

Palmério foi o candidato que mais apareceu na imprensa uberabense durante a campanha eleitoral de 1950. Sua estratégia parece ter sido herdada da família, que seguramente o auxiliaria. Como mencionei, o pai foi diretor do jornal Cidade de Sacramento, sendo bastante ativo na política local. Mesmo formando desafetos, ele

também conseguiu cativar a amizade de políticos influentes no Triângulo Mineiro e ter uma boa relação com outros órgãos de imprensa local. Isso abriu as portas de jornais como o Lavoura e Comércio para as campanhas do filho caçula.

O irmão mais velho de Palmério, Eduardo, formado em odontologia, também transitava muito bem nos círculos sociais uberabenses. Após tentar a vida como dentista em Uberaba, acabou se mudando para São Paulo, onde construiu uma boa carreira *na imprensa,* tornando-se cronista político relativamente conhecido no ramo (FONSECA, 2012).

À diferença do pai, Mário não teve desentendimentos com os espíritas da região. Pelo contrário, ao longo desta pesquisa me deparei com muitos indícios de que uma colaboração entre ambos foi fundamental para que tanto o político carmelitano quanto o espiritismo triangulino vivessem uma época áurea.

Casa do Cinza

Em paralelo aos estudos formais, Vieira não deixou de lado a participação no movimento espírita local. Segundo o biografado (TELES, 2014), já aos 15 anos passara a atuar como médium na *Casa do Cinza.* Segundo comunicação pessoal com um diretor da casa, Alexandre A. Saad, em 24.3.2021, as primeiras atividades ainda ocorriam sob o nome de *Centro Espírita Uberabense* (CEU), na residência do Dr. Odilon Fernandes. Oficialmente, a Casa do Cinza seria fundada com este nome apenas em agosto de 1955.

Odilon Fernandes (1907-1973) era cirurgião dentista, aparentemente um dos mais importantes da região, dado que sua minibiografia informa ter sido também representante local da Associação Brasileira de Odontologia. Ele foi um dos fundadores do *Sanatório Espírita de Uberaba*, que teve suas origens em 1926, por iniciativa do próprio CEU (SANATÓRIO, 2018). A

construção funciona até hoje no mesmo local, e dá uma ideia da imponência do empreendimento para a época em que foi construído.



Constam 27 pessoas no quadro de fundadores da casa. Dentre eles, dois médicos, dois dentistas e um psicólogo e psiquiatra. O quadro dá uma boa noção da composição de classe que compunha esse movimento "científico-religioso" em ascensão. Havia desde filhos de escravos, operários, imigrantes, até profissionais liberais, funcionários públicos, empresários e fazendeiros de médio porte. Até então, a única casa de saúde de Uberaba era a Santa Casa de Misericórdia (WIKIPÉDIA, 2018)

É esta classe intermediária, à qual eventualmente me refiro como uma pequena-burguesia em seu momento áureo, que dá o suporte para que o espiritismo ganhasse a importância que tinha no Brasil rural-urbano da época.

Odilon Fernandes também era professor da faculdade de Mário Palmério. Ali lecionava disciplinas para nosso jovem aprendiz de odontologia. Não sabemos

se a família de Vieira, por ser espírita, tinha algum contato prévio com a CEU mas, talvez o simples fato de Waldo e Odilon interagirem na faculdade tenha bastado para que o grupo abrisse as portas ao jovem médium.

Outro membro da Casa do Cinza foi Waldemar Vieira, nascido em Campos (RJ), em 1898, aparentemente sem relação de parentesco com Waldo. Waldemar é apresentado por Elias Barbosa como autodidata, tendo sido pioneiro a montar uma estrutura de rádio em Uberaba, fundando a PRE-5 (Rádio Sociedade do Triângulo Mineiro). Época em que as radiodifusoras independentes não eram perseguidas sob o pretexto de serem “piratas” (XAVIER & BARBOSA, 1981).

Vieira menciona ter sido locutor de rádio em programas espíritas quando jovem. Acredito tratar-se de alguma inserção na rádio supracitada. Outro indício da projeção que os espíritas tinham na região. Waldemar também foi presidente do Clube Rotary local.

Para registro, também foi em torno dessa data, em 1953, que era inaugurada a Rádio Cultura de Monte Carmelo, de propriedade do já citado Joaquim Alves da Rocha. Veloso (2007) o chama de “Primo” Quim, descrito como um “católico exemplar”, o que não o impede de conceder um espaço na sua emissora para os espíritas. Trata-se do programa Ondas de Luz. Já escutei Vieira comentando sobre ter sido narrador deste programa. Entretanto, seria uma participação eventual, já que no referido ano, o biografado não residia mais em Monte Carmelo.

À época, Vieira informa que era presidente da União da Mocidade Espírita da região. Durante as férias escolares, as entidades ligadas a ela organizavam encontros que reuniam até 400 jovens de diversas regiões do Brasil central (CONSCIÊNCIA LÚCIDA, 2017). Desde 1964 é realizada anualmente a Confraternização da Mocidades e Madureza Espíritas do Triângulo Mineiro (COMMETRIM), mas os registros dão conta de que as

mesmas ocorrem no início de novembro (https://www.commetrim.com.br). É provável, portanto, que já houvesse encontros de grande porte antes destes.

Foi nesse contexto que Vieira conhecera Chico Xavier pessoalmente. A data situada pelo biografado é 1955, mesmo ano que Cândida Barbosa, viúva de Elias Barbosa, situa a excursão que Elias fez, junto à União Estudantil Uberabense, a Belo Horizonte, também para conhecer Chico Xavier. Elias era o orador da referida entidade (GOBBO, 2011). Foi, não por acaso, a partir daquele ano, que Chico passaria a visitar Monte Carmelo na época de Natal.

Ensino Superior

Em poucos anos, Vieira se formaria. A questão de o que fazer era incerta. As condições econômicas da família não pareciam favoráveis para sustentar o rapaz em outra cidade. O sofrimento de Armante Vieira, com a amputação da perna e algum nível de alcoolismo, tornaria o momento ainda mais difícil. Parece otimista demais pensar que, antes de ter idade para um emprego formal, o jovem Vieira conseguiria morar por conta própria, mesmo recebendo gratuidade de Palmério para estudar na faculdade.

Vieira precisaria retornar a Monte Carmelo, não fosse por Palmério, novamente. Percebendo o potencial do jovem, concedeu-lhe moradia nas dependências da faculdade. Em alguns meses, o rapaz já podia trabalhar formalmente, o que efetivamente aconteceu. Seu primeiro emprego foi no setor de radiologia da faculdade e, posteriormente, como secretário-geral, onde atuou por 9 anos.

É possível que Vieira conseguisse juntar algumas economias já que, morando na faculdade, não tinha custos com moradia, transporte e alimentação. Para Palmério, também havia vantagem em hospedá-lo ali já que, contratando um trabalhador com baixo custo de

vida, não precisaria pagar um salário alto. Possivelmente, ganhava o salário-mínimo.

A título de curiosidade, Vieira conta que tinha a chave de um auditório onde, eventualmente, tirava rápidos cochilos após o almoço, quando a faculdade estava movimentada. Por que ele dormia no auditório se ele tinha moradia lá? Pois a moradia era “embaixo de uma escada”. Barulhenta demais no horário de funcionamento da instituição.

Conforme mencionado, outro conterrâneo carmelitano a estudar medicina na faculdade foi Elias Barbosa. Dois anos mais novo que Vieira, o rapaz ingressou na turma de 1957. Ambos foram companheiros de atividade espírita junto com Chico Xavier, por alguns anos. Após formado, Elias passaria a lecionar faculdade de Palmério e, também, trabalhar no Sanatório Espírita supracitado (GOBBO, 2011).

É curioso como Waldo praticamente jamais menciona Elias Barbosa quando conta histórias daquela época. Investigações junto a familiares podem esclarecer como era a relação de ambos. Talvez houvesse alguma disputa velada entre Aristina e Dona Myrthes, mãe de Elias, sobre quem hospedaria Chico Xavier em suas vindas a Monte Carmelo, e mesmo quem seria o “braço direito” do famoso médium.

Elias, apenas dois anos mais jovem que Vieira, já era amigo de Chico desde as primeiras visitas do médium a Monte Carmelo, a partir de 1955. Ele passou a colaborar para a CEC desde a fundação da mesma, tendo organizado e prefaciado livros da dupla (BARBOSA, s.d.).



Fac. de Odontologia do Triângulo Mineiro em 1956
(Acervo do Museu das Profissões)

III

Início da vida adulta

Emprego em Uberaba

Viera não dá muitos detalhes sobre a época em que trabalhou para Palmério. Normalmente dá a entender que era apenas o secretário da faculdade. Em uma ocasião, mencionou seu pertencimento ao PTB (Tertuliarium, 2016), tendo ajudado a eleger aquele que foi um dos fundadores do partido varguista em Uberaba. Tratam-se das eleições de 1950, que colocaram Palmério na política brasileira.

Vieira estaria com 18 anos à época e, conforme comenta informalmente, foi pressionado por colegas do partido para concorrer a vereador. O jovem ainda não tinha a idade mínima (21 anos) mas uma pequena fraude na documentação não seria difícil. Vieira, entretanto, recusou. Isso significa, também, que nosso biografado não apenas era filiado ao PTB como foi um dos cabos eleitorais de Palmério.

Tal hipótese se fortalece pelo comentário de Vieira sobre ter ajudado a montar um sindicato uberabense e, inclusive, definido o nome. Foi uma década muito importante no desenvolvimento das organizações sindicais. O direito à sindicalização rural, por exemplo, só seria reconhecido no Brasil a partir de 1958. Para um político local se manter competitivo naquela época, num partido trabalhista, como foi o caso de Palmério, seria importantíssimo conquistar uma base social junto à classe trabalhadora e suas organizações. Junto às quais, o espiritismo tinha inserção.

Em 1950, Palmério está em sua primeira campanha eleitoral e Vieira, no segundo ano de Odontologia. Morando nas dependências da faculdade. O candidato precisaria do jovem auxiliar de confiança para atividades político-partidárias. Tratou-se de uma campanha duríssima envolvendo, inclusive, uma tentativa de assassinato ao adversário político, o prefeito e candidato a reeleição Boulanger Pucci, por parte de um

militante petebista. Palmério (PTB) e Pucci (PSP) eram rivais nas eleições locais, além de disputarem o apoio do também candidato à presidência, Getúlio Vargas (FONSECA, 2010).

Palmério precisaria de todas as forças disponíveis para se estabelecer politicamente em Uberaba. E Vieira não apenas o ajudou durante a campanha eleitoral, mas por quase uma década. O Triângulo Mineiro estava permeado por tensões políticas. Por um lado, surgia uma burguesia industrial, urbana, recente mas sustentada sobre uma atividade econômica mais dinâmica. Por outro, estava a aristocracia bem estabelecida de latifundiários, cafeicultores, mineradores, pecuaristas, que normalmente se associavam com o clero católico. Num terceiro polo, ainda, a classe trabalhadora urbana e rural.

Lutas, tanto de libertação nacional como socialistas inflamavam o mundo inteiro no pós-Guerra, e isso não deixava de ter sua influência sobre a política do Triângulo Mineiro, que tinha desde movimentos separatistas - como alguns ligados à UDN - até comunistas - colocados na ilegalidade pelo presidente Dutra, mas ligados a um movimento operário que crescia.

Se Vieira auxiliou Palmério na faculdade a partir de 1950, e participou das ações vitoriosas do partido naquele mesmo ano, é difícil que não se tornasse assessor do recém-empossado deputado. No primeiro mandato, sendo vice-presidente da Comissão de Educação e Cultura da Câmara, Palmério fundou a Faculdade de Direito (1951) e a Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro (1954). Vieira estaria inserido nesse processo.

Acreditamos que, junto à secretaria da faculdade, a assessoria política tenha sido o principal trabalho remunerado do biografado enquanto concluía seus estudos, e que lhe deu possibilidade de formar uma pequena poupança (com a qual construiria a primeira casa onde moraria com Chico Xavier a partir de 1959).

Não chegou a trabalhar remuneradamente com odontologia, após se formar, em 1954, podendo cursar medicina logo em seguida (VELOSO, 2007).

Após se formar em medicina, também optou por exercer a atividade apenas gratuitamente, no centro espírita que fundou com Chico Xavier. Por um lado e, dado seu histórico espírita, não tenho dúvidas que essa atividade foi fortemente motivada pelos ideais assistenciais do biografado e sua preocupação com as condições da população. Por outro, é preciso entender que abrir um consultório privado e pago não estava exatamente ao alcance do nosso biografado.

A carreira de um médico recém-formado que não tenha bom suporte material da família nunca foi algo garantido. O próprio irmão de Mário Palmério, mesmo vindo de família bem mais rica que Vieira, não conseguiu engrenar a carreira de dentista em Uberaba e acabou se firmando em São Paulo como jornalista. A medicina gratuita no centro espírita era, também, uma forma de Vieira ganhar experiência (algo como uma residência médica) e se fazer conhecido. Assim, abrindo gradativamente uma porta para estabelecer, quando conseguisse, um consultório particular. Enquanto esse dia não chegava, continuou a trabalhar no setor público, como um cargo de confiança de Palmério.

Em 1962, Mário Palmério foi nomeado, por João Goulart, Embaixador do Brasil no Paraguai. Vieira comenta ter conhecido a região de Foz do Iguaçu naquela oportunidade, quando sobrevoou a fronteira num pequeno avião junto com o embaixador, em direção ao país vizinho. Palmério também tinha fazendas no Mato Grosso e Vieira nos conta como observavam, do alto, o contrabando de animais ao longo das centenas de quilômetros de fronteira seca entre os dois países. Na ocasião, conheceram o ditador paraguaio Alfredo Stroessner.

Isso dá pistas da proximidade entre Vieira e Palmério, que se estendeu por cerca de *15 anos.* Um

embaixador do Itamaraty não leva um simples amigo para uma viagem oficial. Seguramente nosso biografado desempenhava alguma atividade profissional na ocasião.

Quando largou a secretaria da faculdade e passou a se dedicar à Comunhão Espírita Cristã, com Chico Xavier, é improvável que Vieira passasse a viver da ajuda de parentes e amigos, ou apenas de economias guardadas. Se de fato sobrevoou a Tríplice Fronteira com o Embaixador Palmério, Waldo Vieira não era simplesmente um amigo a passeio, mas um assessor do político. Este é o tipo de profissão que lhe permitiria uma renda digna e certa flexibilidade profissional para atender às demandas do trabalho voluntário espírita.

Chico Xavier

Outro personagem central do início da vida adulta de Waldo Vieira foi o médium Chico Xavier. Na época em que se conheceram, este residia a mais de quinhentos quilômetros de distância, em Pedro Leopoldo, periferia de Belo Horizonte. Aos 23 anos, Vieira foi apresentado por sua mãe ao relativamente famoso médium, levando-o um poema psicografado que o impressionou.

O trabalho em Pedro Leopoldo era extenuante para aquele médium psicógrafo com quase 50 anos de idade. Chico estava cansado. Na década anterior, já passaria por grande incômodo relacionado ao processo movido contra ele pelos familiares do escritor e político Humberto Campos, e à primeira campanha sensacionalista feita pela revista de maior circulação nacional, *O Cruzeiro.* A rotina era cansativa, atendendo diariamente a centenas de necessitados em busca de alimento, dinheiro, cura de enfermidades, contato com falecidos e conforto espiritual.

Chico recebia telefonemas interurbanos diários. Já havia sido visitado pelo pesquisador italiano Pietro Ubaldi, que ficara impressionado com o médium. Já havia sido convidado para pesquisas parapsicológicas na União

Soviética. Já havia irritado seu pai, tantas eram as recusas a oportunidades vindas de gente endinheirada.

Por outro lado, também eram muitas as pessoas que o procuravam de longe e voltavam com as mãos vazias, ou seja, sem a desejada mensagem de entes queridos. Chico recebia reclamações, xingamentos, cuspes e até tapas quando não conseguia atender às expectativas de visitantes. Era caluniado por padres e assediado por jornalistas sensacionalistas. Além do mais, Chico veio de um contexto familiar violento, instável e carente. Quando criança, contraiu doença pulmonar na fábrica de tecelagem, onde trabalhava 12 horas por dia. Atravessou as dificuldades da vida mas não era de aço nem tinha sangue de barata (SOUTO MAIOR, 2010).

O cândido Chico representava, por seu trabalho, grande incômodo para diversos setores das classes dominantes. A Igreja Católica via no espiritismo uma ameaça ao monopólio religioso. Não é coincidência que nestes anos áureos do espiritismo, a Igreja trouxe para o Brasil o padre católico espanhol Oscar Quevedo, que seria promovido pela imprensa como grande sumidade da parapsicologia mundial, apesar da pobreza teórica de seu trabalho. Quevedo não economizou esforços em sua campanha para desbancar narrativas espiritualistas sobre fenômenos parapsicológicos.

Não menos incomodada estaria a corporação médica, no esforço de manter o monopólio sobre a saúde. Havia também jornalistas sempre ávidos para "desmascarar fraudes". Por fim, escritores eruditos e seus familiares sentiam-se incomodados com aquele mulato pobre interiorano, sem escolaridade formal, que ousava escrever em nome dos maiores poetas da Literatura Brasileira.

Os espíritas cresciam como classe política, ganhando admiração do povo pelo trabalho filantrópico que atingia os miseráveis do Interior, onde a Igreja e as elites tinham preguiça e desinteresse de ir. Mesmo que incipiente, havia desconfiança que o espiritismo pudesse

desestabilizar, no médio prazo, as hierarquias sociais vigentes no País.

A gota d'água para Chico viria de pressões midiáticas que dividiram o núcleo familiar do médium. Ampla propaganda foi feita em torno de uma nota de seu sobrinho, Amauri Pena, dizendo que os textos do tio eram copiados. Era julho de 1958, mesmo mês em que Chico e Vieira concluíam a escrita do primeiro livro em parceria: *Evolução em Dois Mundos*. A denúncia renderia forte campanha sensacionalista da imprensa nacional. Amauri seria internado em sanatório e morreria poucos depois. As consequências foram naturalmente desgastantes para Chico e seus parentes. Conta-nos o médium que sua irmã lhe perguntara "Você sai, ou nós saímos?" (SOUTO MAIOR, 2010)

Chico já visitava Monte Carmelo desde 1956, anualmente, na época natalina, quando conduzia sessões nos centros espíritas carmelitanos. Nestas ocasiões, era recebido nas residências de Aristina e Opalina, e também na de Myrthes Barbosa, mãe de Elias. Foi nesta época que se conheceram.

Waldo já dirigia as mocidades espíritas da região do Interior mineiro. Ambos recebiam mensagens psicografadas do mesmo espírito - André Luiz. Chico também confessou para Waldo que recebera mensagens dele no início da década de 30, quando este se preparava para encarnar. Ambos se identificaram como terem sido mãe (Chico) e filho (Waldo) numa vida passada muito breve, na região da Catalunha, em fins do Século XIX. Em 1957, Chico registraria ao presidente da Federação Espírita Brasileira, Wantuil Freitas, o interesse de ter Vieira a seu lado, um braço direito nas atividades daquela doutrina (CONSCIÊNCIA LÚCIDA, 2016b, 2016d; MATOS, 2002; SOUTO MAIOR, 2010).

Segundo Chico Xavier, o plano de residir em Uberaba era para um futuro mais distante, lá por 1965, mas o episódio com seu sobrinho o fez adiantar a mudança (ALVES, [s.d.]). Para acalmar o desgaste gerado

pelo “escândalo Amauri” e evitar novos, em janeiro de 1959, Chico, perto de se aposentar, consegue transferência do emprego e se muda para a cidade triangulina. Uberaba já contava com dezessete centros kardecistas e o médium encontraria, lá, acolhida fraterna para aliviar as pressões vividas em Pedro Leopoldo.

A Casa do Cinza, onde Vieira participava como médium, até então, destaca em seus textos institucionais, ter sido a primeira a acolher Chico Xavier na mudança para Uberaba. É possível que já o esperassem e até se mobilizassem para sua vinda definitiva (VARANDA, 2000).

Podemos supor que tanto o *Cinza* quanto outros centros quisessem a presença de Chico e até fizessem convites para que ele participasse de seus grupos. Entretanto, os centros espíritas são comumente organizados em torno da pessoa do fundador, ou de um líder com papel bastante central, e não é raro que isso se torne um entrave para a presença de duas ou mais figuras de peso participarem do mesmo centro. Por isso a tendência era mesmo Chico abrir um centro novo, do qual Vieira atuaria como seu assistente.

Nosso médico recém-formado deixou o trabalho na secretaria da faculdade e comprou terreno onde construíram pequena casa, que serviria de residência para ambos e local das reuniões mediúnicas. Vieira já tinha algum recurso, tendo instalado 9 postes para levar energia elétrica à região. Com o passar do tempo conseguiu urbanizar o local, construindo casa para que sua mãe viúva e sua tia viessem para lá (CONSCIÊNCIA LÚCIDA, 2016b). Até o final da vida, Aristina e Opalina foram colaboradoras da CEC.

Três meses mais tarde, fundariam a CEC - Comunhão Espírita Cristã no terreno (TELES, 2014). Com o tempo, um verdadeiro bairro seria construído ao redor daquela casa, batizado com o nome moderno - Jardim das Américas (VARANDA, 2000).

O nome ilustra uma estratégia comum no

desenvolvimento do espiritismo, de adotar a simbologia cristã, como forma tanto de contornar a perseguição existente contra outras religiões, como para cativar a aproximação do povo, que é, em sua maioria, cristão.

Waldo não era presidente de nada. Tinha competência médica, experiência mediúnica e administrativa. Era a pessoa certa para atuar como "braço direito" do famoso médium leopoldinense. Isso não significa que nosso jovem biografado fosse um mero auxiliar. Waldo deixaria que Chico fosse visto como o principal nome do centro, mas sua capacidade e presença de espírito nos permitem concluir que o jovem adulto não apenas era um protagonista importante como até orientasse Chico em muitas oportunidades.

O local onde ambos passaram a residir foi descrito por Souto Maior (2010) como um barraco. A casa ficava no meio do mato, a oito quilômetros do centro, com chão de cimento e paredes sem pintura. Para chegar lá era preciso "atravessar o matagal, driblar bois e vacas, pular cercas de arame farpado" (p. 149). Não havia iluminação pública.

As primeiras sessões foram conduzidas na cozinha, para pessoas próximas, que se sentavam em tábuas equilibradas sobre pilhas de tijolos. Mal havia espaço para se movimentarem ou administrarem os passes de energia. Tal descrição ajuda a formarmos uma imagem sobre a possível condição econômica de ambos. Não viviam na miséria, ou Vieira não conseguiria comprar um terreno. Entretanto, também não viviam na opulência.

Conta-nos Elifas Alves ([s.d.]) que no seu primeiro dia em Uberaba, segunda-feira, 5 de janeiro de 1959, Chico já realizara, com Waldo, um Evangelho no lar, convidando os companheiros Hernani Neri, Dalva Rodrigues Borges entre outros. O guia Emmanuel transmitiria a primeira mensagem de estímulo aos missionários:

> *"Se tiveres amor, caminharás no mundo como alguém que transformou o próprio coração em chama divina a dissipar as trevas... Encontrarás nos caluniadores almas invigilantes que a peçonha do mal entenebreceu, e relevarás toda ofensa com que martirizem as horas... Surpreenderás nos maldizentes criaturas desprevenidas que o veneno da crueldade enlouqueceu, e desculparás toda injúria com que te deprimam as esperanças."*

No dia seguinte, com mais participantes, a reunião foi feita dentro de uma cisterna tampada(!) Em palestras informais, já escutei Vieira falar sobre o calor durante as sessões, que os levou a construir um duto subterrâneo para canalizar ar fresco.

Era o início de uma época que prometia trabalho intenso. Conta-nos o biografado que atendia diariamente a 90 pessoas na clínica gratuita anexa à CEC. Às segundas-feiras, sextas e sábados, faziam reuniões públicas. Às quartas, sessões de desobsessão privada. Distribuição de sopa todas as tardes - cerca de duzentas por dia - e peregrinação pelos bairros aos sábados, com leitura do Evangelho e distribuição de alimentos. Reservavam as terças e quintas-feiras para escrever livros. O nome de Chico e a importância do trabalho haveria de atrair colaboradores, mas há pouca informação sobre quem se juntou à dupla nestes momentos iniciais.



As reuniões das sextas e sábados começavam às 20:00 e podiam se estender até quase o amanhecer, com ambos psicografando mensagens ao público. Em pouco tempo, seria comum formarem-se filas de 500 pessoas na frente da CEC, aguardando atendimento, principalmente às noites de sextas e sábados. Dois troncos de carvalho foram colocados à entrada do centro, representando o trabalho em dupla.

O ano de 1959 foi de fortes mudanças para Waldo Vieira. Foi o início do que Souto Maior se referiu como "a dobradinha espírita mais pródiga do Brasil" (p. 138). Se não sabemos muito sobre Vieira, ao menos Chico é descrito, ao longo de toda obra, como alguém obstinado pelo trabalho. Logo em seguida, aos 28 anos de idade,

naquele ritmo frenético, Vieira teve seu primeiro infarto.

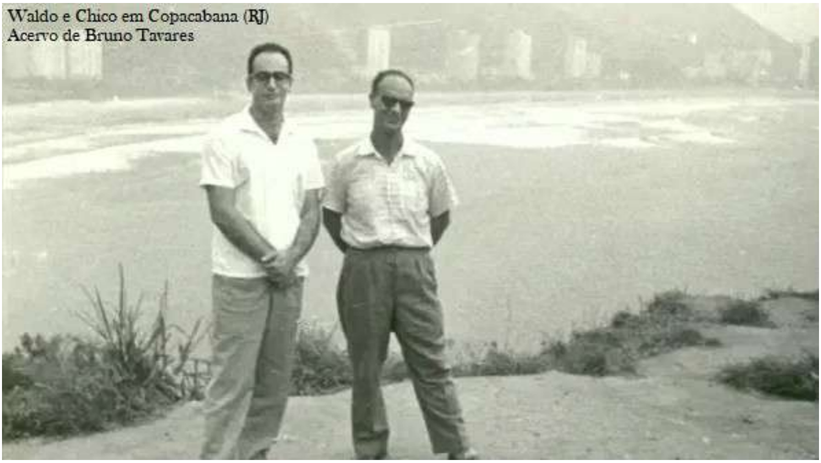
Não só Chico não era de aço. Waldo tampouco o era, muito embora sempre procure transparecer o oposto. Enquanto parte da força de Chico residia em se demonstrar frágil, parte da fragilidade de Waldo residiu em se demonstrar inabalável. Não há como saber plenamente como o infarto permaneceu registrado na mente waldovieiriana. Aparentemente, este inimigo estava superado. Foi a primeira e única urgência cardíaca sofrida por nosso biografado. Um feito formidável, digno de um Waldo Vieira, ter vivido por mais de meio século, numa rotina produtiva invejável até o último dia de vida. Paradoxalmente, faleceria por um aparente descuido relacionado à hipertensão, aos 83 anos. Uma morte que podemos até chamar de prematura, dado que Vieira ainda esperava viver o suficiente para escrever pelo menos mais 8 livros.

Não pode passar em branco o fato lamentável de nosso super-herói, também nos últimos anos de sua vida, não se furtar da tentativa de denegrir a imagem do consagrado médium. Diante de eventuais debatedores que apresentassem alguma apologia ao espiritismo ou a Chico Xavier, Waldo "machão" Vieira rebatia argumentando que o falecido Chico era homossexual.

Talvez a vida com Chico deixasse alguns incômodos em matéria de vida sentimental. Vieira era independente, solteiro, bem-apessoado - um "bom partido." Seria normal que escutasse brincadeiras a respeito de dormir sob o mesmo teto de um senhor com trejeitos afeminados. Não são poucas as fotos em que Chico aparece com o braço enlaçado ao de Vieira - algo que o médium leopoldinense fazia, aliás, com todas as pessoas.

Em situação assim, um jovem adulto é cobrado e discriminado por "não ser homem o suficiente", situação à qual Vieira não estaria imune, ainda mais na década de 60. Cinquenta anos mais tarde, ele não deixaria de dar o troco sobre seus ex-irmãos espíritas, na mesma moeda,

descontando o que ficara guardado.



Waldo e Chico em Copacabana (RJ)
Acervo de Bruno Tavares

Digressões à parte, para formarmos uma imagem das dimensões e a organização que o movimento espírita uberabense ganhou nos próximos anos, tem-se um registro famoso nos acervos espíritas, filmado de avião, de uma fila de distribuição de donativos organizada pela CEC.

A data popularizada nos *blogs* espíritas é o Natal de 1965. Isso se deve a uma confusão registrada na Wikipédia (2021) com base no texto de Marcel Souto Maior (2010), que informa que a distribuição natalina teria ocorrido em 13 de janeiro de 1965. A campanha é chamada de natalina, pois os donativos são *arrecadados* na época de Natal, mas são distribuídos alguns dias depois, quando já se está no ano seguinte.

O problema é que, já em 1964, Jorge Rizzini (1997) menciona esse documentário. Ele não só existia em 1964 com, se tivesse ocorrido em 13 de janeiro desse ano, isso seria concomitante aos eventos relatados no capítulo sobre as materializações de Uberaba. Além do mais, o dia 13 de janeiro é uma segunda-feira, nos levando a questionar se, na verdade, a distribuição de donativos não ocorreu no domingo, 13 de janeiro de *1963.*

Como seja, a Comunhão Espírita Cristã organizou a famosa distribuição gigantesca de donativos. Souto Maior (2010) fala de uma fila de 11.765 pessoas, que receberam 8.337 peças de roupas, 993 pares de sapatos, 311 enxovais infantis, 1.926 brinquedos, 4.320 lápis, 500 livros, 335 sacas de arroz, 218 quilos de balas, 11.815 sanduíches. A documentação da atividade através de filmagem aérea também evidencia o esforço que os espíritas faziam para marcar presença no cenário nacional. Tratava-se de um movimento consciente da necessidade de se promover e ganhar espaço.

Rizzini também menciona os “onze mil favelados” atendidos pela campanha (1997, p. 204). Para se ter uma ideia da dimensão do trabalho, o Censo Brasileiro de 1960 registra que a população de Uberaba era de 87.581 habitantes (FUNDAÇÃO…., 1960). Qual foi a última vez que alguém viu um trabalho de caridade que atendesse ao equivalente a 13% da população da cidade?

Psicografias

Vieira normalmente enfatiza seu papel na parceria, preparando a acolhida para Chico Xavier. Mas é preciso considerar que a sinergia da dupla era mútua. Chico não era um médium qualquer. Com menos de um mês de sua partida, o prefeito de Pedro Leopoldo já lamentava, em entrevista ao jornal belo-horizontino Diário da Tarde, o declínio na atividade hoteleira e comercial da pequena cidade. Só faltou pedir o retorno o médium.

O contexto menos hostil ajudou a dar novo impulso às obras de Chico, que estavam meio encalhadas. Na poesia, tudo o que publicou entre 1934 e 1960 não superou, em extensão, o *Parnaso de Além Túmulo* (1932) - talvez nem mesmo em qualidade. Na prosa, também houve diminuição da ordem de 25% no volume dos textos, a partir dos anos 1950. Mas a dobradinha também ajudou a lançar Waldo como autor

espírita.

Juntos, Vieira e Chico escreveram: *Evolução em dois mundos* (1959); *Mecanismos da mediunidade* e *A vida escreve* (1960); *Almas em desfile* (1961); *O espírito da verdade* (1962); *Timbolão* (1963); *Leis do amor*, *Opinião espírita* e *Sexo e destino* (1964); *Desobsessão* e *Trovadores do Além* (1965); *Estude e viva*, *O espírito de Cornélio Pires* e *Entre irmãos de outras terras* (1966). Individualmente, Vieira publicaria: *Conduta espírita* (1960), *Bem-aventurados os simples* e *De coração para coração* (1962), *Sol nas almas* (1964), *Cristo espera por ti* (1965), *Seareiros de volta* e *Sonetos de vida e de luz* (1966), e *Técnica de viver* (1967).

Os médiuns ganhavam destaque, participando inclusive em programas consagrados da televisão brasileira, como o de Flávio Cavalcanti (TV Tupi), onde receberam poesias mediúnicas ao vivo. Meio século depois, nosso biografado copiaria para suas aulas a famosa frase do jornalista: “E os nossos comerciais, por favor.”



Em entrevista para Blota Júnior e Wandick Freitas (TV Record, 28/1/65)
Acervo de Fotos Chico Xavier

Os dois primeiros livros da dupla causariam espanto no movimento. Escritos com linguagem extremamente rebuscada, *Evolução em dois mundos* e

Mecanismos da mediunidade pareciam manuais científicos de biologia humana e física. Para o leitor comum, chegam a ser cansativos. Para os cientistas, soam como pseudocientíficos. Não sem ponta de razão, já que procuram legitimar a cosmologia espírita através de linguagem técnica, mas contêm diversas falhas lógicas e conceituais.

O presidente da Federação Espírita Brasileira não recebeu muito bem aqueles textos e perguntou se os próximos não poderiam ser em linguagem acessível (SOUTO MAIOR, 2010). Mesmo assim, foi um esforço legítimo de procurar aproximar o espiritismo da ciência e vice-versa. A procura vieiriana por conferir legitimidade científica a suas ideias já se manifestava naquela época, e conseguiu influenciar até as psicografias de Chico Xavier.

Os livros seguintes foram mais acessíveis ao grande público. Os primeiros visam estrategicamente os coordenadores e condutores de sessões espíritas. Em *A Vida escreve, Bem-aventurados os simples e Almas em desfile,* por exemplo, os autores elaboram anedotas, estórias curtas e contos, os quais servem de subsídio para palestras e cultos espíritas. Com foco no público interno também são escritos *Leis do amor,* na forma de perguntas e respostas, e *Desobsessão,* um verdadeiro manual para a organização das atividades do centro espírita.

Em linhas gerais, os livros procuram dar orientações morais para a condução pessoal e transmitir ensinamentos alinhados à cosmologia espírita. Assim o são *Conduta espírita, O espírito da verdade, Opinião espírita, Sol nas almas* e *Seareiros de volta,* cada um com estilo próprio. *Timbolão* é um breve poema infantil, que promete castigo implacável para a criança que apresentar mau comportamento. No livro *Entre irmãos de outras terras,* a dupla organiza os textos recebidos durante sua viagem à Costa Leste dos EUA, Inglaterra e França, entre junho e agosto de 1965.

Os dois livros iniciais, como já foi dito, carregam no linguajar técnico das ciências naturais, mas é importante não se impressionar com o tecnicismo. Trata-se de uma tentativa de explicar o fenômeno espiritual por analogia, tomando emprestada a terminologia dos campos prestigiados como a Física, a Química e a Biologia. Quando analisados com cuidado, é possível identificar uma série de lacunas explicativas, que tendem a passar despercebidas no meio de tamanha sofisticação.

Com o passar dos anos nota-se um aprimoramento do estilo literário da dupla. Por exemplo, em *Sexo e Destino*, Chico e Waldo já vão além das estórias curtas e se aventuram a escrever um romance completo. Em *Trovadores do além,* exploram o gênero da poesia em quadras. No ano seguinte, *Sonetos de vida e luz* e *O espírito de Cornélio Pires* apresentam poesias formalmente mais complexas.

Ainda naquele ano (1966), escrevem *Estude e Viva,* livro que, superficialmente, se parece com tantos outros da dupla mas, examinado com atenção, revela o nascimento do estilo que Vieira levaria ao extremo nas obras conscienciológicas da década de 1990. Denominado por ele de apostilhamento, envolve a construção de índices e referências no intuito de agilizar a consulta, e a elaboração de ensinamentos sintéticos, concatenados em sequência. Busca-se condensar o máximo de reflexão e associação de ideias por unidade de informação.

Desobsessão

Luciano dos Anjos (2006) conta que o livro *Desobsessão* foi publicado pela Federação Espírita Brasileira (FEB) a contragosto, e causou certa celeuma entre as casas espíritas. Esse antigo colaborador de Wantuil Freitas, hoje falecido, não entra em detalhes sobre o tópico e transparece a intenção de retratar um Waldo Vieira que, a despeito da excepcional

mediunidade, seria uma pessoa difícil de lidar. Não é claro o porquê de não fornecer dados ilustrativos e suponho que o próprio autor possa ter tido desavenças com o biografado no passado.

Não teria sido o primeiro incômodo causado por obras publicadas. O ex-colaborador da FEB registra que a série de psicografias de André Luiz lançada por Waldo e Chico foi duramente criticada, desde o início, sob pretextos moralistas dos mais variados (ALENCAR, 2011)

Mas a ideia de que o referido livro tenha causado incômodo a parte significativa das lideranças espíritas não parece improvável. Quem quer que fosse o tal “espírito André Luiz”, que andava psicografando pelas mãos dos nossos médiuns, havia passado da conta no intuito de estabelecer “padrões de qualidade” para o trabalho das casas espíritas.

Um livro como *Desobsessão* não é do tipo que cause estranhamento aos espíritas da atualidade. A deduzir pelo funcionamento clássico de uma casa espírita - que em boa medida se espelha no da medicina tradicional - é bem provável que os grupos mais estruturados utilizem protocolos similares ao do texto escrito por Chico e Waldo. Desnecessário dizer que o livro se parece muito com os manuais de professores das instituições conscienciológicas, que Vieira fundaria 30 anos mais tarde.

Mas se tal *modus operandi* é comum entre grupos espiritualistas da atualidade, nem por isso os espíritas estariam errados em se oporem ao livro, na época da publicação - se é que isso de fato ocorreu.

Já ilustramos como espiritismo era conduzido por uma classe média muito diversificada e heterogênea. Disso resultava, inclusive, a pouca centralização das casas e boa autonomia na relação umas às outras. Uma organização análoga à das instituições econômicas desta mesma classe: pequenas e médias empresas privadas, convivendo num regime que intercalava concorrência e cooperação.

Uberaba contava com 17 centros espíritas quando da chegada de Chico Xavier, em 1959. Varanda (2000) registra o apoio do médium na abertura de novas casas, chegando a quase uma centena ao longo dos próximos 40 anos. É de se esperar que as práticas variassem entre as casas e que tal heterogeneidade tendesse a crescer junto com isso.

Chico e Waldo (e André Luiz) podem ter agido na melhor das intenções no sentido de escrever um texto orientador do andamento do trabalho das casas espíritas (XAVIER & VIEIRA, 1964). No entanto, não deixaram de utilizar um método próprio dos chefes, determinando como o trabalho deve ser feito aos subordinados. Na linguagem corporativa, uma abordagem *top-down,* de cima para baixo.

Ou seja, embora o espiritismo não tivesse oficialmente um "dono", aquela parte se colocou na posição de detentora do saber universal sobre o exercício correto da desobsessão e, partindo deste lugar autoatribuído, tentou decretar o que são "boas práticas espíritas" para as demais casas.

Obviamente que a liberdade de expressão deve imperar e cabem às casas espíritas concordarem ou não com o *Desobsessão.* Mas considero que o livro é uma representação adequada de uma entre duas tendências básicas que atravessavam o movimento espírita naquela época. A representação de uma pressão homogeneizante, de estabelecimento de uma "profissionalização" da atividade, mais ou menos como se costumavam tratar os ofícios pelos governos da mesma época.

O período brasileiro compreendido entre a Terceira e a Quarta República foi marcado por um forte movimento de regulamentação das profissões liberais. Muita pompa e ladainha jurídica é feita em torno desses "marcos" e boa parte dos profissionais celebra os decretos com uma espécie de alívio. Finalmente recebem a permissão para exercer um ofício, num mundo que

gradualmente se habituou a ser proibido *a priori,* suspeito *a priori,* impedido *a priori.* Se nasce *sem direitos* para exercer boa parte das atividades econômicas “disponíveis” e se precisa ingressar num extenso processo de afunilamento e exclusão para tentar conquistar pequenas permissões das autoridades oficiais.

O processo de regulamentação agrada os setores concorrentes já estabelecidos, que procurarão interferir nos limites impostos a essa nova profissão, para que não mexam no queijo deles, ou mexam o mínimo possível. E vai agradar também os setores mais elitizados dentro daquela nova profissão, que sabem que terão seus alvarás e se livrarão da concorrência dos menores, que se formaram por vias “não reconhecidas”, sendo assim, proibidos.

O espiritismo não estava sujeito a regulamentações oficiais como essa, mas é esperável que sofresse pressões excludentes muito semelhantes, ao menos as que partiam de dentro do movimento. Pressões que tendem a vir de cima, e que se cobrem das melhores intenções de determinar quais são as “boas práticas” daquela religião.

Embora o discurso de boas práticas cative muitos inocentes, quem se coloca numa cruzada para estabelecê-las é justamente quem acredita ser o “bom praticante”. “Os outros que se adaptem!” Se a pressão social for bem-sucedida, algumas casas espíritas passam a ser discriminadas, num processo de maior hierarquização e exclusão do movimento. O caminho vai sendo aberto para as posições sobre o que é espiritismo e o que não é.

Dessa exclusão começam a nascer ramificações do movimento, que abandonam até a palavra espiritismo em favor de novas denominações. Visitantes ecléticos observam com curiosidade o fato de que tudo no novo grupo é, ao mesmo tempo, muito parecido com o bom e velho espiritismo mas, também, muito empenhado em defender suas diferenças aparentemente inconciliáveis.

Em suma, tanto na ciência quanto na religião, o processo de especialização e setorização das escolas não se deveu a uma suposta natureza “diversificada” dos problemas aos quais a Humanidade se debruçou, mas à dinâmica social excludente explicada acima. Termos como “multi/inter/transdisciplinaridade” nas ciências, ou “ecumenismo/holismo” nas religiões, tampouco são resultantes de alguma descoberta genial sobre a necessidade de conversa entre as escolas. São simplesmente uma reação a um processo divisório que não deveria ter acontecido desde o primeiro momento ou, melhor dizendo, não aconteceu para atender a necessidades da Humanidade mas para atender a necessidades segregacionistas e classistas.

A título de curiosidade, este autor se envolveu com um problema ilustrativo dessa dinâmica social, quando participava dos grupos waldovieirianos, e que resultou em sua exclusão da comunidade conscienciológica. Ao publicar um livro sobre “invexologia” - uma das milhares de especialidades criadas por Vieira - irritou lideranças que até então eram consideradas as referências nessa área específica. Um dos argumentos mais fortemente utilizados era de que o livro não era sobre a tal invexologia, já que ele “popularizava” certas ideias, ou não se centrava perfeitamente no que aquelas lideranças consideravam ser o diferencial dessa especialidade, que é um tal de “maxiplanejamento”. Tudo sob o manto das melhores intenções, para não “banalizar” ou “baratear” uma ideia “nova”, “de ponta”.

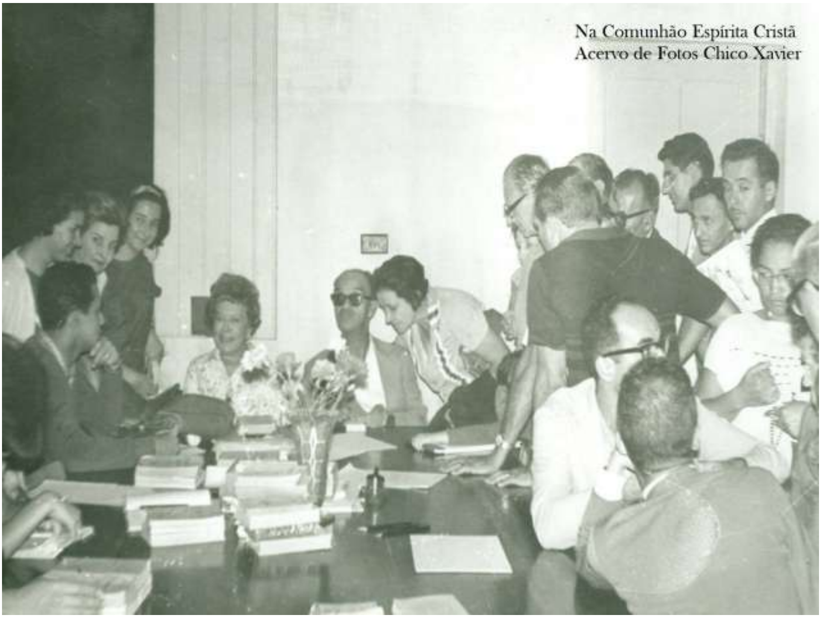
O passar dos anos mostrou o resultado. Os líderes que trabalharam pela expulsão deste autor continuam na liderança do processo, e isso é o que importa para eles. Sobre o tal “maxiplanejamento”, que eles diziam defender ao combater a “banalização” da invexologia, ninguém mais ousa tocar no assunto, já que o risco iminente é de receber críticas e desencorajamento por não conseguir chegar à altura da qualidade exigida pelas

lideranças. O site institucional do grupo é o primeiro a "popularizar" e "banalizar" certas ideias, já que ele precisa escrever sobre coisas compreensíveis e que toquem a realidade do público para poder atrair novos alunos. Qualquer um que tenta inovar acaba preferindo pular para algum outra das milhares de especialidades waldovieirianas, ao invés de mexer no vespeiro da invexologia e levar chumbo dos seus "donos".

Aqui e acolá, o belo discurso que opera no sentido de "proibir para desenvolver" se revela sempre uma perfeita falácia.

Quando André Luiz, pelas mãos de Waldo Vieira e Chico Xavier, apresentou sua visão sobre quais são boas práticas espíritas de desobsessão, fortaleceu a separação dos campos espiritualistas, em favor de uma visão específica sobre o que seria a desobsessão. Uma noção que é herdeira do paradigma médico-científico europeu, e que tenta se firmar como universal. Ao tentar se firmar assim, ela deixa de conversar e até estabelece muros de separação com práticas desenvolvidas a partir de outros contextos culturais.

Os espíritas, em seus esforços de auxílio aos que sofrem, são vítimas de forte discriminação da classe médica. Infelizmente, muitos setores dentro do espiritismo também se elitizam e discriminam praticantes que não se encaixam em sua visão de mundo. Felizmente há uma parte do espiritismo que abre conversa com outros campos espirituais, numa busca de fortalecimento através da união por interesses comuns.



Tratam-se de duas forças que normalmente operam em qualquer grupamento social - *bottom-up* e *top-down* - no sentido de organizar as relações de poder em seu interior e fazer frente à sociedade como um todo. Por um lado, o topo da hierarquia buscando se distinguir e, por outro, a base buscando se unir a outras bases marginalizadas. Não tenho uma análise exaustiva do movimento espírita e apenas acredito nesta possível explicação, partindo dos poucos indícios colhidos ao longo desta biografia, somado à minha observação informal e interação com (ex-)participantes do movimento.

A título de curiosidade, o livro *Desobsessão* também traz em seu prefácio a menção da Exposição Permanente Espírita, um assunto que Vieira menciona muito de passagem, vagamente, dando a impressão de ter sido objeto de tensões a influenciar seu desligamento com relação a Uberaba. Refletirei, em capítulos posteriores, sobre este desligamento.

Cristo espera por ti

Um livro supera de longe os demais, embora permaneça em segundo plano na extensa biografia vieiriana. Trata-se de *Cristo espera por ti,* alegadamente psicografado pelo espírito do escritor francês Honoré de Balzac (1799-1850). Duas décadas após ser publicado, o romance causou perplexidade ao psicólogo Osmar Ramos Filho, que se debruçou por vários anos na comparação entre esta obra e as de Balzac. A pesquisa foi apresentada no calhamaço *O avesso de um Balzac contemporâneo* (1995), que ganhou elogios do maior especialista brasileiro sobre o assunto - Paulo Rónai. Rónai afirmou que, para escrever tal romance, era preciso saber bem francês, estar impregnado da cultura francesa da época em que foi escrito e conhecer a fundo o universo balzaquiano.

Na verdade, o elogio de Rónai fica aquém da real complexidade desta psicografia. A investigação de Ramos Filho deixa-nos inclinados a considerar praticamente impossível alguém escrever *Cristo espera por ti* a não ser o próprio Balzac, observando fenômenos que aconteciam na cidade de Carcassone dos primeiros anos do Século XIX - ou seja, quando o romancista francês já se encontrava “desencarnado”, observando os eventos a partir do plano espiritual. Em tese, poderia até ser escrito por uma equipe especializada no assunto, mas estaria longe do alcance e da capacidade de um médico de trinta e poucos anos, trabalhador e militante espírita, que até então não conhecia a Europa.

Outros que ousaram imitar Balzac, no passado, o fizeram em breves páginas, nem sempre bem-sucedidas. Como explicar que um médico recém-formado, inexperiente na escrita de romances, como Vieira, faria mais de 300 páginas de imitação, com tamanha perfeição? Por que se arriscaria a copiar logo de cara um dos maiores nomes da literatura mundial de todos os tempos? Por que dedicaria tamanho esforço para

escrever a um público que, na absoluta maioria, nunca leria o romancista francês e não teria condições para compreender a complexidade da obra?

Um leitor que não conheça Balzac - como a imensa maioria do público consumidor de psicografias espíritas - apenas lê e aprecia a interessante narrativa. Sendo assim, para que fim Vieira se dedicaria a uma farsa tão bem-arquitetada, sem esperar nada em troca, nem fama, nem dinheiro? Waldo Vieira não era um fidalgo, com tempo de sobra para aventuras literárias não remuneradas. Meio século depois, em seus últimos anos de vida, o livro ainda estava longe de ser célebre, mesmo entre o seleto grupo de colaboradores da Conscienciologia.

Paradoxalmente, este livro com título piegas e projeção tímida tem todos os méritos para ser considerado *a obra-prima* vieiriana. No entanto, Vieira é muito mais reconhecido, pelos espíritas, por seu trabalho de caridade junto a Chico Xavier ou pelos livros de doutrina e moral espírita. É muito mais reconhecido, pelos conscienciólogos por seus “tratados” e liderança institucional. É muito mais reconhecido pelos espiritualistas brasileiros nos esforços para divulgar e estudar a viagem astral (ou “projeciologia”). Entre os acadêmicos, é objeto de alguma curiosidade antropológica, aqui e ali, ou de crítica, devido às limitações com as quais procura empregar o método científico. Mas o *Cristo espera por ti* foi, de fato, o único livro vieiriano que rendeu outro livro muito mais denso para comentá-lo. À diferença da maioria dos textos do nosso biografado, o *Cristo* é uma obra que provoca *mais* admiração, e não menos, à medida que é investigado profundamente.

Osmar Ramos Filho descreve, em quase 600 páginas, centenas de características do estilo de Balzac presentes na psicografia. Luciano dos Anjos (2006) afirma ter os manuscritos da obra de Osmar, os quais são ainda mais extensos do que a publicação final. Mesmo quando

analisado apenas por seu valor literário, o texto é uma verdadeira relíquia. Além do estilo próprio, *Cristo espera por ti* contém descrições precisas de um período histórico e uma bela trama condizente com a visão de mundo espírita. Mas o que causa maior perplexidade, entretanto, é o valor do livro como evidência do fenômeno espiritual, campo ao qual Vieira se dedicou e promoveu durante uma vida inteira.

Este valor é evidenciado pela investigação de Osmar Ramos Filho, a qual se compara, em detalhamento, a outros empreendimentos exaustivos para investigar médiuns e fenômenos sobrenaturais, como os relatórios de Feilding ou Myers a respeito de Eusapia Palladino e Leonora Piper, os estudos de Ian Stevenson sobre casos sugestivos de reencarnação ou, mais recentemente, as meta-análises e coleções de evidências laboratoriais de Dean Radin, para citar apenas alguns exemplos e fazer injustiça a muitos outros.

É verdade que Ramos Filho se restringe à descrição do fenômeno, não se aventurando a especular sobre seu funcionamento, propósito ou origem sobrenatural. Mesmo assim, a apreciação do livro vieiriano em conjunto com o trabalho de Osmar são, por si, uma experiência instigante sobre a questão da sobrevivência da alma.

Qualquer tentativa de resumir o trabalho de Osmar Ramos Filho seria tão empobrecedora quanto tentar explicar uma pintura famosa sem vê-la. O livro deixa claro que, para escrever *O Cristo espera por ti,* seria necessário compreender a fundo a totalidade da obra de Balzac. Trata-se de um autor com produção volumosa, celebrado como um dos maiores nomes da literatura mundial de todos os tempos, justamente por sua complexidade, à qual estudiosos dedicam carreiras inteiras para decifrar.

Vieira precisaria, para tanto, muito mais do que dominar o idioma Francês. Precisaria conhecer a realidade da época em que a história aconteceu, com

detalhes tão precisos quanto o dos trajes e vestimentas, as expressões idiomáticas locais, os calendários de festividades, o ciclo das aves migratórias, a vegetação e floração local, e até a passagem de um cometa. Nada disso estava ao alcance de um médico recém-formado, secretário de uma faculdade e militante espírita. E nada disso seria feito por alguma equipe secreta que não esperasse grande coisa em troca, sem que qualquer denúncia ou confissão de fraude fosse declarada com o passar das décadas.

A maioria absoluta das psicografias escritas por Vieira, ou em conjunto com Chico, não são um mistério, em termos de fenômeno sobrenatural. Se foram escritas por outros espíritos, não temos como determinar, mas o fato é que são textos que podem facilmente ter sido escritos pelos próprios autores, dispensando qualquer intervenção de outro mundo. O mesmo pode-se dizer das obras vieirianas posteriores, conscienciológicas. *Cristo espera por ti,* por sua vez, é o principal feito objetivo, público, de Waldo Vieira, cuja autoria e genialidade permanecem inexplicadas.

Materializações

Outro episódio que merece capítulo próprio são as sessões conduzidas com a médium Otília Diogo, que ficaram conhecidas como "materializações de Uberaba". Mais detalhes do episódio podem ser lidos no livro com o mesmo nome, escrito pelo jornalista espírita Jorge Rizzini, em 1964, imediatamente após o ocorrido, em resposta à publicidade negativa veiculada pela revista *O Cruzeiro*. Também utilizo, para a confecção deste capítulo, dois depoimentos de Vieira (TERTULIARIUM, 2012; SABEDORIA ESPÍRITA, 2017)

Em agosto de 1963, dois repórteres de São Paulo publicam, na revista *Fatos e Fotos,* seu deslumbramento com as capacidades mediúnicas de Otília. Waldo e Chico estavam em no Rio de Janeiro quando leram o artigo.

Nosso biografado estaria cético mas acatara a sugestão de Chico para fazerem com Otília algumas sessões de pesquisa. Ao todo, dezenove médicos espíritas se mobilizaram para organizar o trabalho e recebê-la em Uberaba. Rizzini e o fotógrafo Nedyr Mendes da Rocha documentariam o evento.

Atualmente, Vieira se restringe a afirmar apenas que, num primeiro contato, examinara a médium e verificara que ela era ectoplasta. Evita ser positivo quanto à produção de materializações por parte de Dona Otília e parece preferir se alinhar à narrativa de que ela articulava fraudes, com a conivência de Chico Xavier.

Por parte de Rizzini, temos uma descrição um pouco diferente. O contato inicial deste, bem como de toda equipe espírita, com Otília Diogo, teria sido no pequeno consultório de Vieira. Um rigorismo absoluto foi adotada para impossibilitar fraudes. Todos foram obrigados a tirar paletós, gravatas, relógios de pulso, lenços e qualquer artefato. Otília deveria trocar toda roupa e vestir apenas uma camisola negra fornecida pela equipe. Nove câmeras fotográficas foram instaladas, além de barômetros, balanças etc. Todos os participantes eram pesados no início e fim do experimento.

A equipe uberabense providenciou algemas para manter mãos e pés da médium presas à cadeira. Ela permaneceria dentro de uma jaula, impossibilitando qualquer tipo de aproximação de terceiros. Durante aquela sessão, após o transe da médium, materializou-se a tão esperada "Irmã Josefa", permitindo-se fotografar inúmeras vezes, inclusive atravessando a jaula, bem como outros objetos e até uma pequena gaita.

Observando a repercussão, a revista *O Cruzeiro* organiza uma reportagem de catorze páginas, simpática ao experimento, intitulada "Fenômenos de Materialização". O repórter que a assina se apresenta como um curioso, e solicita publicamente a oportunidade de presenciar pessoalmente uma sessão em Uberaba. A equipe de médicos espíritas aceitou o "autoconvite" e, no

dia acordado, o repórter aparece com uma equipe de sete jornalistas da revista.

A sessão foi conduzida em 3/jan/1964 e os jornalistas tiveram ampla liberdade de fiscalização e controle. A rigidez foi ainda maior do que na sessão anterior. Ainda assim, a inexplicável materialização espiritual de Irmã Josefa se fez, e conversou por meia hora com os repórteres, permitindo ser tocada e fotografada. Todos os repórteres deixaram relatos gravados para equipe da CEC registrando seu deslumbramento com o que acabavam de presenciar. No presente, Vieira relata o evento de uma maneira ambígua e um tanto estranha: a sessão teria impressionado os repórteres mas, posteriormente, através da análise das fotografias, os repórteres haviam concluído que os fenômenos eram fajutos.

Vieira relata receber telefonema de um dos repórteres, dois dias depois da sessão, informando que seria feita uma "tempestade publicitária" contra os fenômenos. Chico Xavier seria preservado e Waldo e Otília seriam caluniados. O repórter fazia o papel do "bom policial", lamentando sua impotência diante dos "maus policiais" da redação que já haviam decidido tudo, motivados pelo interesse de venderem revista. Segundo Rizzini, os médicos escutaram em conversas informais o interesse da equipe jornalística em concorrer a um prêmio de reportagem. O repórter aconselha a dupla a "sair de cena", o que foi prontamente atendido.

A cronologia de Rizzini apresenta algumas imprecisões que, somadas aos relatos vagos e ambíguos de Vieira, e a contradições na própria historiografia espírita, não nos ajudam a formar uma imagem muito segura da sequência do que ocorreu a partir de então. Procurarei apresentar o cenário que parece mais plausível.

Na semana seguinte ao telefonema, a revista lança reportagem difamatória contra a equipe das materializações. Os médicos espíritas respondem

imediatamente, desafiando os jornalistas do Cruzeiro para um debate público. Um programa foi organizado pela TV-Tupi e outro pela TV-Cultura, e anunciado pelos Diários Associados. Mas na véspera, os jornalistas do Cruzeiro informaram que não compareceriam.

Nas semanas seguintes, O Cruzeiro passou a publicar matérias consecutivas e negativas sobre o tema, totalizando onze edições (segundo Vieira) e setenta páginas. A tiragem total dessas revistas seria de 14.550.000 exemplares. Para Rizzini, aquele teria sido o maior golpe sofrido contra os espíritas, até o momento, em toda América Latina. Em resposta, os espíritas procuraram a imprensa e, com menos intensidade, foram recebidos para apresentarem sua versão dos fatos.

Para avaliar os fenômenos de materialização, o melhor que o leitor pode fazer é consultar a documentação original sobre o tema e confrontar os depoimentos da equipe organizadora e da revista. Transcrições das reportagens de O Cruzeiro e um depoimento mais recente de Waldo Vieira podem ser encontrados no website http://obraspsicografadas.org. Nesta biografia, irei me concentrar no que os documentos elucidam a respeito de Vieira, sua relação com o movimento espírita e os possíveis efeitos deste episódio em sua vida.

Em primeiro lugar, tanto Rizzini como O Cruzeiro deixam evidente o importante papel que Vieira tem, naquele momento, para o espiritismo brasileiro. As sessões foram conduzidas em seu consultório, contando com a participação de pelo menos 19 médicos e pesquisadores de diversas regiões. Jorge Rizzini, convidado para registrar as atividades, era talvez o jornalista espírita mais importante do seu tempo, e se colocou na linha de frente para defender os pesquisadores, procurando os principais órgãos da imprensa nacional para divulgar a versão espírita.

O evento deixa claro que havia um setor, entre os espíritas, interessado na investigação dos fenômenos

mediúnicos, e que este setor tinha algum nível de organização e articulação com a sociedade e a imprensa. E restam poucas dúvidas que Vieira estava entre os nomes mais importantes do grupo.

O Cruzeiro, para evitar reação adversa, tratou de preservar Chico Xavier, uma figura muito popular, concentrando suas forças em desacreditar Waldo e Otília. Resumidamente: Waldo seria o líder de uma farsa; Otília, uma mulher de índole duvidosa à procura de fama; Chico, um inocente que fora enganado. Apelaram até para acusações pessoais contra Otília, que seria ligada ao meretrício e teria abandonado marido e filhos. Rizzini, ao mesmo tempo que registra o apoio que a equipe recebeu de alguns, também expressa sua inconformidade com a postura de avestruz de outros.

Houve, entre seus colegas de jornalismo, quem se interessasse em ler a réplica dos espíritas mas não as publicasse, para evitar uma indisposição com a principal revista de notícias do País. Com Mário Palmério, já tivemos uma ideia de como os grupos de comunicação se mantém coesos, como uma forte corporação, mesmo sendo concorrentes. Nenhum jornalista menor quereria se indispor com Assis Chateaubriand, um dos mais poderosos empresários daquele Brasil.

Muitas lideranças espíritas simplesmente se calaram, o que também não impressiona. É comum que setores mais fracos se mostrem subservientes à imprensa, por medo de serem as próximas vítimas de alguma perseguição sensacionalista. Esperam, também, que mantendo relação cordial com jornalistas, ganhem aqui e ali alguma notinha de pé de página sobre seus trabalhos. E não vamos esquecer que poderia haver até espíritas que invejassem o trabalho de Waldo e Chico, vendo a campanha da revista como uma oportunidade de enfraquecê-los ou separá-los. Há vários candidatos a estrela torcendo pela decadência de estrelas maiores que as ofuscam.

Os depoimentos levam a entender que a dupla

capitulou perante a publicidade negativa da revista, fazendo o que um dos repórteres lhes aconselhara: “sair de cena”. Conta Rizzini, inclusive, que ambos receberam cartas ameaçadoras de fanáticos durante a campanha de O Cruzeiro, e precisaram se esconder quando chegou em Uberaba, de surpresa, um carro com elementos mal-encarados à procura de ambos.

A dupla se refugiou numa fazenda de amigos, na região da Mateira, Sul de Goiás, por alguns dias, enquanto os espíritas conseguiram que a polícia montasse guarda para proteger a CEC, temendo invasões. Vieira dá a entender que preferiu não enfrentar a revista, sob o pretexto de que o quadro acionário envolvia gente muito poderosa. Traz como ilustração, incidentes que ocorreram quase duas décadas depois, como se fossem resultados “cármicos” da malfeitoria da revista (a perseguição do regime Militar às emissoras do Senador João Calmon, presidente da Diários Associados, em 1980, e o assassinato misterioso do editor Alexandre von Baumgarten). Nesta época, os Diários Associados já não eram mais a maior conglomeração midiática brasileira, e vinham sendo duramente superados pelo Grupo Globo.

Ao não bater de frente contra O Cruzeiro, e simplesmente se protegerem, Vieira e Chico mostraram uma posição muito diferente daquela adotada pelos demais médicos, buscando vir a público para esclarecer as difamações apresentadas pela revista. É difícil saber mas possível perguntar até que ponto já transparece, nesse episódio, o início de um desgaste ou abandono do movimento, por parte de Vieira.

O relato de nosso biografado parece ser mais complacente com a revista do que com Otília. Num ataque onde, de um lado, temos a imprensa mais poderosa do País que, para aumentar a vendagem, difama uma senhora semianalfabeta, e do outro lado, temos a própria senhora, que produz fenômenos autênticos mas também recorre a truques, Vieira e Chico

preferiram não se posicionar, o que significa ficar do lado do agressor.

O próprio Vieira, atualmente, ao falar do assunto, gosta de comentar, sem muitos detalhes, a história de um taxista que levou perfumes para Otília usar nas sessões. Tenta destacar que não concordava com isso, mas que Chico seria complacente.

O problema da fraude não deve ser tabu no campo espiritualista. Os fenômenos mais marcantes e autênticos costumam acontecer de maneira espontânea, não estando inteiramente sob o controle do médium. Deparado com um grande público, uma cobrança e expectativa, e mesmo a dependência do fenômeno para garantir algum sustento, muitos médiuns recorrem a esse tipo de "carta na manga", uma precaução para ser usada na falta de um fenômeno autêntico.

Quando Vieira procura, atualmente, "lavar as mãos", preservar a própria biografia, às custas de ajudar a sujar a imagem de Chico e Otília, mostra sua incompreensão a respeito de como se posicionar a respeito de episódios como o das materializações em Uberaba. Por acaso a imprensa corporativa dá algum destaque para pesquisas e fenômenos paranormais autênticos? Está claro que não! Ela jamais fez isso e jamais o fará. Pelo contrário, destacará para o público que elas não existem e que tais fenômenos são uma invencionice da imaginação ignorante.

Quando o espiritualista ignora que as grandes corporações midiáticas são piores que aves de rapina, faz o que fizeram os espíritas uberabenses que, como Vieira e Chico, abriram as portas para o Cruzeiro em suas materializações. Na esperança de ganhar um pouco de projeção nacional, e na confiança de que a revista retrataria tudo de maneira honesta, serviram de inocentes úteis para uma campanha permanente das classes dominantes contra qualquer visão de mundo alternativa e qualquer movimento coletivo alternativo.

Rizzini (1997) apresenta os resultados das

reportagens de O Cruzeiro como ambíguos. Por um lado, a difamação ajudou a promover o espiritismo e suas publicações. Naqueles meses, afirma que se vendeu muito livro espírita, principalmente envolvendo mediunidade. Por outro lado, a revista jogou um balde de água fria nos propósitos de pesquisa mediúnica dos espíritas uberabense.

Não sei se concordo com a afirmação de que O Cruzeiro ajudou a promover o espiritismo. Basta ver que, ainda hoje, prevalece a versão de que as materializações de Uberaba são uma prova de que o espiritismo mineiro era uma fraude. É fácil ser engenheiro de obra pronta mas arrisco dizer que as materializações de Uberaba e a pesquisa de fenômenos espíritas no Brasil teriam melhor destino se associando a jornalistas independentes, sem dar ouro aos bandidos, se envolvendo com o jornalismo marrom dos grandes conglomerados.

Suponho que sem a cobertura daquela revista, o espiritismo uberabense não teria deixado de fazer nada do que fez nos anos seguintes, e talvez tivesse até feito mais. Ou seja, O Cruzeiro não lhes fez nenhum favor. Muito pelo contrário, a equipe que organizou as materializações ficou abalada, semiparalizada, ocupada em se defender por alguns meses e desanimada em organizar novas iniciativas de pesquisa.

Vieira diz que só voltou a se envolver em pesquisas anos mais tarde, com os norte-americanos. “Com essa imprensa que esta aí” (a Brasileira), seria um perigo - comenta. Essa já era a terceira campanha difamatória da grande mídia atingindo Chico Xavier, e a segunda promovida pelo grupo de Assis Chateaubriand.

A primeira foi em 1944, coordenada pela dupla de reportagens David Nasser e Jean Manzon. Como é costumeiro de jornalistas buscando acensão nas grandes telecomunicações, sua missão não tinha qualquer compromisso com a veracidade ou o respeito aos interlocutores. A prioridade é vender revistas e fortalecer o domínio da oligarquia proprietária daquele grupo

midiático. Vinte anos depois, Mazon confessa o arrependimento (SOUTO MAIOR, 2010). Igualmente, o já idoso Nasser reporta a surpresa por Chico ter descoberto a identidade da dupla disfarçada, num episódio que passou a lhe deixar com medo do Espiritismo (CHICO XAVIER, 2012; SAULO..., 2018).

Eventualmente, Vieira comenta com um certo ar vitorioso que essa campanha se voltou contra a própria revista, que teria dificuldades financeiras, anos mais tarde. Não creio que seja a melhor leitura da situação. Não houve vitoriosos nessa campanha. É verdade que o grupo de Chateaubriand começaria a enfrentar dificuldades logo em seguida, e quem quiser acreditar em “efeito cármico” fique à vontade. O motivo visível foi outro: a concorrência implacável de grupos internacionais que - à revelia da Constituição - se aliaram à ditadura de 1964 e ocuparam a imprensa brasileira. O consórcio entre Abril e Time-Life para criar O Globo foi o mais selvagem destes.

A quebra de uma imprensa sensacionalista em favor de outra, ainda mais reacionária, em nada melhorou o cenário para o espiritismo ou para o Brasil. O que vemos na sequência é praticamente o desaparecimento das tendências científicas no movimento, e uma tendência cada vez mais catequizadora e politicamente conformista. Os tempos de um Bezerra de Menezes ou Eurípedes Barsanulfo eram águas passadas. Espíritas dispostos a promover o lado evangélico do movimento ganhavam seus minutos de fama na imprensa, enquanto a discussão científica sobre fenômenos parapsicológicos era apropriada e ridicularizada por Quevedo e alguns céticos de gabinete.

Muita gente interessada na pesquisa de fenômenos espiritualistas cai neste erro comum. Digamos que realmente Chico fosse um matuto ingênuo, Waldo, um farsante, e Dona Otília uma tiazinha carente procurando fama. Qual bem fez O Cruzeiro à pesquisa parapsicológica? Nenhum! O pequeno grupo de espíritas

interessados em ciência que ali se organizava foi golpeado junto. É muito curioso como, até na atualidade, escutamos certos conscienciólogos e supostos pesquisadores da espiritualidade falaram com gosto do "declínio da parapsicologia". Parece que se sentem maiores vendo a crise do vizinho, que muito antes de ser concorrente, é aliado.

É lógico que, ao se investigar o sobrenatural, encontraremos mágicos e ilusionistas, mistificadores e crédulos, loucos e desajustados, profissionais e amadores, conscientes e inconscientes. Não creio que fosse o caso das materializações de Uberaba mas, mesmo que sim, não altera o raciocínio. Jogar alguns pequenos aos leões da grande imprensa não faz nenhum bem. Apenas dá mais munição para que ela continue a ridicularizar a investigação sobrenatural, que basicamente é o que fez ao longo de todo o Século XX. Ou alguém acha que corporações jornalísticas criadas para mentir e manipular, vão mesmo ingressar em campanhas de combate a mentira e manipulação?

O desenvolvimento de uma área do saber só ocorre com investimento. Só quem tem medo da parapsicologia e afins é que apoia a sua perseguição. Se for verdade que tudo o que a pesquisa parapsicológica investiga é “ilusão”, “misticismo” etc, isso será descoberto conforme se investe na área, e não através de caça às bruxas e desmoralização de quem se dedica a ela. Não se combate um suposto atraso atacando os atrasados, assim como não se combate a pobreza atacando os pobres. Exceto na cabeça de reacionários.

Golpe militar

Aos trinta e poucos anos de idade, Vieira não mais trabalhava como secretário de faculdade, nem como dentista ou médico remunerado. Tampouco recebia algum sustento da mãe, viúva. Seu tempo era quase inteiramente tomado pelos trabalhos espíritas.

Em fins de 1965, com o Ato Institucional nº 2, o PTB foi colocado na ilegalidade e Mário Palmério, destituído do cargo. Vieira teria que reajustar seus rumos profissionais a partir de então. O golpe militar tinha interrompido o emprego do biografado, que teria no máximo algumas economias, não uma fortuna.

Justamente por ser a principal liderança espírita, depois de Chico, Vieira foi o principal alvo da campanha negativa na maior revista de circulação nacional. A tempestade publicitária de O Cruzeiro obrigou o biografado a revisar sua relação com o movimento espírita. O evento jogou um balde de água fria para qualquer plano de fazer pesquisa paranormal no curto e médio prazo.

O Cruzeiro, como que numa caça à bruxaria e ao curandeirismo, manchou nacionalmente a iniciativa de pesquisa espírita brasileira. A campanha submeteu Dona Otília - uma senhora simples, analfabeta e interiorana - ao assédio inescrupuloso de jornalistas sensacionalistas da capital. Aquele pequeno número de médicos e investigadores brasileiros, entusiasmados em estudar os paranormais, agora estavam receosos.

Conta-nos o escritor espírita Hermínio C. Miranda (ANUÁRIO ESPÍRITA,1965) que, na década de 1960, havia organizações norte-americanas e europeias interessadas no trabalho espírita brasileiro. Dentre elas, estava a Belk Foundation, da Carolina do Norte, com filiais nas costas Leste e Oeste dos EUA. Esta organização enviou uma delegação preliminar ao Brasil, em 1963, para conhecer o local e, se possível, instalar sucursal em colaboração com cientistas brasileiros.

Na oportunidade, a delegação teve contato com José Arigó e Otília Diogo, entre outros. Consideraram autênticas as mediunidades destes dois, embora também encontrassem credulidade excessiva e alguma fraude. No cômputo geral, a viagem foi considerada positiva e uma nova expedição estava prevista para 1964. Obviamente, uma expedição como essa teria dado força aos espíritas

brasileiros interessados na pesquisa psíquica.

Entretanto, em 1964, além dos ataques de O Cruzeiro à equipe vieiriana, Arigó - o mais famoso cirurgião espiritual brasileiro, também mineiro e amigo de Waldo e Chico - foi indiciado por "curandeirismo". Também foi o ano a partir do qual o Padre Oscar Quevedo passou a escrever livros combatendo o Espiritismo brasileiro e os achados da Parapsicologia, apoiado pela Igreja Católica. Enfim, havia uma onda reacionária em marcha, nada convidativa para a continuidade de trabalhos de pesquisa paranormal. Dada a conjuntura, a segunda expedição da Belk Foundation foi adiada, só vindo a acontecer em 1967 (DOS ANJOS, 2006).

Vieira e Chico estavam justamente no clima de apreensão desencadeado pela revista O Cruzeiro, entre fevereiro e maio de 1964, quando começaram a ler as manchetes da imprensa celebrando a "revolução". Em 1 de abril de 1964, os militares depuseram o "comunista" João Goulart para "resgatar a democracia". Uma democracia à perfeita moda militar, sem eleições presidenciais pelos próximos 25 anos. Apesar da euforia midiática, Vieira certamente sentiu o impacto "democrático nas pessoas próximas.

Mário Palmério viu sua carreira política ser encerrada. Refugiou-se numa fazenda do centro-oeste e passou a se dedicar à literatura. Alguns companheiros petebistas precisaram se exilar no Exterior. Outro amigo de Waldo e Chico - Oscar Niemeyer, filiado ao Partido Comunista do Brasil (PCB) - precisou prestar depoimento no Departamento de Ordem Política e Social e foi forçado a se exilar na Europa até 1980. O próprio Wando Vieira, irmão de Waldo, era filiado ao “partidão”, também colocado na ilegalidade.

Considerando o cenário nacional desfavorável, Vieira, Chico e pessoas ligadas ao espiritismo devem ter considerado um momento oportuno para estreitar contatos com os espiritualistas de outros países. Ambos eram personagens de projeção nacional e seguramente

já tinham recebido convites do gênero. Embarcaram em duas viagens internacionais, detalhadas na seção seguinte.

Vieira estava ciente que a repressão durante a ditadura vinha escalando gradativamente, culminando no Ato Institucional nº 5, em 1968. É quase certo que amigos próximos, articulados no mundo político e empresarial, como Mário Palmério, o recomendassem discrição, muito antes disso. Nosso biografado publicaria o último livro espírita - Técnica de Viver - em 1967 para, em seguida, literalmente sair de cena.

Devido a suas atividades intensas e com conotação política, na década anterior, talvez Vieira também suspeitasse de algo que acabou confirmando décadas mais tarde. O biografado tinha o nome fichado no DOPS. Um amigo lhe contou sobre isso muitas décadas depois, quando a Comissão Nacional da Verdade abriu os arquivos secretos da ditadura militar.

Também seu futuro patrão, Walter Belian, presidente da Antarctica, já era gato escaldado a se incomodar com a pressão de regimes opressivos sobre sua atividade empresarial. As duas ditaduras (1937 e 1964) impuseram estado de tensão e incerteza sobre atividades empresariais. Nessas duas ocasiões, oficiais armados invadiram a sede da Fundação Antonio e Helena Zerrener (FAHZ), presidida por ele, para verificar se havia "irregularidades" em relação à administração da Antarctica (MUSEU DA PESSOA, 2006). Esse tipo de prática não é rara na mudança de regimes. O grupo que toma o poder logo faz uma sondagem sobre patrimônios maiores, buscando possíveis brechas que lhe permitam tomar o controle dos meios produtivos.

É bem possível que a própria direção da Antarctica recomendasse a Vieira permanecer mais afastado de atividades públicas espíritas. Exercer medicina gratuita em centro espírita? Sair pela periferia pregando o evangelho no lar? Organizar filas imensas para distribuição de donativos? Fazer pesquisas com médiuns

de materialização? Quantos não seriam os pretextos para que o Governo incomodasse novamente a FAHZ e Walter Belian.

Sem contar que os Belian haviam suportado recentemente e vencido duas décadas de disputa pelo controle da Antarctica, contra a família de sócios minoritários e contra o Governo Alemão. Tudo o que eles queriam era permanecer longe de encrencas.

Viagens internacionais

Em 1965 e 1966, Waldo viajou aos EUA e Europa. Dentre seus apoiadores estiveram o casal Salim Salomão e Phillis Haddad. Salim havia se convertido ao espiritismo após ter sido curado de tuberculose. Casou-se com a norte-americana Phillis e se mudaram para os EUA. Fundaram o *Elon College,* na Carolina do Norte, e pediram ajuda dos médiuns para levar o espiritismo ao país.

Outra importante parceira foi a médium norte-americana Hazel Morris, de Louisiana, que já conhecia o Brasil desde a década de 1940 e se dedicava a traduzir para o inglês a literatura espírita brasileira. Morris e o casal Haddad se tornariam amigos da dupla ainda no Brasil, preparando suas viagens ao exterior, ajudando-os tanto financeiramente quanto no estudo do idioma inglês e, posteriormente, servindo de ponte para a pós-graduação de Vieira no Japão (CONSCIÊNCIA LÚCIDA, 2016a).

Os dois aterrissaram em Washington a 22 de maio de 1965. Naquela cidade, auxiliaram religiosos locais na fundação do “Centro Espírita Cristão” *(Christian Spirit Center)* (LORENZETTI, 1967). Também visitaram Los Angeles, San Francisco, Miami, Nova Iorque, entre outras. O protagonismo de Vieira e Chico é tão central no movimento uberabense que raramente são mencionados outros companheiros que também estiveram na expedição, a exemplo de Irineu Alves e Maria Aparecida

Pimentel Gonçalves ("Ventton Harrison").

Jorge Rizzini acompanha o grupo quando visitam Nova Iorque, produzindo o livro *Kardec, Irmãs Fox e outros* e pequeno documentário em filme. Não sabemos até que trechos ele os acompanhou mas é possível que tenha ido à Europa, já que há notícias de que tais viagens também foram filmadas (NUNO EMANUEL, 2018)

Acervo de Elifas Alves



Ao lado da notável espírita americana Miss Hazel Morris, de Shreven-port, Estado da Lousiânia, tradutora de obras de Emmanuel e André Luiz para o Inglês.

Vieira e Chico produziram textos mediúnicos em conjunto com comunidades espiritualistas anglo-saxônicas e latino-americanas. Escreveram o livro *Ideal Espírita* e impressos periódicos, e começam as tratativas para sua publicação traduzida para o inglês pela editora da *Philosophical Library.* A repercussão da viagem no público local foi tão grande que o estoque de selos dos correios da cidade se esgotou, tantas eram as cartas solicitadas a Chico Xavier pela comunidade (GEMINHASI, 1977).

Cabe lembrar que, em seguida, Vieira e Chico fariam sua primeira visita à Europa, portanto, depois da publicação de *Cristo espera por ti.* Na França, registram uma foto consagrada junto ao túmulo de Allan Kardec.

A viagem duraria mais de seis meses. Dos EUA, a dupla partiu para conhecer instituições espiritualistas e parapsicológicas na Inglaterra, França, Itália, Espanha e

Portugal. Foi a primeira visita de Waldo e Chico à Europa, portanto, posterior à publicação de *Cristo espera por ti.* Em Paris, tiram uma foto consagrada no espiritismo, junto ao túmulo de Allan Kardec.



Vieira e Chico na União Espírita Francesa
Acervo de Fotos Chico Xavier

Na Península Ibérica, enfrentaram as “sombras” e até correram “risco de vida”. Lembro-me de Vieira mencionar, sem muito detalhe, sobre a perseguição do Opus Dei aos espíritas espanhóis. Embora ligado ao Vaticano, o Opus Dei é um fenômeno mais Espanhol do que Italiano. Naqueles anos, estava sendo incubado pela ditadura de Francisco Franco e logo seria exportado para a América Latina, onde se aliaria às ditaduras deste continente para concorrer com as correntes católicas mais progressistas.

Portugal também está sob anos muitos duros da ditadura salazarista, que acabava de fechar os três principais centros espíritas de Lisboa. Os bens do Centro Espírita Perdão e Caridade foram confiscados pelo regime

e não foram restituídos até a atualidade (FOTOS CHICO XAVIER, 2020). Fatos como esses certamente levaram Vieira a refletir sobre se era seguro continuar se envolvendo de corpo e alma no movimento espírita.



Considerando a proximidade geográfica, é quase certo que Vieira teve contato direto com a *Parapsychological Association* (Carolina do Norte), a *American Society for Psychical Research* (Nova Iorque), a *Society for Psychical Research* (Londres) e *Institut Métapsychique*, embora não tenhamos documentação a esse respeito. Outros encontros são citados por Irineu Alves (1966) no Anuário Espírita.

No retorno das viagens, a dupla trouxe livros sobre a história e a pesquisa parapsicológica mundial, totalizando mais de 400 volumes, que comporiam a Exposição Espírita Permanente, ainda em idealização.

Para informar sobre a viagem, quinze mil cópias de um folheto de 24 páginas foram distribuídas gratuitamente pelo Grupo Espírita Emmanuel (1965), em colaboração com a CEC e outros quatro centros espíritas

paulistas. A expedição foi denominada de “A Grande Viagem” a ficar registrada nos “Anais do espiritismo”.

Segundo Leonel Varanda, há 38 vídeos de 8 mm que registram as viagens dos dois por estes países. Luciano dos Anjos (2006) relata um possível motivo pelo qual esta viagem não foi ainda mais detalhada dentro dos registros espíritas. Segundo o autor, a relação entre Vieira e Wantuil de Freitas, presidente da FEB, não vinha sendo das melhores. Apesar de ser praticamente um braço direito de Wantuil, e escrever um livro a este respeito, dos Anjos não fornece detalhes. Entretanto, as pistas oferecidas estão em rusgas que parecem ter o estopim num episódio onde os espíritas se dividem em acusações contra Divaldo Franco, sob a alegação de que o médium baiano teria plagiado mensagens escritas por Chico Xavier. Tratarei deste caso em capítulo a parte.



Chico, Sylvia e Maurice Barbanell, Kathleen Crooks e Waldo (Londres, 1965)
Acervo de Fotos Chico Xavier

O desgaste entre Waldo e Wantuil teria aumentado ao longo das tratativas para a publicação do já mencionado livro *Desobsessão* (1964). A dupla avisa a FEB sobre a viagem com apenas uma semana de antecedência, como se não quisesse envolver a Federação nessa empreitada. Não obstante, enviaram várias fotos à FEB, que eventualmente as publicaria.

A segunda viagem iniciou no dia 24/4/1966. A

dupla partiu de Congonhas para Nova Iorque, Washington, Louisiana. Dos EUA, foram para o México e Haiti. De lá, para Carcassone, Londres e outras localidades. Retornam no início de setembro, e Waldo trazia uma amiga com a qual começara a se envolver afetivamente. Coube à FEB, novamente, o simples papel de notificar o público, sem maiores avisos ou possibilidade de participação - situação que não agradou muito à direção (Dos Anjos, 2006).

A outra versão dessa viagem nos é contada por Geraldo Lemos Neto, em 2017, que afirma tê-la escutado do próprio Chico Xavier. Por esta versão, mais disseminada e que talvez Chico também tenha contado a outros colegas, muito antes disso, Vieira abandonou o companheiro logo no início da viagem. A dupla chegou em Nova Iorque para o lançamento do livro *The world of the spirit* pela Philosophical Library. Chico já teria previsto e alertado Vieira sobre o que aconteceria em seguida (NUNO EMANUEL, 2017).

No lançamento, Vieira conhecera uma loura russa esfuziante, médica, com por quem se apaixonou. Ela o convenceria a viajar com ele para cursar especialização em cosmética. Uma “representante das trevas”, segundo o médium, que desviaria o biografado de sua missão espiritual. Vieira informou Chico que deixaria pagas 30 diárias no hotel onde estavam, próximo ao *Central Park,* e que voltaria em alguns dias. Chico aguardou mas Vieira não voltou. Desesperado sem ter para onde ir, nem como se comunicar com seus conhecidos, Chico vai à porta da Catedral de São Patrício e ora. Nisso, uma senhora muito rica cruza por ele, e informa que pagaria uma promessa, dando acomodação e alimentação para o primeiro mendigo que encontrasse. Foi assim que Chico conseguiu dinheiro para telefonar a seus amigos em Uberaba e conseguir uma passagem aérea de volta para casa.

A versão de Geraldo Lemos Neto parece menos plausível, já que, segundo ele, Chico teria voltado para o Brasil muito antes de Waldo, ainda no primeiro semestre

de 1966. Lemos neto era criança na época da viagem. Já Luciano dos Anjos, companheiro próximo dos médiuns, que já militava no espiritismo e junto à FEB, reporta que ambos chegaram ao Brasil apenas no início de setembro, telefonando para Wantuil para informar a chegada. *O Reformador* registra a chegada em artigo intitulado "Chico-Waldo de volta". E estavam acompanhados da moça com a qual Vieira tinha se envolvido.

Uma concordância entre os relatos e as poucas informações fornecidas pelo próprio biografado é que, de fato, Vieira fora estudar cosmiatria com o "pessoal de Hollywood". Não é preciso ser especialista no assunto para concluir se tratarem das inovações no campo da cirurgia estética dedicada justamente a indústria cinematográfica, que floresci na época, e onde não faltam beldades. Parece que a oportunidade apareceu durante a própria viagem, não tendo sido planejada, e foi considerada imperdível e inadiável para Vieira. Foi ali que ele conheceu de perto a técnica do japonês Rin Sakurai, que era uma espécie de celebridade no mercado de implantes.

Trataremos deste particular no próximo capítulo. Convém ressaltar que, aparentemente, não havia nenhum plano de "deixar o espiritismo." As viagens foram uma espécie de continuidade do trabalho espírita. Talvez iniciada como forma de contornar o clima de animosidade da imprensa nacional, ou até como forma de resposta, a dupla procurava dar a volta por cima.

Se O Cruzeiro tentou retratar a dupla como charlatães, agora eles estavam levando o espiritismo para o Primeiro Mundo. Tudo devidamente registrado, filmado, fotografado. O empenho e a produção da dupla deixa mostras de que estavam extremamente determinados. Nem mesmo a revista do magnata Assis Chateaubriand era páreo para eles!

Mas aquele que parecia ser o ápice da promoção e expansão espírita brasileira, talvez por insuficiência de suporte local, talvez pela oportunidade profissional que

se apresentava a Vieira, acabaria se configurando como o último suspiro de adeus da dobradinha espírita mais pródiga do Brasil.

Vieira estava, em tese, desempregado há seis meses, desde que o Ato Institucional nº 2 extinguira o PTB. Trabalhar com Sakurai - que já vislumbrava expandir atividades para o Brasil - seria uma grande oportunidade. Ao final daquele ano de 1966, Vieira partiu para o Japão, ter aulas com o novo mestre. Conheceu ainda as Filipinas e Hong Kong, onde estudou com alunos mais adiantados. Era o ápice da Guerra Fria e, convidado para visitar a União Soviética e conhecer as pesquisas psíquicas “além da cortina de ferro”, recusou. A conjuntura era complicada demais para ter, no passaporte, um carimbo do Kremlin.

Deixando Uberaba

A versão do biografado a respeito da saída de Uberaba transmite a ideia de que ele já tinha uma noção definida de como seriam seus dias dali para frente. Tratava-se de uma "maxidissidência." Era impossível fazer pesquisa parapsicológica naquele momento (anos 60), naquele lugar (Uberaba) e naquele círculo social (movimento espírita). Seria preciso recolher-se - "sair da vida pública", como ele define - e dedicar-se a estudos profundos, enquanto aguardava o nascimento de uma nova geração.

Uma pessoa pode olhar para o seu passado e interpretá-lo como se tudo estivesse previsto desde o início. Afinal de contas, sentimos que mantemos uma essência muito estável de nós mesmos ao longo da vida. Nossos desejos, medos, ambições, vocações, talentos são parecidos. E a tentação é grande para fazer um recorte da própria vida de maneira a colocar-se na cabine de controle. Não ocorre só com Vieira mas com todos.

No meio espiritualista, não é raro pessoas crerem que tudo o que lhes aconteceu ou acontecerá é resultado

de suas próprias escolhas. Embora não tenham ideia do que farão para o almoço daqui a dois dias, pelo menos se sentem no controle do próprio destino e recriam o passado para imaginarem que tudo o que aconteceu estava planejado, "era para acontecer".

Nesta seção iniciarei uma análise crítica a respeito da narrativa da maxidissidência. Muita coisa só fica mais clara a partir das décadas seguintes mas a experiência dos últimos anos em Uberaba já fornece pistas importantes para refletir sobre as motivações que levaram nosso biografado a transferir residência para o Rio de Janeiro e iniciar uma fase mais privada de sua vida, que dura cerca de 13 anos.

Os depoimentos de Vieira sobre a época costumam ser curtos, lacônicos, deixando brechas preenchidas pelo imaginário dos ouvintes. Ele sempre menciona ter alertado Chico de que ficaria no movimento espírita por apenas algum tempo. Como se suas faculdades paranormais o permitissem uma premonição avançada do que estaria para acontecer. Eventualmente, comenta que percebera um "sinal" de que havia chegado o momento de afastamento, quando constatou que populares colocaram sua foto em altares domésticos e até batizaram filhos com os nomes Waldo e Walda.

Já o escutei falar também sobre um aborrecimento que parece ter servido como a gota d’água para seu afastamento do movimento espírita, relacionado à falta de apoio para a Exposição Espírita Permanente (EEP). Para Mabel Teles (2014, p. 79), Vieira especula que “eles" perceberam que tal empreitada caminharia para a criação de uma universidade, e isso "colocaria o dogma religioso em xeque.”

Quem são "eles"? Por acaso as milhares de universidades existentes hoje, muitas fundadas ou mantidas por ordens religiosas, "colocam em xeque" o dogma religioso (o que quer que isso signifique)?

Há sempre no discurso vieiriano uma força oculta, aparentemente ligada às federações espíritas, que

exerce patrulhamento ideológico contra seu trabalho. Praticamente o biografado se apresenta como tendo sido um lobo solitário, ovelha negra do movimento. Mas é uma versão implausível.

Será mesmo que não era prioridade das federações espíritas organizar uma exposição espírita permanente? Vamos supor que não. Isso significa que a combateriam? Mesmo que combatessem, Vieira tinha condições e apoio para tocar o empreendimento, independente do apoio do que ele chama de “vaticaninhos" espíritas.

Vieira tinha o apoio nada pequeno de Chico Xavier. Um aficionado por livros, leitor incansável. Tinha apoio de espíritas importantes do sudeste, como se percebe na cobertura das materializações de Otília Diogo e das viagens ao Exterior. Tinha apoio de Mário Palmerio. Vieira tinha apoio popular e também bons amigos na classe média e alta da região. Vieira tinha apoio de quem bancou suas viagens. Coordenava a CEC, que organizou a famosa distribuição de donativos a onze mil favelados. Ninguém faz isso sem apoio.

Em textos espíritas da década de 60, onde encontramos eventuais menções à EEP, ela é claramente abordada de forma positiva, o que leva a concluir que importantes companheiros espíritas da época apoiariam a iniciativa, se é que ela estava sendo combatida.

Apesar das aparentes rusgas entre Vieira e a Federação Espírita Brasileira, que só encontramos no relato de Luciano dos Anjos (2006), é fácil observar que o saldo do trabalho entre ambos foi positivo. Ele e Chico eram os autores *mais publicados da FEB* na época. Obviamente que Wantuil de Freitas não estava lá para servir de funcionário da dupla, e nem teria a obrigação de se alinhar a eles em tudo. O máximo que podemos suspeitar é da existência de certa tensão entre Waldo e Wantuil sobre quem conseguiria ter maior influência sobre o famoso Chico. Mas era uma tensão que ficava em segundo plano, e no cômputo geral, Waldo e a FEB

funcionaram muito mais como aliados de trabalho do que rivais.

A EEP recebeu nada menos que um projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer, famoso mundialmente pela construção de Brasília, 5 anos antes. Em 1964, Waldo e Chico mencionam de passagem a iniciativa da EEP no prefácio do livro *Desobsessão,* deixando transparecer que o projeto estava na agenda de ambos. Lauro Michielin reporta, no *Anuário Espírita* de 1966, com entusiasmo, um total de 400 livros trazidos do Exterior pela dupla para compor o acervo. Ou seja, se é que havia mesmo forças ocultas combatendo os trabalhos de Vieira, o mesmo as tirariam de letra.

Descartamos, portanto, a versão de que Vieira tenha saído de Uberaba por pressão de patrulheiros espíritas ou por falta de acolhimento de suas iniciativas na região. São duas hipóteses que não se sustentam quando analisamos os registros disponíveis da época.

O que é ser dissidente de um campo de conhecimento? É possível ser dissidente da biologia? Da matemática? Do budismo? Da conscienciologia?

Um dissídio é um fenômeno social, político, algo que acontece entre sujeitos ou grupos. Não é um fenômeno intelectual, entre o sujeito e determinado campo de conhecimento. Sair de um grupo não o torna dissidente do grupo. Mudar de opiniões não o torna dissidente das opiniões anteriores. O termo dissidente é mais corretamente usado para exprimir um fenômeno onde determinado membro ou setor passa a disputar, contra o setor dominante, qual é a posição verdadeira.

Assim, mesmo que queiramos falar coloquialmente que Calvino e Lutero foram dissidentes "do catolicismo", é mais correto apresentá-los como dissidentes da Igreja Católica, representada pelo Papa. Mesmo que falemos que Jung e Adler foram dissidentes da psicanálise, não podemos perder de vista que se tratava de uma dissidência em relação a Freud. E Vieira seria dissidente de quem? De Chico? Da FEB? Da CEC?

Como isso se apresenta, em 1966?

O fato é que isso não se apresenta. O único argumento que temos para dizer que Vieira se tornou dissidente do espiritismo em 1966 é o fato de que o próprio Vieira fala isso, a partir da década de 90. Para um historiador, este argumento é insuficiente.

Se Vieira estivesse mesmo fazendo uma dissidência do movimento espírita, por que deixara pessoas administrando a CEC? Por que não fechar tudo e parar de compactuar com essa "seita cristã" (termo que ele eventualmente usa para desqualificar o espiritismo)? Por que não manter a CEC como o epicentro de produção aberta das divergências com relação ao movimento?

As ações de Vieira na época são mais condizentes com a de alguém que vai precisar se afastar por alguns anos mas procura manter o trabalho em andamento. Em 16 de janeiro de 1967, já morando na capital da Guanabara, Vieira ainda prefacia seu livro *Técnicas de Viver,* lançado pela CEC naquele mesmo ano.

Sabendo que ficaria no Rio de Janeiro por algum tempo, Vieira tem uma breve tentativa de iniciar trabalho espírita na região. Chega a lançar anúncios em jornal solicitando médiuns de materialização da região para pesquisa (Dos Anjos, 2006). Mas com a rotina do consultório, percebe que demoraria um tempo antes que pudesse voltar à militância mais intensa.

Em 1983, o biografado afirmaria ser "mais espírita do que nunca" e ser o espiritismo "os estatutos do Universo". Em 1986, situaria sua recém-criada projeciologia como um *subcampo* do espiritismo. Até 1991 ele escreve mensalmente para o Jornal Espírita. É só em 1994, com os *700 experimentos da conscienciologia,* que veremos um tom áspero contra o espiritismo.

Na segunda metade dos anos 60, o que estava em jogo para Vieira não era dissidir do espiritismo mas dar atenção a seu destino profissional. Tanto que o grande evento naquela época foi mudar-se para o Rio de Janeiro.

Não foi um evento motivado por questões ideológicas ou doutrinárias, mas por questões de trabalho.

O médico Rin Sakurai tinha interesse em abrir consultório no Brasil e o local mais indicado para uma clínica dermatológica era o Rio de Janeiro, a cidade maravilhosa, antiga capital nacional, polo importantíssimo para do turismo e da indústria cinematográfica. Para Vieira, era uma oportunidade de ouro.

Nada indica que Vieira tinha projetos definidos, claros e resolvidos a respeito do espiritismo. Seu esforço agora era fazer o consultório dar certo e juntar alguma renda. Por quanto tempo? Não há como saber. Se tudo desse certo, não precisaria voltar a Uberaba, pois o movimento espírita carioca também era forte e Vieira poderia retomar sua militância lá.

Saberia, Vieira, que Sakurai faleceria três anos depois, sem revelar a fórmula que usava em seus implantes? Saberia, Vieira, que sem o fornecimento da matéria-prima e também por pressão de sua noiva, fecharia a clínica?

Em algum momento, naquela década, Vieira aproximou os laços com a família que controlava a Cia. Antarctica Paulista. Saberia ele, em 1966, quando conheceu "a turma de Hollywood" e se apaixonou por uma bela russa, que em 5 anos trabalharia para a Antarctica *Paulista* mas, morando no Rio de Janeiro e noivo da enteada dos donos da empresa? Teria, no início dos anos 70, certeza de que moraria no Rio por mais vários anos? E se o casal precisasse se mudar para São Paulo, sede da Antarctica?

Se a “dissidência” fosse realmente um fator fundamental em 1966, uma espécie de gota d’água, o mais lógico de esperar não seria o que aconteceu com o biografado naquele ano. O mais lógico é que continuasse em Uberaba, mas começasse a propor ideias diferentes. Vieira dirigia toda uma estrutura importante como a CEC, que contava inclusive com editora própria. Era em

Uberaba que teria o maior número de aliados e um público dos quais muitos poderiam passar a escutá-lo.

É demais acreditar nessa misteriosa mudança de conjuntura, na qual faz sentido praticamente liderar o movimento espírita uberabense entre 1959 e 1966 para, no semestre seguinte, fazer sentido se transferir para o Rio de Janeiro e fazer pesquisa solitária, sob o pretexto de que não havia ambiente para o estudo científico.

Uma mudança de cidade e realinhamento profissional não são coisas das mais triviais. Penso que se fosse por causa da “dissidência espírita”, e não pelo fim de uma atividade profissional remunerada e abertura de outra, Vieira não teria motivo para sair de Uberaba em 1966. Do contrário, continuaria ali, próximo de seus contatos, trabalhando no que já fazia, buscando um realinhamento profissional.

Um movimento dividido

Sinto necessidade de refletir sobre como estava o espiritismo brasileiro na época em que Vieira se muda para a Guanabara, embora não seja especialista na história espírita. Espero que os companheiros da pesquisa espiritualista ajudem a expandir, esclarecer e corrigir pontos apresentados a seguir.

Parece-me que o espiritismo era a religião que mais crescia no Brasil, em meados do Século XX. Mesmo que não o tenha sido, é certo que o movimento ganhava força e importância. Nos anos 60 tivemos datas simbólicas importantes para o movimento, como o centenário da chegada do espiritismo no Brasil e da morte de Allan Kardec. Selos comemorativos oficiais foram lançados. A FEB inaugura sede em Brasília e é a maior instituição espírita do Planeta.

De todos os discursos religiosos, era o que mais se inclinava para a ciência e para as belas letras, fazendo com que ganhasse o apreço da pequena-burguesia urbana "esclarecida". Ele trazia um apelo ao

desenvolvimento individual e razoavelmente democrático, muito demandado por essa camada social. Qualquer um pode ser médium, bastando disciplina e intenção fraterna. Por esse mesmo motivo, o espiritismo também cativava camadas populares mais pobres. A prática de caridade era o centro da atividade espírita.

É uma cosmologia mais horizontal, na qual seus praticantes lidam diariamente com espíritos desencarnados, imperfeitos como os humanos. A ênfase não é tão grande na relação entre o indivíduo e as divindades superiores, mas em aproximar-se dessas *através da caridade* aos espíritos mais necessitados. A centralidade dos "livros sagrados" do espiritismo é muito menor do que a centralidade da Bíblia Sagrada para os cristãos. A doutrina dá um grande valor, inclusive, para que todo espírita escreva.

Não é à toa que espíritas importantes e populares são profissionais liberais - especialmente médicos, mas também de inúmeras outras áreas. Os médiuns se parecem mais com romancistas, conferencistas, pintores, pesquisadores, funcionários públicos, e já não se assemelham tanto ao clero religioso tradicional de padres, pastores etc.

É por essas e outras que considero o espiritismo como tendo sido uma força progressista entre os movimentos espiritualistas do Século XIX, mesmo em sua versão cristianizada. O que não significa que ele tenha conseguido responder a todos os problemas impostos pela época, nem que continue com estas características atualmente. Creio que a dissidência de Vieira tenha sido um sintoma das contradições às quais o espiritismo se deparou em meados do Século XX.

Por mais fraternos, abnegados, altruístas que sejam os médiuns, é normal que haja pressão concorrencial entre os grupos ligados a cada um deles. Afinal, por mais que o espiritismo seja caridade, as casas espíritas e federações precisam se sustentar economicamente, seja por donativos ou vendas. As casas

espíritas também se organizam de uma forma análoga à instituição típica da pequena-burguesia, que é a pequena iniciativa privada.

O que pode parecer uma questão de falta de maturidade é, de fato, um problema econômico concreto. Por qual editora cada um publica? Como lidar com as reclamações sobre este ou aquele jornal dar destaque a um médium em detrimento de outro? E quando a FEB recebeu espaço para chamar um orador à inauguração de Brasília, qual escolher? Chico ou Divaldo, por exemplo? Quando o movimento é pequeno e há muito mais demanda do que oferta, esse problema não aparece. É, porém, no crescimento do espiritismo, que ele se evidencia.

Se duas casas espíritas são criadas numa mesma cidade, a princípio isso representa um progresso para aquela população, que terá duas opções em vez de uma. Mas é possível que esse fenômeno seja encarado por pessoas ligadas a cada casa como uma concorrência. É uma contradição que sobrepaira e ameaça todo grupo, enquanto não seja capaz de superar a lógica da apropriação privada dos recursos produtivos.

O acordo denominado Pacto Áureo, firmado entre federações espíritas em 1949, é um indício do crescimento espírita. Era preciso fazer um acordo pois, tautologicamente, as coisas andavam em desacordo. O espiritismo havia crescido e, também, as posições diferentes dentro do movimento.

O Pacto Áureo é muito criticado. Mas o problema não era ele e, sim, a dificuldade de se avançarem nas negociações. Sem solução, o Pacto não surtiu maior efeito nos problemas relativos a rachas e desentendimentos entre subgrupos dentro do espiritismo.

Nacionalmente, a divisão dentro do espiritismo brasileiro mostrou sua dimensão numa contenda entre os dois médiuns mais populares: Chico Xavier, um nome já conhecido por todos, e Divaldo Franco, jovem promissor que despontava no Nordeste. Curiosamente, também

teve como estopim o tema da propriedade, no caso, da autoria das mensagens mediúnicas. O desentendimento não foi alimentado pelos dois médiuns, mas as condições sociais concorrenciais fizeram com que ele se alastrasse assim mesmo, atiçando a rivalidade entre grupos espíritas ao redor do Brasil.

Luciano dos Anjos destaca que este não foi um caso isolado, mas que o confrontos entre grupos espíritas é comum, normalmente sob os pretextos de que tal obra (ligada a uma casa concorrente) não é *verdadeiramente* espírita (ALENCAR, 2011). Em outras palavras, trata-se de uma luta para se apropriar simbolicamente do espiritismo - o *verdadeiro*. Talvez seja verdadeira a anedota contada por Vieira a respeito de Getúlio Vargas. Pressionado por forças vindas de todas as direções, de interesses externos a nacionais, de empresários a sindicatos, de do integralismo ao comunismo, questionado se não era preciso se preocupar com o crescimento do espiritismo, o caudilho de São Borja respondeu de maneira curta e grossa: “não, os espíritas não se entendem nem entre eles mesmos”.

Chico zelava pelos espíritos que o acompanhavam mas, numa ocasião, quis defendê-los de algo que não é exatamente um ataque; muitas vezes é inclusive um auxílio. A "propriedade" sobre mensagens psicografadas - o que se convencionou chamar de autoria, autenticidade, plágio, falsidade ideológica etc.

Não há nada mais ilusório do que acreditar na propriedade das ideias, já que elas são um fenômeno inerente à linguagem e a linguagem é um fenômeno essencialmente coletivo e social. Fico pensando onde estaríamos se quem inventou o alfabeto cobrasse pelo uso do mesmo. É uma falsa pergunta, já que não há uma pessoa ou grupo que o inventou. O alfabeto foi inventado e reinventado, e continua sendo modificado, num movimento eterno que inclui todas as pessoas que o utilizam. A mesma conclusão se aplica a outras tecnologias, como o fogo, a roda, os instrumentos etc.

Posteriormente se foi consolidando a noção de que alguém "descobre" uma ideia, como se a descoberta não fosse resultado de uma série de pequenos avanços articulados ao longo do tempo. Podemos dizer que Einstein é o completo e único inventor da Teoria da Relatividade? Claro que não, já que essa teoria é resultado de um trabalho histórico e social muito anterior. Se Einstein teve um professor de matemática, não é possível dizer que uma formulação matemática atribuída ao grande físico e matemático seja só dele.

Chico estava preocupado pois trechos que ele psicografou com tanto amor e carinho apareceram, tempos mais tarde, com ligeiras modificações, em livros psicografados por Divaldo.

Quando um apóstolo do bem transmite um ensinamento, o ensinamento não é "seu". O ensinamento é uma ferramenta que agora pertence a quem o recebeu. E se este receptor transmitir o ensinamento para outro, que diferença faz ao apóstolo ser citado como o autor? Que diferença faz você usar um martelo onde estejam gravados os nomes de todas as milhares ou milhões de pessoas que contribuíram para que aquele martelo chegasse ao estágio de desenvolvimento atual, bem diferente de um martelo usado por um homem das cavernas?

E se o criador do primeiro martelo quisesse que ninguém mais modificasse sua ideia? Em nome de não "distorcer" sua criação, continuaríamos usando martelos iguais aos da Idade da Pedra? Felizmente as coisas não funcionam assim e, apesar das tentativas de reserva e propriedade intelectual, a sociedade se apropria como consegue dos bens culturais, e os transforma.

Em se tratando de uma mensagem espírita, um ensinamento direcionado para o bem, seu autor deve desejar que o mesmo seja espalhado ao máximo possível; idealmente, para todos os seres humanos. Esperar que tal ensinamento será disseminado sem qualquer alteração e sempre com a devida citação de

autoria é querer algo não apenas impraticável como mesquinho.

Chico Xavier é um médium extraordinário mas não um santo. Ele também se deixa levar pelas paixões humanas. E foi numa de suas confidências que entregou o ouro aos bandidos. Não foi a primeira vez e nem seria a última. O defeito da alma bondosa é não suspeitar da malícia alheia nem se precaver da ingenuidade.

O episódio é narrado com detalhes por Luciano dos Anjos, no livro *A (anti)história das mensagens copiadas* (2006). Em fins de 1961, Chico estava sentimental. Mais do que de costume. Seu sobrinho Amauri Pena havia falecido. O rapaz tinha alguma mediunidade, mas servira de bucha de canhão para campanhas voltadas a desmoralizar o tio. Após o escândalo, sua vida foi de mal a pior, com problemas de alcoolismo e internações.

Como já vimos, nada disso é estranho ao *modus operandi* da grande imprensa em sua relação com personalidades populares. As usa, quando convenientes. Alimentar intrigas e escândalos para enfraquecê-las, quando não interessam mais, ou para evitar que cresçam muito. Demagogicamente, posa de paladina da verdade e da justiça, embora jamais trabalhe no sentido da conciliação, preferindo manter o clima de perseguição, humilhação e punição.

O conflito que relatarei não foi coberto pela imprensa da época, mas foi requentado em 2004 pelo Fantástico, da Rede Globo. Ou eles não tinham mais nada para mostrar naqueles seis minutos da minutagem mais cara da televisão brasileira, ou há algum interesse em se aproveitar do falecido Chico para desmoralizar o maior orador espírita brasileiro atual - Divaldo Pereira Franco - e manter acessa alguma divisão dentro do movimento.

Essa história começa em abril de 1962, quando se noticia a circulação de um folheto anônimo, de 12 páginas, comparando mensagens de Chico Xavier e Divaldo Franco, alegando que o jovem espírita baiano

vinha plagiando o famoso médium. A autoria do folheto é atribuída ao Movimento Universitário Espírita (MUE), presidido à época por Nair Mortensen. Com base neste folheto, o Grupo Espírita Emmanuel (Garça, SP) elaborou um dossiê maior, em 30 mil cópias, distribuídas gratuitamente. (DOS ANJOS, 2006)

Em 10/6/1962, Chico escreve para o amigo Joaquim Alves expondo sua opinião sobre o problema (não sabemos se este é o mesmo Joaquim Alves *da Rocha,* de Monte Carmelo, mencionado anteriormente. Chico trata de um episódio de 1959, quando a editora da Federação Espírita Brasileira recusara publicar manuscritos de Divaldo, informando serem os mesmos muito semelhantes aos de Chico e sugerindo que ele desenvolvesse melhor sua jovem mediunidade. Mesmo assim, o médium mineiro diz ter constatado que diversos textos publicados na imprensa espírita sob a autoria de Divaldo eram praticamente cópias de textos já escritos por Chico (OBRAS PSICOGRAFADAS, 2010a).

Creio que não seja difícil compreender o erro de Chico. Ao pensar assim, ele está colocando o suposto dono da mensagem em posição mais importante do que a mensagem em si. E qual amigo correspondente, ao ler um lamento do grande Chico Xavier, não sairia em sua defesa, tentando colocar um basta nessas "distorções" de autoria? Chico tenta defender seus espíritos, e os confidentes de Chico tentam defendê-lo. Agindo assim, paradoxalmente, enfraquecem o espiritismo. O caminho do inferno está pavimentado de boas intenções.

Embora o Fantástico mostre o episódio como tendo sido guardado em sigilo por 42 anos, o fato é que o próprio Chico imprimiu cópias desta carta, distribuiu a pessoas confidentes, e autorizou Joaquim a fazer o mesmo. Dado que o boato se espalho, O Reformador não tardou em reproduzir o texto do MUE em julho daquele ano. A Globo afirma, ainda, que Jorge Rizzini seria a única testemunha viva daquela história, embora Waldo Vieira e Antonio dos Anjos também estivessem vivos à época da

reportagem.

É triste que espíritas - e quaisquer outros autores que produzam motivados pela utilidade pública de suas obras - ainda se deixem desviar do curso seduzidos pelo problema do plágio. Muita gente ainda cai no conto da originalidade. Copiar de um autor é plágio, copiar de vários autores é pesquisa. Se Chico e Divaldo recebessem *royalties* de seus livros, seria até compreensível uma disputa como essa. Mas a princípio, a venda dos livros fica com as editoras espíritas. Pelo menos era o caso de Chico Xavier.

Se um romancista escreve algo sem saber que se trata de uma fala bonita registrada em seu inconsciente, que escutara décadas antes, de sua mãe, enquanto dormia no bercinho? Ele está cometendo plágio ao não dar crédito para a mamãe? E se o romancista acha que teve uma maravilhosa ideia, todinha sua, todinha original, sem saber que ela lhe foi "soprada" por um espírito? "Aí tudo bem", dizem os fiscais de pensamento espíritas. Ele apenas não sabia que não era sua.

E se Divaldo, admirador e leitor de livros espíritas, principalmente de Chico Xavier, em seu transe, acaba escrevendo coisas parecidas com a do autor que admira? Lembremos ainda que se trata de uma mesma doutrina, portanto, onde há naturalmente ensinamentos muito parecidos uns com os outros, se compararmos textos de vários livros. É quase um desafio, depois de ler cem textos espíritas doutrinários, tentar escrever mais um, em acordo com a doutrina, mas completamente original.

Os fiscais que lutam pela intocabilidade dos livros de Chico Xavier deveriam assumir que sua preocupação é, na verdade, colocar um entrave na psicografia de outros médiuns, pois eles os consideram concorrentes. Eles não querem que outras estrelas cheguem perto de brilhar como Chico. São concorrentes em algum sentido mas, para um militante autêntico de qualquer causa, a relevância da divulgação da obra espírita é maior do que o reconhecimento da autoria.

Transformar o assunto de textos semelhantes em "escândalos de plágio" só faz criar uma preocupação desnecessária sobre o trabalho dos próprios médiuns. Para respeitar essa suposta pureza, o médium vai precisar se preocupar em não escrever nada que seja parecido com o texto de alguma das outras milhares de obras psicografadas por espíritas brasileiros, inclusive as que ele desconhece. É um entrave à atividade mediúnica e, portanto, um elemento que provoca retrocesso à prática espírita.

Chico se arrependeu de ter divulgado a carta a Joaquim Alves. Ingenuamente, desejou queimá-la, depois que cópias já estavam circulando. Ele não queria colocar Divaldo nesse tipo de situação. A própria FEB foi colocada numa saia justa, e passou alguns anos tendo que regular suas publicações. Se divulgasse as psicografias de Divaldo, recebia reclamações dos setores ligados a Chico, e vice-versa.

Em relação a este conflito, Luciano dos Anjos apresenta Waldo Vieira como um desafeto de Divaldo Franco, insinuando que houvesse competição entre ambos. Não fornece dados mais concretos a este respeito. Entretanto, é possível deduzir que havia rinhas entre os diversos grupos espíritas, seja das casas para com a Federação, seja entre regiões, seja entre grandes médiuns.

Quer Vieira tenha se envolvido com alguma, quer tenha permanecido mais isento e sobrepairado a situação, é certo que coisas assim não lhe agradariam. Eram grande perda de tempo e energias dentro do movimento. É o tipo de situação que contribui para que espíritas dedicados se afastando do movimento. Talvez servissem para reforçar no biografado a ideia de criar um movimento à parte.



Chico e Waldo (em pé, ao centro) no Centro Espírita Batuíra (década de 60) (Acervo de Fotos Chico Xavier [2020])

IV

Meia-idade

Cirurgião estético

No início dos anos 60, a indústria cinematográfica norte-americana estava especialmente interessada na fórmula dermatológica desenvolvida pelo japonês Rin Sakurai. O médico injetava uma solução com silicone e colágeno nas rugas da pele. Ele parecia ter resolvido o problema de fazer a solução permanecer no local sem ser reabsorvida pelo organismo. Segundo Vieira, ele não tinha interesse em revelar a fórmula aos norte-americanos. O ressentimento com as duas bombas atômicas - maior crime de guerra da História - ainda era recente na memória dos orientais.

Embora não revelasse a fórmula, Sakurai já fazia sucesso entre o público norte-americano, e logo formaria um aluno - Harvey D. Kagan - que começava a experimentar a solução em sua clínica, em Beverly Hills. Aquela parecia ser uma grande febre da época. O médico japonês informava ter atendido mais de 100.000 pacientes, desde 1946, ou seja, uma média de 60 por dia, devendo ter, portanto, uma equipe razoável trabalhando consigo. Em 1963, o próprio Dr. Kagan informara já ter aplicado a fórmula de Sakurai em mais de 100 mulheres. As quantidades de Kagan pareciam generosas: entre 750 e 1.000ml do silicone, para contorno dos seios e quadris (Balkin, 2005).

Com o apoio de Hazel Morris, depois de conhecer a técnica junto ao "pessoal de Hollywood" (possivelmente o próprio Dr. Kagan), Vieira foi ao Japão, Hong Kong e Filipinas, estudar com Sakurai e seus alunos mais experientes, sendo possivelmente o único sul-americano a usar a técnica. Ele abre consultório na Rua Figueiredo Magalhães, bairro de Copacabana, Rio de Janeiro, que funciona entre 1967 e 1970, encerrando as atividades logo após a morte do professor. O sucesso é muito grande, levando atrizes e pessoas da elite carioca a buscarem seu tratamento. Embora por pouco tempo,

Vieira teve um prestígio comparável ao do famoso cirurgião plástico Ivo Pitanguy.

Na época, o uso de implantes de silicone estava apenas começando, tanto para fins terapêuticos como estéticos. A injeção massiva da fórmula do Dr. Sakurai nos EUA acabou gerando efeitos colaterais em alguns clientes. Na década de 1970, devido à febre da indústria cinematográfica, inúmeras fórmulas e práticas eram aplicadas, com poucos testes, o que levou estados a proibirem total ou parcialmente o uso de injeções de silicone. Não é possível saber como foi a repercussão no caso de Vieira, e os efeitos sobre seus pacientes. Aparentemente o autor preferia aplicações de pequenas quantidades, para remover rugas faciais.

Informalmente, já escutei o biografado falar sobre o “mulheril” que vinha atrás dele por causa da clínica, o que gerava até ciúmes na namorada (aparentemente, Elisabeth) e acabou motivando-o a fechar a clínica. Em Zéfiro (TELES, 2014), afirma que foi a morte do professor, em 1970, forçou Vieira a interromper o trabalho, já que o mesmo não havia revelado a fórmula para ninguém.

Casamento

O biografado comenta, informalmente, sobre como escolheu sua esposa. Ele teria recebido orientação de mentores espirituais para ter um filho, que seria a reencarnação do seu falecido irmão Walter. Com esta missão em vista, ele usaria seu parapsiquismo e viagens astrais para investigar quem seria a “fêmea parideira” indicada à tarefa (NOVOS CONCEITOS, 2018).

Também já escutei Vieira dizer que havia reunido todas as pretendentes para explicar qual seria a escolhida. E tais façanhas parapsíquicas ou galanteadoras também contrastam com a versão que fornece ao Jornal Espírita:

> “Muito bem, decidi me dedicar à projeção. Por quê? Porque eu precisava. Eu era uma pessoa que tinha uma vida de solteiro. Então, toda vez que eu saía do corpo, tinha a possibilidade de sentir sexualmente certas coisas. Atraía espíritos obsessores para cima de mim. Era um tal de mulher extrafísica, homem extrafísico, tudo em cima de mim, por causa do problema da sexologia que não estava bem contrabalançado. Então eu pensei: tenho que casar. Mas não se casa com a primeira pessoa que aparece pela frente, é preciso escolher, além de se preparar para a vida. Foi o que fiz. Foi em 1966. Decidi ir para o Rio de Janeiro.” (1982a, s.p.)

> “Mas para chegar a esse estágio [de desenvolver a projeção astral] eu tive que assentar minha vida, deixar de pensar em sexo. Essa foi a melhor coisa que eu fiz. Afastar o problema do sexo prá eu me dedicar às coisas. É por isso que eu recomendo o casamento para todo médium. Todo médium deve arranjar um casamento prá ter uma vida sexual normalizada. E liquidar essas tolices, esse obscurantismo dessas igrejas, seitas, que existem por aí, que estão querendo tapar o sol com a peneira. Ninguém consegue tapar o sexo.” (1982b, p. 12)

A variação dos discursos não ocasional, mas datada. Em 1982, Vieira falava a uma audiência acostumada a outros valores a respeito do sexo, e que recém se confrontava com a possibilidade de livre manifestação. Em alguns anos, Vieira desenvolveria um curso sobre sexualidade, que fez muito sucesso na década de 1990, e publicaria o *Manual da Dupla Evolutiva,* com um discurso que tendia a ser mais liberal do que aquele ao qual seu público - notadamente espírita e herdeiro do cristianismo - estava habituada a ler.

Já a partir dos anos 2000, a formalização e institucionalização da conscienciologia está consolidada. O discurso muda de figura e o que era tratado como opção, ou seja, uma liberdade, de a pessoa escolher se quer ter filhos, por exemplo, passa a ser visto como um símbolo de "priorização evolutiva". A prioridade é não ter filhos, como sendo resultado de uma alocação maior de tempo para se dedicar à conscienciologia. Para que Waldo justificasse essa defesa em contradição com o fato de ele próprio ter um filho, era preciso enfatizar que se tratou de uma orientação de espíritos evoluídos, para fazer resgates cármicos de desafetos de vidas passadas.

Ainda em Uberaba, Vieira conhecia os irmãos Walter Belian e Erna Belian Wernsdorf Rappa. Walter trabalhava para a Cia. Antarctica Paulista há mais de 3 décadas, chegando à posição de superintendente e testamenteiro dos sócios majoritários - o casal Antonio e Helena Zerrener. Com a morte dos Zerrener, as ações majoritárias passam para a Fundação Antônio e Helena Zerrener (FAHZ). Sendo uma fundação, suas atividades são filantrópicas e educacionais.

Na condição de testamenteiro dessa herança, e sem outros herdeiros na família Zerrener, Walter se torna o administrador da FAHZ, que detém 51% das ações da cervejaria. A partir de 1952, Walter também passa a presidir a Antarctica.

É difícil saber exatamente como foi a aproximação entre Vieira e os Belian. Antarctica e Brahma competiam e compravam todas as concorrentes que podiam, visando dominar o mercado doméstico de bebidas. É possível que o Triângulo Mineiro não tivesse nada exatamente especial, a não ser o fato de que uma das duas cervejarias precisava dominar primeiro aquele mercado.

Para os que gostam de especular a respeito de sociedades secretas, diz-nos a Wikipédia que no primeiro símbolo da cervejaria era impresso um A em formato maçônico. Vieira também comenta vagamente sobre sua participação na Maçonaria em Uberaba, afirmando que

chegou ao grau 33 ainda adolescente. Só uma investigação mais profunda que conte com a boa vontade de familiares pode esclarecer como eram as ligações entre as duas famílias.

Os irmãos Belian residiam em São Paulo, sede da FAHZ. Pelos depoimentos de Waldo, ele e os Belian já se conheciam desde a década de 1960. Provavelmente devido a atividades filantrópicas com as quais a FAHZ se envolvia, em Uberaba. Foi assim que conheceu a enteada de Erna, Elisabeth Wernsdorf, ou "Lisa". Uma moça que "fazia muita assistência" (NOVOS CONCEITOS, 2018).



Em 1969, nosso biografado passa a trabalhar na Comissão Interna de Prevenção de Acidentes da Antarctica e, posteriormente, no Conselho Consultivo. Tudo indica que já estava noivo de Lisa. Suspeito que

esta oportunidade tenha sido determinante para que nosso biografado fechasse o consultório de cirurgia plástica, mais ainda do que apenas a morte do seu professor ou o ciúme da noiva.

Agora, Vieira tinha um carro maior, no lugar do fusca, e motorista à disposição, para as frequentes viagens que precisava fazer entre Rio de Janeiro e São Paulo. No ano seguinte, numa dessas viagens, sofre acidente. Foi atingido por um caminhão desgovernado e lançado pela janela contra o acostamento, causando-lhe 56 escoriações, inclusive traumatismo craniano. Vieira permaneceu em coma por 7 dias. Os motoristas do carro e do caminhão não tiveram ferimentos graves (TELES, 2014).

Vieira conta que ainda estava acordado instantes após o acidente e deu indicações sobre documentos que estavam na pasta. Ele estava pagando um “pedágio cármico” mas isso não prejudicou a empresa. Diz que ainda fez piada, perguntando se o meio-fio estava bem ou se a cabeça havia quebrado a calçada.

Diz Vieira que se recuperara rápido após o coma e, inclusive, deixara o hospital antes de receber alta. Precisou de algumas semanas de fisioterapia para se reabilitar completamente.

Como Vieira ainda era novo na família, não houve pressa nos arranjos matrimoniais. O casamento só aconteceria em 1974. A cerimônia foi festejada no segundo mais alto arranha-céu brasileiro da época, o Edifício Itália, como manda o figurino da alta sociedade.

Walter presidia a Antarctica mas estava próximo de falecer, passando o controle para sua irmã, então vice-presidenta. É de se esperar que essa transição também exigisse do biografado e da equipe executiva uma atenção especial. O único filho do casal, Arthur, nasceu no ano seguinte.

Em entrevista recente a voluntários (CONSCIÊNCIA LÚCIDA, 2016a), Waldo dá a entender que, na época do casamento, já morava na cobertura de uma torre, à Rua

Visconde de Pirajá, 255, bairro de Ipanema. Isso seria, portanto, 1974. No entanto, na mesma entrevista, comenta que, "assim que casaram", comprou o apartamento abaixo do seu, fazendo um duplex, para que sua sogra morasse lá. E que, "logo em seguida", ela falecera. Entretanto, o falecimento de Erna Belian só aconteceria em 1984.

Nos relatos de viagens astrais que ocorreram em 1979, o biografado já situa sua residência como sendo o apartamento de Ipanema (VIEIRA, 1982). O mesmo endereço é anunciado em entrevista para a revista Planeta (1984), como sendo o do Centro da Consciência Contínua (CCC). Por outro lado, em entrevista à Revista Internacional do Espiritismo de 1982, Vieira convida os leitores para reuniões do CCC à Rua Moreira Vasconcelos, 8, no Bairro da Penha.

Minha hipótese é que o mesmo teria sido o primeiro apartamento de Vieira ao se mudar para o Rio de Janeiro. Nosso biografado já comentou que tinha um apartamento próprio fora de Uberaba, ainda na época em que trabalhava com Chico Xavier. Ambos faziam visitas eventuais à capital carioca, já que era lá que se situava a sede da Federação Espírita Brasileira.

Creio que, uma vez que seu irmão já tinha falecido e sua idade já era avançada, em algum momento após o casamento, Dona Erna, sogra de Waldo, mudou-se de São Paulo ao Rio de Janeiro para morar com o casal. Waldo e Lisa foram para o apartamento maior em Ipanema e deixaram Erna no antigo, na Penha. Morando sozinha, não se importaria de receber as visitas dos colaboradores de Vieira, que ainda eram poucos, a cada duas semanas.

Em torno de 1983, Vieira compra o andar abaixo do seu e reforma para fazer um duplex. Dona Erna passou a morar no andar debaixo. Pouco tempo depois, veio a óbito. É quando passa a utilizar este andar como biblioteca e espaço para as reuniões e atividades do CCC. Voluntários que estavam presentes neste momento comentavam que, em dia de eventos, havia fila no

elevador do edifício.

Patrimônio

Vieira nos conta, ainda, que ficou rico especulando na bolsa de valores, tendo aprendido sobre ações com “o pessoal do Wells-Fargo Bank”, sem dar detalhes. Eventualmente, mistifica a questão, atribuindo seu sucesso como especulador à paranormalidade.

Dificilmente a especulação financeira seria sua real fonte de independência econômica. Atualmente, muito se propagandeia ao público de classe média sobre a oportunidade de enriquecer comprando ações - uma estratégia muito impulsionada para que grandes investidores e corretoras possam mudar suas posições compradas em momentos de preços já saturados e prontos para cair.

Em 1970, o mercado acionário era muito mais reservado a grandes empresas e agentes já possuidores de capital expressivo. Era também uma época conturbada e o ambiente estava vulnerável a ataques especulativos, como o que quebrou a Bolsa de Valores do RJ.

O biografado explica que, com 3 anos de consultório, já havia chegado à independência financeira. Na sequência, encontrava-se muito bem empregado em cargo de confiança de uma das maiores empresas brasileiras. Alguns anos mais tarde, se casaria com a herdeira do grupo. Neste ponto, Vieira já tinha motorista particular, pois morava com Lisa no Rio de Janeiro, enquanto a sede da Antarctica ficava em São Paulo.

Claro que Vieira pode ter aumentado seu patrimônio no mercado acionário, mas não foi através dele que formou seu capital inicial. Membro do Conselho Consultivo da Antarctica, Vieira teria contato com consultores financeiros e acesso a informações privilegiadas, podendo usar tal informação para seus investimentos pessoais.

No início da década, a Bovespa enfrentava alta volatilidade. De meados da década ao final, o Mundo atravessou duas “crises do petróleo”, acarretando em alta generalizada dos preços das *commodities* internacionais. Não foi um período exatamente próspero no mercado financeiro e Vieira só se daria bem contando com consultores que conhecessem a fundo a atividade.

Nesse período, ou seja, década de 1980, é que Vieira parece ter formado capital suficiente para viver de renda. A presenciar seu estilo de vida já no século XXI, é possível deduzir que o biografado tenha algo como poucos - e não necessariamente muitos - milhões de reais em patrimônio.

Sua vida em Foz do Iguaçu não era realmente dispendiosa. Até onde sei, as despesas fixas ficavam por conta do CEAEC, onde residia numa casa de 180 m2·. Era uma troca considerada justa, já que Vieira utilizava praticamente a totalidade do seu tempo escrevendo e preparando eventos para o CEAEC e instituições parceiras. Nessa época, Vieira teria, no mínimo, uma renda fixa de aluguel oriunda do aluguel dos apartamentos citados acima.

Isso seria suficiente para suas despesas pessoais, e também algum eventual auxílio ao filho e à então esposa. Arthur, em idade adulta, tinha sua atividade profissional na área de informática, e a presente esposa, Graça estava também nos primeiros anos da carreira de psicóloga. Ambos tinham um padrão de vida de classe média, com as dificuldades normais de quem se mantém como profissional liberal numa cidade como Foz do Iguaçu. Muito diferente dos filhos e cônjuges dos ricaços e sultões da modernidade.

Tudo isso ajuda a quebrar um pouco a tendência automática dos céticos de gabinete em suas acusações contra líderes espiritualistas. Há uma verdadeira histeria em torno da ideia de que se tratam de pessoas inescrupulosas, que se aproveitam da ingenuidade das multidões para enriquecer. Se fosse tão fácil enriquecer

enganando as pessoas, creio que existiriam muito mais ricos do que na atualidade.

Se o interesse de Vieira fosse enriquecer, no sentido de cercar-se de luxo e prazeres materiais, teria escolhido um caminho muito diferente. Em vez de comprar bibliotecas inteiras, gastaria com carros importados e suntuosidades. Ao invés de produzir um calhamaço de mil páginas para distribuição gratuita, abriria uma editora de sua propriedade. Ao invés de morar dentro de uma comunidade intencional, numa casa simples, e viver uma rotina quase monástica, só saindo da comunidade raramente para visitar o filho e passear no shopping center, moraria numa mansão murada, viajaria para lugares turísticos com a família e teria contato com seus “discípulos” apenas em dias específicos. Ao invés de montar associações voluntárias, abriria franquias e esquemas de pirâmide, onde os professores são remunerados e lhe pagam uma comissão pelo uso do método.

Após sua independência econômica, muito pelo contrário, Vieira em nada se pareceu com um “aposentado rico que vai curtir a vida”, no sentido mundano do termo. Pode-se criticá-lo em muita coisa, mas não se pode negar que o biografado estava realmente determinado em fazer suas pesquisas sobre conscienciologia. Isso, para ele, era o verdadeiro enriquecimento.

Projeções da Consciência

Vieira informa ter identificado, desde a adolescência, a *experiência fora do corpo* (EFC) como a mais importante das experiências psíquicas. Ainda jovem, ele teria catalogado cerca de 200 fenômenos parapsicológicos e mostrado a um professor da escola. Duvidando da capacidade intelectual do garoto, este o perguntou de onde ele copiara aquela listagem. Conta-nos, também que suas primeiras experiências foram

ainda na infância, a partir dos 9 anos de idade.

Já na vida adulta, viajando com Chico Xavier, Vieira teve contato direto com as pesquisas parapsicológicas conduzidas nos EUA. De um Brasil interiorano e atrasado, onde médiuns desenvolviam laboratórios caseiros e eram perseguidos pela Igreja e pela imprensa, Vieira agora sentia o gostinho do futuro, na terra de seu xará Ralph Emerson. Era o período áureo da Parapsicologia.

Em sua passagem pelo movimento espírita mineiro, querendo ou não, Vieira não tinha como dar prioridade à EFC. Ele estava enraizado na militância espírita, que envolvia assistência filantrópica e espiritual a necessitados, divulgação do Evangelho, sessões de psicografia e incorporação etc. A rotina espiritualista possivelmente predispunha saídas do corpo eventuais, durante o sono, mas não seria a dedicação central do autor durante o início da vida adulta.

Nas palavras do biografado: *"Para poder desenvolver a projeção, eu precisava criar uma vida própria, porque naquele lufa-lufa que eu vivia em Uberaba não dava. Lá quase tive um enfarte. Foi por isso que tive que sair de lá."*(JORNAL ESPÍRITA, 1982a, s.p.)

Mas o "lufa-lufa" não encerrou em 1966. Apesar de o biografado situar todo período entre 1966 e 1985 como sendo de dedicação à pesquisa que culminou no tratado Projeciologia (1986), quase uma década e meia de sua estada no Rio de Janeiro, ou seja, aproximadamente entre 1966 e 1978, foi dedicada a diversas atividades e compromissos notadamente de cunho profissional, mas também familiares, que tomariam boa parte do tempo do biografado.

Numa rápida recapitulação, entre 1966 e 1967, Vieira precisou preparar a transição de sua administração na Comunhão Espírita Cristã e mudar-se de cidade, além de cursar a pós-graduação no Japão. Na sequência, abriu um consultório no Rio de Janeiro. Sem ser conhecido no ramo da cosmiatria, precisaria colocar todos os esforços

ali até formar um público, pagar contas e guardar algumas economias. Diga-se de passagem, um público tão exigente quanto a alta-burguesia carioca.

Em 1969, Vieira fecha o consultório e ingressa num ramo bastante diferente, como executivo de um grande grupo empresarial. Faz viagens frequentes entre o Rio de Janeiro e São Paulo. Logo em seguida, sofre acidente quase fatal.

Recuperado, precisaria ocupar os anos iniciais desta nova atividade com a maior parte de sua atenção dirigida à empresa. Como executivo, conseguiu amealhar um bom dinheiro. Mas se tratava de uma atividade que requeria ficar à disposição quase integral da companhia. Vieira não poderia administrar um centro espírita ou algo do gênero, em paralelo, como fazia anteriormente.

Embora já estivesse noivo da filha de uma das administradoras da empresa, só se casariam em 1974. Imagino que teriam casado antes se as condições permitissem. Mas Vieira precisou mostrar que era de fato um cargo de confiança e um “bom partido”, e a família também estava ocupada demais cuidando dos negócios, preferindo não ter pressa com a cerimônia.

No ano seguinte, nasce o primeiro e único filho do casal. O biografado sempre comenta que era enfático sobre não contratarem uma babá. O pequeno Arthur era um resgate cármico e seria incumbência de ambos cuidarem diretamente do menino. Mesmo que os negócios empresariais já estivessem um pouco mais controlados, se tomarmos como verdadeiro o depoimento de Vieira, significa que se envolveu diretamente com a criação de um bebê, o que toma tempo considerável, pelo menos até se aproximar da idade escolar.

Creio que isso explica satisfatoriamente por que um autor que publicou, entre 1959 e 1967, a média de dois livros por ano (metade deles de autoria individual, outra metade em parceria com Chico Xavier), não publicou *sequer um artigo* que se tenha registro, entre 1968 e 1979.

É natural que Vieira tomasse anotações eventuais, procurasse ler sobre a viagem astral e até tivesse algumas experiências paranormais. Entretanto, é realmente no final da década de 70 que ele volta a conseguir se dedicar com mais intensidade à pesquisa espiritualista.

Além do tempo necessário para a dedicação profissional, não podemos esquecer que a conjuntura política daqueles anos também pressionaria o biografado a ter cautela e evitar exposição pública. Médios empresários eram muito visados por seus concorrentes, numa disputa selvagem, e qualquer pretexto para criar um escândalo publicitário, uma perseguição jurídica, uma investigação desgastante, seria utilizado.

Em 25 de janeiro de 1979, Vieira tem uma experiência extracorpórea que apresenta como a mais marcante de sua vida, até o momento. Uma "expansão de consciência". Nela, encontra espíritos benfeitores com quem convivera durante a militância espírita mineira. Todos como pontos de luz, livres da forma humanoide, se comunicando de maneira transcendente.

Acredito que tal experiência tenha sido, por um lado, a culminação de um processo que o biografado vinha predispondo, com seu estudo já mais dedicado à EFC, nos últimos meses, beneficiado por uma conjuntura profissional e pessoal mais estável. Por outro, além de servir como um sinal, uma confirmação motivacional, a experiência parece ter também servido como indicação para que o mesmo escrevesse um pequeno livro com suas viagens extracorpóreas, que seria intitulado *Projeções da consciência: diário de experiências fora do corpo físico*.

O livro é um diário com seis dezenas de EFCs vivenciadas durante a *segunda* metade de 1979. Em média, uma a cada 3 dias. Portanto, justamente a experiência de consciência cósmica supramencionada foge da cronologia, e cabe-nos perguntar por quê? Por que Vieira não relatou EFCs imediatamente posteriores a

25 de janeiro? Ou anteriores?

A resposta que me parece mais sensata é *porque não as tinha.* Não com aquela frequência, clareza e riqueza de detalhes. Embora o autor tivesse "quiabo no perispírito", como dizia seu amigo Zé Arigó, as experiências de 1979 parecem ter sido frutos de um período no qual Vieira se dedicou com mais afinco ao assunto. Não eram algo simplesmente espontâneo. Eu mesmo convivi com o biografado ao longo de praticamente uma década, na qual ele informava que não priorizava mais as projeções astrais.

Naquele segundo semestre - ao contrário da EFC de janeiro - Vieira registrava temperatura, umidade do quarto, fase da Lua. Havia um “preparo técnico” maior, por assim dizer, que evidencia a dedicação.

Seus depoimentos nos permitem concluir que ele se recolhia ao leito em torno das 19:00 e tinha três períodos de sono durante a noite. Às 19:00, Vieira estabelecera sua rotina diária de "tenepes" - os passes para o escuro, aos quais ele se refere no livro como exercícios de exteriorização de energias. Esses passes eram realizados na própria cama ou numa poltrona ao lado. No relato de número 11, por exemplo, esse "exercício preparatório" é iniciado em pé e, depois, sentado na cama.

Ao acordar do primeiro sono, Vieira levanta para registrar suas lembranças. Um dos motivos pode ser o fato de dividir a cama com a esposa. Outro, talvez não menos importante, é a manutenção de um curto despertar no meio da noite, quebrando a sonolência, permitindo mais alerta na hora de iniciar novos exercícios projetivos, evitando adormecer de imediato.

O segundo sono é entre 20:30 e 23:30, aproximadamente. Então, Vieira se levanta e datilografa suas lembranças, durante uma ou duas horas. No relato de número 10 ele dá um indício de como utiliza a madrugada para escrever seu diário espiritual e, também, incluir reflexões a respeito do assunto.

Conclui-se, portanto, que ele já trabalhava naquelas projeções com a intenção de publicar um pequeno livro. Não foi um período simplesmente aleatório, escolhido por Vieira *a posteriori* para compor um livro, mas um pequeno projeto, colocado em andamento ao longo de 1979. Seu objetivo a médio prazo era abrir caminho para o calhamaço *Projeciologia* que viria depois.

O relato de número 42 dá a entender que ele se arrumava para sair de casa em direção ao local de trabalho em torno das 6:00 da manhã. Tendo despertado às 5:48 naquela segunda-feira, anotou sinteticamente a projeção astral, pois já estava próximo da hora de sair. Em outros dias, ele também faz comentários breves sobre a "rotina de trabalho intensa" ou "ficar na rua até tarde", mas se tratam da exceção. Esses dias são reportados como "atípicos". Ou seja, num dia típico, Vieira encerrava os afazeres profissionais e domésticos no início da noite.

No relato de número 4, Vieira faz a ponte aérea Rio-São Paulo, despendendo 5 horas na capital paulista naquela sexta-feira. É o tipo de atividade que nos leva a concluir que Vieira ainda não tinha se aposentado, e trabalhava como administrador de empresas. Através de conversas e relatos, sabemos que se tratam de transportadoras que prestam serviços à Antarctica.

Manter esse tipo de rotina exige uma disciplina invejável, que é uma das marcas de Vieira. Mas é preciso também reconhecer que ter 11 horas livres durante a noite não é uma condição normal para a maioria das pessoas, e nem a foi para Vieira, que só fez tal realização aos 47 anos de idade. Trata-se de um intervalo noturno generoso, entre 19:00 e 6:00 da manhã, na qual o autor intercala práticas energéticas, intervalos de sono e a redação do livro. Vieira realmente conseguiu “sair do lufa-lufa” e “assentar a vida” para colocar esse empreendimento em marcha.

Nesse ritmo, Vieira concluiu o livro de maneira

rápida. Em 1º de janeiro de 1980, apenas 4 dias após seu último relato extrafísico, o biografado termina o prefácio. A publicação vai para as bancas um ano depois, com a tiragem nada modesta de 10 mil exemplares. Esgotada rapidamente, uma tiragem equivalente é impressa no ano seguinte. Não sei quantos destes exemplares foram distribuídos ou vendidos mas o fato é que equivalem à metade da tiragem total do livro em português, desde aquele ano até sua última edição, em 2013.

A incursão no diário waldovieiriano de viagens astrais traz implícitas algumas noções a respeito de como predispor a experiência, as quais normalmente são subestimadas pelos estudantes do assunto. Parece até que são subestimadas pelo próprio Vieira, que dá pouca ênfase a isso em toda sua obra. Refiro-me a condições predisponentes à experiência.

Em primeiro lugar, Vieira dedicava-se ao assunto *diariamente.* Praticava exercícios energéticos, onde voltava sua atenção à energização positiva do Universo e ao contato mental com guias espirituais. Fazia isso no início da noite, num horário em que ainda não estava esgotado e sonolento.

Vieira acordava de madrugada (aparentemente de maneira natural), levantava-se para tomar nota de alguma lembrança e datilografava seu diário de experiências extracorpóreas. Isso significa que se envolvia mentalmente no assunto, no meio da madrugada, antes de deitar novamente. Neste segundo ou terceiro sono, portanto, estaria mais descansado e com a mente repleta de pensamentos a respeito do assunto, o que o ajudaria a ter novas projeções.

Essa rotina é descrita em um terço dos dias daquele semestre. O que acontecia nos outros dois terços? Numa parte, Vieira deve ter tido EFCs menos relevantes, mais curtas, semiconscientes. Talvez outras de conteúdo íntimo que não conviesse revelar. E ainda, ocasiões em que simplesmente caísse no sono inconsciente. Não saberemos qual a proporção destas.

E também escrevia, nas madrugadas. É razoável considerar que escrevendo entre uma e duas horas, nas madrugadas, conseguisse concluir o livro e enviar para a editora. Embora a datilografia fosse um trabalho mais lento do que a digitação nos computadores atuais, se tratava de registrar memórias e reflexões sobre o funcionamento da viagem astral, baseadas na própria experiência de vida. Isso é relativamente rápido para escrever. Duas décadas antes, Vieira já publicava cerca de um livro individual por ano, e mais um em parceria com Chico Xavier, mesmo envolvido em rotinas extenuantes. Não há dúvidas que falamos de alguém experiente nessa arte.

Percebemos também que, em 1979, Vieira não tinha nenhum tipo de privação de sono. Seu princípio pessoal de suar sangue - o que quer que isso signifique - não implicava carregar cruzes, automutilar-se ou torturar-se para além dos limites do corpo.

Não menos importante, a viagem astral estava integrada numa missão pessoal, significativa para o biografado, e que envolvia seu talento de escritor. Não sabemos exatamente o que a escrita significa para Vieira mas podemos imaginar que significa muito. Especialmente em se tratando de temas espiritualistas. O autor já tinha mais de 20 livros espíritas publicados.

Vieira não trata dessas questões ao longo de sua obra, embora tome tempo para prestar atenção em aspectos de cunho místico-mecanicista como as fases da Lua, temperatura e umidade relativa do ar, dia da semana e a orientação da cabeça em relação ao Norte magnético terrestre.

É uma demonstração de como a ciência clássica ainda era a principal referência do biografado - o que não é raro entre espiritualistas. Já nessa época, sua metodologia de registros poderia ter sido muito mais aprimorada se conhecesse paradigmas mais próprios das ciências humanas. Há uma relação que é inevitavelmente simbólica e significativa entre as experiências - e a

experiência fora do corpo é um exemplo - e o sujeito que a experiência. Essa relação é ainda muito pouco explorada por espiritualistas, empenhados que estão em traduzir tudo para uma linguagem objetiva e mecanicista.

Nas primeiras páginas do *Projeções*, Vieira inclui um questionário com 100 perguntas a respeito da viagem astral, para estimular o debate e a coleta de relatos. Ao final do livro, há o telefone e a caixa postal do autor, para os leitores que desejassem estabelecer comunicação. Este desejo manifesto de manter contato com o leitor é uma característica constante do autor. Vieira não quer apenas ser lido mas, de fato, fomentar um movimento espiritualista de investigação do assunto. Rapidamente, o biografado passa a organizar grupos do estudo no Rio de Janeiro e São Paulo, que serão assunto dos próximos capítulos.

Retorno à vida pública

A partir de meados da década de 70, as convulsões sociais no Brasil começam a colocar em crise a ditadura militar. A explosão dos preços do petróleo (1973-1974) pôs em cheque o "milagre econômico," produzido na base do endividamento externo. Inflação e escassez de produtos aumentaram o descontentamento popular com o regime e reduziram a base de apoio da ditadura. A derrota dos EUA para o Vietnã socialista também desmoraliza o maior financiador dos golpes militares da América Latina. Derrotados nas urnas em 1974, os militares começam a falar em “distensão” do regime.

Dois casos que se tornaram emblemáticos na luta pela liberdade de expressão foram os protestos populares em consequência da tortura e assassinato do jornalista Vladimir Herzog (1975) e do metalúrgico Manuel Filho (1976), dentro dos porões do DOI-CODI, forçando o governo a reconhecer a responsabilidade sobre as mortes.

É neste contexto, por exemplo, que os espíritas realizam o VI Congresso Brasileiro de Escritores e Jornalistas Espíritas (1976), ocasião na qual fundam a ABRAJEE - Associação Brasileira de Jornalistas e Escritores Espíritas. Naquele ano, greves operárias começam a se intensificar, desmoralizando um regime que proibia greve. Isso forçou os militares a acelerarem a “abertura política” de que tanto falavam, revogando o Ato Institucional nº 5 (AI-5), que perdeu a validade a partir de 1 de janeiro de 1979.

Era o fim do decreto mais duro instituído pela ditadura. Coincidência ou não - e espiritualistas são categóricos em afirmar que não existem coincidências - foi no final daquele mesmo mês que Vieira teria a experiência espontânea de consciência cósmica que mencionei no capítulo anterior.

A abertura política possivelmente animou os comunicadores espíritas, ávidos para discutirem os caminhos do movimento num contexto de crescentes liberdades democráticas. O congresso que vinha ocorrendo de 4 em 4 anos teve sua sétima versão ainda em 1979, no Rio de Janeiro. Vieira aproveitou o evento para se reaproximar de colegas espiritualistas. Era novembro e Vieira estava no meio da produção do seu livro *Projeções da consciência.*

Logo após o congresso, os jornalistas Jaci Régis e José Rodrigues escrevem para *Espiritismo e Unificação* (jan/1980) “Waldo Vieira e sua proposta de trabalho”. Nosso biografado estava de volta à militância espírita, imerso na "egrégora" do movimento.

Inicia-se uma relação frutífera entre Vieira e os espíritas cariocas e paulistas, que duraria cerca de uma década. A partir deste momento, Vieira passa a reunir interessados no assunto aos domingos, em seu apartamento, dando origem ao grupo informal chamado de *Centro da Consciência Contínua* (CCC).

A consciência contínua é um ideal de evolução preconizado pelo biografado. Significa manter-se

consciente durante todo o tempo, portanto, inclusive durante o sono. Ou seja, o indivíduo passaria 100% do seu período de sono consciente, em experiência fora do corpo.

Centro da Consciência Contínua

A partir de então, Vieira começa a reunir um grupo, inicialmente pequeno, aberto a qualquer interessado, para estudar a viagem astral, ou como preferem denominar, *projeção consciente.* Este grupo é batizado de *Centro da Consciência Contínua* (CCC), e dura até 1988, quando se formaliza sob o nome de Instituto Internacional de Projeciologia (IIP).

O CCC se reunia no apartamento de Waldo Vieira. Primeiramente, à Rua Moreira Vasconcelos, Bairro da Penha, nos segundos e quartos sábados de cada mês, às 14:30, e também em São Paulo, na Av. Cruzeiro do Sul, Bairro Santana, no primeiro domingo mensal, às 15:00. As mesas redondas duravam entre 4 e 5 horas. Posteriormente, as reuniões se mudam para outro apartamento do autor, no décimo andar do edifício número 255, à Rua Visconde de Pirajá, em Ipanema.

A experiência fora do corpo é um dos assuntos parapsicológicos mais difíceis de serem pesquisados. Há dificuldade imensa de se produzir a experiência. Há poucos “super-heróis” que saem do corpo com facilidade, que sirvam como voluntários para experimentos e pesquisas. Entre estes, muitos exageram suas capacidades, por necessidade de atrair público, divulgar cursos e livros, etc. Mesmo viajantes astrais autênticos acabam se envolvendo numa aura de mistério, para manter altas as expectativas do público. Assim, preferem não se fazerem acessíveis à investigação de cientistas independentes, evitando qualquer tipo de resultado frustrante.

Além do mais, há uma dificuldade epistemológica de se investigar a objetividade do conteúdo da

experiência. Muitos experimentos laboratoriais são feitos, com resultados positivos, acerca dos fenômenos *psi* básicos - telepatia, clarividência, psicocinesia, precognição. Porém, é muito difícil desenhar um experimento que possa verificar se o centro consciente da pessoa está fora do corpo.

Por exemplo, temos a experiência de que o centro de nossa consciência está na cabeça. Como é uma impressão generalizada, tomamos como ponto pacífico que ali existe uma "sede" onde fica localizada a consciência. Entretanto, não temos um experimento laboratorial que prove que a sede da consciência fica na cabeça. Sabemos apenas que ali há intensa atividade neuronial, e por isso, a hipótese mais plausível é que esta atividade neuronial seja o reflexo objetivo dessa experiência subjetiva que chamamos de consciência.

Assim como não temos um experimento laboratorial que demonstre que você sonhou o que você diz que sonhou, nem um experimento que demonstre que você é você, e muito menos que você é um espírito dentro de um corpo. O que dizer sobre ser um espírito que saiu do corpo?

No campo da investigação individual, tão falada entre os espiritualistas, o que se nota é pouco mais do que relatos de viagens extracorpóreas. É raro um trabalho de introspecção, onde o viajante mergulhe e procure analisar com profundidade o conteúdo daquela experiência, ou apresente bons métodos para compreender o significado de cada evento. Assim, não apenas a pesquisa laboratorial mas, também, a etnografia relacionada à experiência fora do corpo, é escassa.

Para além destas dificuldades técnicas, há uma campanha muito forte para dificultar o desenvolvimento das pesquisas parapsicológicas nas academias, fazendo com que praticamente inexistam bolsas e programas na área. Campanha que infelizmente encontra eco até entre muitos espiritualistas, que menosprezam as descobertas

e a discussão desses problemas dentro da academia, em vez de dar força para que mais e mais cientistas se dediquem ao tema.

O esforço de Vieira precisa ser compreendido dentro desse contexto. Investigar e promover a experiência fora do corpo envolve dificuldades que deixam muitos estudiosos em franco isolamento. Se os espíritas lamentam o fato de Vieira ter “abandonado” o Espiritismo, não é menos provável que Vieira se sentisse abandonado em seu esforço para fomentar o pensamento científico dentro do movimento. E o biografado não seria o único espírita a sentir o peso desse isolamento.

As principais organizações espíritas seguiram um caminho bastante diverso do estudo científico preconizado nos primeiros anos da doutrina. O Espiritismo nasceu, em meados do Século XIX, como uma iniciativa de investigar cientificamente os fenômenos mediúnicos e de comunicação espiritual. Tratava-se de uma necessidade que não havia sido satisfatoriamente resolvidas pelas religiões.

Entretanto, o assunto mal começava a ser tateado pela ciência moderna quando passou a ser duramente ridicularizado e discriminado pelas associações científicas, num claro jogo de corporativismo e *boundary work.* No contexto político europeu, por exemplo, as recentes conquistas democráticas da Revolução Francesa nem haviam saído do forno e já deram lugar a ondas reacionárias de antissemitismo, perseguição a "seitas" e "curandeirismo" etc.

Não só o espiritismo como um conjunto de investigadores eram alvos de permanentes campanhas de difamação. A Igreja não queria concorrentes que ameaçassem seu monopólio sobre o sagrado. As instituições científicas e a indústria ligada a ela não queria concorrentes que ameaçassem seu monopólio sobre a saúde e sobre o conhecimento. Com isso, as vertentes espiritualistas mais científicas foram

minguando, e aquelas mais cristianizadas foram sobrevivendo, embora numa escala pequena.

O enfraquecimento gradual do trabalho científico e a priorização do papel evangelizador no espiritismo já se expressava na França, onde o movimento acabou não prosperando. Em terras brasileiras, oficialmente católicas, com a difícil tarefa de sobreviver e crescer, fora-da-lei, parte significativa do movimento espírita buscou se aproximar e se proteger na colaboração com o Estado, e se cobrir com o manto cristão.

A publicação de *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho* em 1938, no alvorecer do Estado Novo, e os elogios ao golpe militar brasileiro durante o programa *Pinga Fogo* (1971), ambos preconizados por Chico Xavier, são dois momentos icônicos que ilustram a tentativa de adaptação de setores espíritas importantes ao regime político vigente. Tais iniciativas recebem críticas justas e frequentes, de que o espiritismo trocou a missão de esclarecer os fenômenos espirituais e se tornou mais uma das centenas de igrejas cujo papel é divulgar o Evangelho cristão.

Foi assim que ele conseguiu se associar a uma sociedade centralizada, ou seja, que exclui do poder político de grandes parcelas das camadas sociais, e as inclui apenas na condição de beneficiários da caridade, das doações, da filantropia e de uma palavra que apele para resignação e paciência. Gradualmente o espiritismo foi enfraquecendo enquanto ciência progressista e se fortalecendo enquanto religião conservadora (essa afirmação não deve ser mal interpretada como de costume nos círculos liberais, que consideram que um movimento é automaticamente progressista quando tem propósitos científicos, e automaticamente conservador quanto tem propósitos religiosos).

Além da adaptação ao regime, por um lado, havia também a pressão do regime, por outro. Dos Anjos (1993) relata, por exemplo, que durante a ditadura, arapongas vinham espionar as palestras espíritas, e

militares incomodavam federações que estivessem sendo "coniventes" com discursos críticos dentro de casa espíritas.

Jovens adultos, nascidos nas décadas de 50 e 60, ainda não sabiam o que era liberdade de expressão, e tinham gritos presos na garganta. Eram espíritas que, até o momento, não podiam organizar palestras independentes, sob o risco de serem considerados subversivos. Que não recebiam apoio institucional para organizar pesquisa de fenômenos parapsicológicos. Que não podiam discutir o papel do espiritismo na vida política nacional, a não ser em organizações semi-clandestinas como o Movimento Universitário Espírita. E que, naturalmente, se perguntavam: "- Para que, mesmo, servem nossas lideranças espíritas e suas federações?"

A década de 80, por sua vez, estava permeada de anseios relacionados às recentes conquistas democráticas. Foi uma transformação nos ânimos de muitos espíritas. Foi justamente a década onde se formou o CCC, que foi um dos reflexos do novo clima político e social que se formava naquela época.

Não encontrei registros públicos sobre o CCC. Por certo que eles estejam guardados na Holoteca do CEAEC, em Foz do Iguaçu. Uma das esperanças que alimento com este livro é motivar ex-colaboradores a se manifestarem a respeito daquela época, que certamente foi interessante, tanto para a história da conscienciologia como do espiritualismo brasileiro em geral.

Na primeira edição do Projeciologia figuram alguns nomes do CCC que colaboraram na pesquisa, aos quais Vieira agradece: Laerte Agnelli, Wagner Alegretti, Jones A. de Almeida, Gilberto M. Azevedo, Silvia V. Barros, Wagner D. Borges, Rodolpho Budsky, Sebastião M. Carvalho, Vera Gaetani, Gilberto C. Guarino, George B. Kropotoff, Salvador Oggiano, Victor T. Pacheco, Graciema de S. Porphirio, Elyr dos S. Silva, Irineu Silva, José C. de Souza, Samuel de Souza, Enedina F. Tristão e José C. Zanarotti. O grupo permaneceu ativo entre 1980 e 1988, até sua

formalização como Instituto Internacional de Projeciologia (IIP). Além disso, figuram como revisoras Sonia Regina P. Cardoso e Pia Aurea Steiner.

À exceção de Wagner Alegretti, nenhum dos agradecidos continuava na equipe vieiriana do IIPC em idos dos anos 2000, época em que ingressei. A rotatividade do grupo era muito alta, o que também mostra a dificuldade de manutenção e desenvolvimento de uma equipe nessa área. Tanto quanto as separações no movimento espírita ocorriam, podemos quase dizer que elas ocorrem num ritmo bastante grande entre o grupo vieiriano.

De toda essa equipe inicial de pesquisadores do CCC, os dois que mais se destacaram, além de Vieira, foram os “Wagners”. Ambos dirigem atualmente instituições paralelas - a *International Academy of Consciousness* e o *Instituto de Pesquisas Projeciológicas e Bioenergéticas.* Embora tratem de problemas semelhantes, não há conversas entre elas e as instituições waldovieirianas. Conhecendo os três personagens, percebo que a animosidade foi alimentada por Vieira.

Em meados daquela década, Vieira se aposenta. Tão logo isso ocorre, faz o que, segundo ele, “o pessoal de Hollywood” lhe aconselhou. Deixa a barba crescer e adota o traje esportivo branco, para o resto da vida. Aquela é a representação visível de uma demarcação, uma diferenciação, que tem se tornado relativamente comum na comunidade conscienciológica de Foz do Iguaçu. A diferenciação evoluiu do traje para um conjunto de palavras novas e, finalmente, um quase-dialeto próprio.

Ela mostra o seu preço em críticas depreciativas que escutei, não raramente, contrárias a inovações dentro da comunidade, sob o pretexto de que, se fosse para modificar, teria que chamar de outra coisa. O verniz da neofilia - o gosto pela novidade - esconde uma neofobia rígida. Numa resposta jocosa que dei a certo

internauta, se o martelo fosse uma invenção da Conscienciologia, qualquer um que quisesse fazer uma modificação ou adaptação daquele martelo precisaria inventar um nome novo.

Mas um martelo com nome novo e ligeiramente adaptado continua sendo... um martelo. Não por acaso, é muito comum que visitantes, ao comentarem espontaneamente sobre suas impressões da comunidade conscienciológica, afirmem que é um “espiritismo com outras palavras.”

Tendências sectárias

As principais realizações e episódios envolvendo Vieira e o CCC serão trabalhadas em capítulos seguintes. Aqui aproveitarei para introduzir algumas reflexões que são resultados da observação *a posteriori*. Ou seja, pelos resultados futuros, procurarei inferir como era o grupo, quais suas tendências, contradições internas e por quais caminhos seguiu,

Desde o retorno à vida pública, Vieira evidenciou esforço para preencher a “demanda reprimida” por pesquisa espiritualista e formar um grupo motivado em desenvolver pesquisa e debater livremente os fenômenos parapsicológicos. A organização do CCC preencheu uma necessidade. Do contrário, não teria crescido e prosperado durante aquela década.

Entretanto, por outro lado, também foi um grupo no qual observamos grande rotatividade e uma mudança de rumos, em relação à proposta original. Por que isso ocorreu, é o que tentarei explicar.

O CCC foi sendo formado por espiritualistas de uma classe média urbana que já não se sentia representada pela configuração tradicional das casas espíritas. Refiro-me ao formato onde a casa normalmente faz um trabalho de evangelização (tanto na forma de palestras, transes psicofônicos ou na psicografia) e filantropia (desde os donativos até o aconselhamento e

os passes).

A coordenação das casas é fortemente atrelada ao fundador ou pequeno grupo próximo, o que não é a melhor configuração para o desenvolvimento do espírito livre de pesquisa. Este requer debate, discordância, questionamento e uma estrutura hierárquica a mais horizontal possível.

O formato evangelizador é visto como piegas para os setores mais liberais da pequena-burguesia, que não querem ser ouvintes e não querem caridade. Eles querem debater, investigar, questionar e ser protagonistas. Não foi à toa que o trabalho assistencial promovido por instituições religiosas seria chamado, futuramente, com um tom de desdém, pelos waldovieirianos, de *tacon* (tarefa da consolação).

Era uma época de rebeldia. Agora era possível "meter o pau" nas instituições tradicionais (sim, também era época de libertação sexual). E normalmente o cidadão comum, receptor de uma educação política confusa, não sabe a diferença entre criticar a cúria da Igreja Católica, por exemplo, e criticar os católicos como um todo. Assim como não sabe a diferença entre a participação crítica que ajuda um movimento progredir e a crítica que só ajuda a desmoralizá-lo.

O pequeno-burguês gosta de dizer que critica tudo, não apoia ninguém, etc, afinal de contas, nada no mundo é tão perfeito como o mundo que ele idealiza no seu gabinete. Com alguma cultura geral, ele começa a ter noção de que muita coisa está errada e tenta contestar o regime. Mas normalmente acaba contestando os lados mais fracos, o que ajuda a fortalecer o lado mais forte e manter o regime coeso. Pensa que faz um trabalho progressista sem ver que, nesta conduta, presta serviço reacionário.

Um alvo comum da crítica destes setores é a religião, frequentemente tratada como sinônimo de dogma. No entanto, esses críticos têm dificuldade de diferenciar o dogma de uma Inquisição Católica, com

seus exércitos e instrumentos de tortura, e o dogma de dois compadres que conversam sobre algum tema frívolo na varanda de casa. O cidadão normalmente interpreta toda destrutividade da classe dominante como sendo "consequência do dogmatismo", sem entender que a repressão é consequência da desigualdade de forças entre os mais fortes e os mais fracos.

O tal "dogmatismo" é um componente, uma característica constitutiva da atividade repressiva. Portanto está presente em todas as épocas e regimes controladores, independente de sua roupagem religiosa ou não. Sendo assim, muitos contestadores de regime acabam lutando nem contra os efeitos, nem contra as causas da opressão. Eles lutam contra *as sombras dos efeitos* que aparecem aqui e acolá.

Este acabou sendo o caso de Vieira e do discurso que ganhou mais força no seu grupo. Agora aposentado, agora com bala na agulha, agora com direitos estabelecidos, sem o fantasma dos órgãos de repressão como o DOPS, Vieira e o CCC podiam, por exemplo, "meter o pau no dogmatismo". Era a maneira como acreditavam lutar contra a opressão, o obscurantismo, o fanatismo etc.

Só que a crítica precisa ser direcionada aos grupos que concentram o poder e assim conduzem os movimentos para seus próprios interesses, explorando os demais. Ou então, dirigida aos grupos dominados, de maneira encorajadora, e não desmoralizadora, que as fortaleça no empoderamento e na formação de um sistema mais democrático. Sem perceber essa diferença, Vieira acha que sair criticando tudo é uma boa opção. Não percebe que, desmoralizando um movimento inteiro, só contribui para que o mesmo seja enfraquecido e facilite a manutenção dos feudos de poder no seu interior.

É assim que começamos a ver, já na década de 80, pequenos indícios de um Vieira que desanca com Allan Kardec, com o espiritismo, com Jesus Cristo. Note,

leitor, que a Igreja Católica não tem o menor apreço por Jesus de Nazaré. Ela apenas usa o que convém, de um mito popular cultivado por séculos. Seleciona, na história dessa figura, os elementos que legitimem a sensação de culpa, de dor, de resignação, de temor. A história de Jesus poderia muito bem ser interpretada sob um viés subversivo e revolucionário, mas isso não convém à cúria romana.

Dizer que o espiritismo e Kardec estão cheios de besteiras só ajuda a desmoralizar o movimento como um todo. Em vez de enfatizar as qualidades do espiritismo, que são muitas, jogam sobre este um manto de pessimismo e derrota. Por acaso um mundo sem espiritismo seria um mundo melhor? Definitivamente não! O esvaziamento tanto do catolicismo como do espiritismo leva pessoas a outras opções. Qual a opção que mais tem crescido no Brasil? As denominações neopentecostais. Alguma vantagem?

A sociedade "ideal, perfeita e utópica" do crítico de gabinete, seu "sonho lindo", não surge do nada. Ele pode tentar ser construído, mas só o será a partir do que existe. O progresso humano acontece quando se consegue empurrar as estruturas em direção a caminhos progressistas. Muita coisa é destruída no caminho, mas não é da simples destruição que brota o progresso. É preciso que setores dentro do catolicismo, por exemplo, o pressionem num sentido mais libertador. No espiritismo, idem.

A outra opção é tentar construir bolhas perfeitas. Nunca deram certo, pois inevitavelmente elas precisam interagir com a sociedade. Quanto mais se integram à sociedade, mais se tornam semelhantes a ela. Portanto, o único movimento plausível é aquele que busca se integrar às estruturas sociais para modificá-las. Se encapsular é inviável.

E lá estava o Centro da Consciência Contínua, dentro do caldeirão social e sendo afetado por suas contradições. Queriam fazer pesquisa científica mas

achavam que "metendo o pau" no espiritismo ajudariam a formar um público mais científico. Erraram. Isso apenas estabeleceu uma trincheira cada vez maior entre CCC e movimento espírita. Com o tempo, só sobrariam os ataques de um lado para o outro.

Havia ainda um reavivamento da parapsicologia. Universitários de diversas áreas do Brasil e do Mundo juntavam suas economias para assistir aos cursos de verão do Rhine Research Center, na Carolina do Norte, por exemplo. Lá aprendiam sobre os fenômenos *psi,* sobre os métodos de pesquisa, sobre duplo cego, sobre meta-análise, sobre forma e conteúdo das experiências paranormais, sobre abordagens terapêuticas etc. Com a formação de uma pequena massa crítica, conseguiram lançar até a Revista Brasileira de Parapsicologia, que teve duração curta.

Ah, mas são "cientistas convencionais". Estão "presos" à metodologia de pesquisa. Não aceitam que se diga, simplesmente, "minha experiência diz isso, portanto é verdade". Deve ser por que eles "não tem experiências" ou não tem "coragem" de fazer autopesquisas (ignorando o fato de que a maioria dos pesquisadores entrou nessa área motivado por experiências pessoais). Assim, Vieira cria mais uma trincheira, agora com a pesquisa acadêmica.

Com essa postura, o destino previsível do grupo foi virar o que popularmente se chama de seita. Para usar as palavras de uma conversa informal que tive com a psicóloga Nancy Zingrone, esposa de Carlos Alvarado: "Conheci Waldo Vieira e seu grupo durante um congresso. Não conseguimos dialogar pois eles se portavam como se fossem os únicos detentores de toda a verdade."

Num artigo publicado na imprensa espírita daquela época, Vieira é apresentado como alguém que fala tudo com ares de "dono da verdade" e, aonde vai, é acompanhado de um "pequeno séquito" que formou em torno de si (CORREIO...., 1983). A agressividade do

discurso vieiriano cativaria adeptos mais “radicais” ou “revoltados” mas também teria o poder de afastar colaboradores.

Uma leva de pessoas com experiências espiritualista mal resolvidas encontra, no discurso beligerante, a oportunidade de contra-atacar seus algozes. Outras, atraídas pela possibilidade de desenvolver a viagem astral, encontrar espíritos benfeitores, pacificar almas desesperadas, haurir aprendizados transcendentes, não se sentem à vontade essas críticas destrutivas. Algumas se afastam do grupo, outras permanecem, por falta de opção, para manter o senso de pertencimento a algo e preencher o vazio da exclusão social que não raro acomete quem admira esse tipo de estudo.

Observaremos uma rotatividade constante do grupo vieiriano, ao longo do tempo, cuja causa se relaciona com o contexto apresentado acima.

Trabalho voluntário

O Centro da Consciência Contínua não era uma atividade econômica organizada de maneira sustentável. Segundo Vieira, a sede do CCC era “seu bolso”, ou seja, as despesas do grupo eram pagas pelo biografado.

Naturalmente que outros membros podem ter contribuído com dinheiro, e cabe lembrar que o trabalho também é uma forma de contribuição econômica. Mas o problema central é que o grupo dependia do investimento contínuo dos seus membros e não possuía formas de levantar recursos “de fora”, ou seja, trocar seus produtos e serviços com a sociedade. Aparentemente, ao longo daquela década de existência do CCC, o mesmo se dedicou a atividades gratuitas.

Parte disso se deve ao funcionamento de uma sociedade excludente. Para um grupo vender livros e outros produtos, cobrar por palestras, aulas e outros serviços, ele precisa organizar toda uma burocracia que

desestimula os primeiros passos de pequenos empreendimentos. Vieira possivelmente desencorajaria o desenvolvimento de atividades econômicas informais. Assim, o CCC se manteria dependente da “algibeira” do biografado e eventuais contribuições para existir, enquanto não se formalizasse perante os órgãos oficiais.

É possível que a organização econômica do CCC não fosse assunto de maior preocupação, pois sobre ele não estavam implicadas grandes despesas. O grupo se reunia no apartamento de Vieira e cada um dava parte do seu tempo para exercícios intelectuais de discussão, leitura e escrita. São atividades de baixo custo. A possibilidade de estar junto a colegas e a um líder experiente, genial em muitos aspectos compensava pequenos gastos.

Mas era uma atividade tão barata quanto descompromissada. Não no sentido moral de preguiça e desinteresse. Ela era descompromissada na medida em que, no caso de necessidade ou oportunidade, seria natural que os colaboradores deixassem o grupo e procurassem atividades que dessem algum retorno econômico.

Já mencionado, Wagner Borges foi um desses exemplos. Em 1988, quando se mudou do Rio de Janeiro para São Paulo, afastou-se do CCC. Na oportunidade, Vieira se sentiu contrariado e lhe disse: "não dou um ano para você retornar com o rabo entre as pernas." Mais de 30 anos se passaram e atualmente Wagner vive de seus cursos e livros publicados no campo da viagem astral, sendo tão o mais conhecido que Vieira. Se permanecesse no CCC, teria que continuar como um voluntário, se dedicando a um assunto tão importante apenas nas horas vagas, enquanto batalhava por alguma profissão remunerada.

Pode-se dizer que a maioria dos voluntários de instituições organizadas nesta configuração acabem trilhando o caminho de Wagner Borges, embora poucos alcancem uma projeção pública como a deste último. A

busca por uma alternativa que possa integrar o interesse espiritualista e a remuneração financeira é inevitável, a não ser quando já se tem patrimônio e tempo livre, ou aposentadoria segura. Até mesmo os colaboradores mais empenhados de Vieira, ao ascenderem a cargos de maior responsabilidade e dedicação futuramente, teriam que receber ajuda de custo, por mais que não se falasse muito a respeito. Feliz ou infelizmente, não existe almoço grátis, nem mesmo para os mais abnegados e altruístas.

Relação com espíritas

Conta-nos Vieira que, ao retornar aos trabalhos mediúnicos e assistenciais na década de 1980, passou a sofrer patrulhamento ideológico dos espíritas. Devido a isso, foi obrigado a escrever uma carta aberta para "colocar os pingos nos is". A partir de então, a perseguição espírita cessou (CONSCIÊNCIA LÚCIDA, 2009). Em suas palavras:

> "...são publicados artigos apaixonados de patrulheiros ideológicos espíritas, extremamente puristas, ortodoxos e sectários, contra a Projeciologia (Exemplos: Monteiro; Worm), que vieram a atrair atenção maior para as pesquisas do fenômeno da projeção consciente humana. Na ocasião, o Centro da Consciência Contínua, no Rio de Janeiro, não conseguiu atender ao aumento do volume de cartas e pedidos de informações projeciológicas." (VIEIRA, 1999, p. 81)

Acontece que os registros da época nos dão um panorama bem diferente desse. Os órgãos da imprensa espírita e, também, os fatos divulgados pelo próprio biografado, mostram que havia um entusiasmo geral entre os espíritas para receber e conhecer o trabalho do antigo companheiro. Os volumes de cartas vinham devido ao apoio de visibilidade que o movimento espírita

dava, em seus periódicos, ao retorno de Vieira à militância espiritualista.

O diário de experiências fora do corpo Projeções da Consciência (1981) obteve boa recepção entre o público. Parece que superou as expectativas do próprio autor, ou da editora, pois teve que ser reimpresso no ano seguinte. Não havia por que ser diferente, já que a viagem astral é um tema instigante e um diário de experiências de um brasileiro era novidade.

Após o lançamento do Projeções da Consciência, Vieira viaja pelo Brasil e concede uma série de palestras e entrevistas. Seu trabalho é noticiado com ampla cobertura entre os espíritas, principalmente em cidades paulistas mas, também, em Curitiba, Juiz de Fora, Maceió, Porto Alegre e Rio de Janeiro.

O próprio Vieira enumera, ao final da segunda edição, 16 matérias tiradas pela imprensa espírita noticiando o trabalho. Dentre elas figuram os periódicos *Alavanca, A Luz, Clarim, Desobsessão, Folha Espírita, Jornal Espírita, Mundo Espírita, Revista Internacional do Espiritismo* (RIE), revista *Planeta, Serviço Espírita de Informações,* revista *Espiritismo e Ciência* e 2 matérias na seção 'Espiritismo' do *Diário do Grande ABC.*

Para além de pequenas chamadas, temos textos e resenhas escritas por autores como Antônio César Perri de Carvalho, Carlos de Brito Imbassahy, Celso Martins, Helena Maurício Craveiro Carvalho, Hernani Guimarães Andrade, Rafael A. Ranieri. Nenhum título carrega conotação negativa. Pelo contrário, vão da mera intenção de divulgar a obra até expressões mais impactantes como "A volta de Waldo Vieira", "Ocorrências no mundo espiritual" ou "Um livro fantástico". Sílvia Lúcia Vasconcellos Barros escreve sobre as "Novas perspectivas de Waldo Vieira" (RIE, mai./1982) e Sebastião de Carvalho, sobre "Waldo Vieira e a Projeciologia" (Reencarnação, nov./1982).

Além disso, a partir de 1983, Vieira passaria a escrever uma coluna mensal - *Boletim de Projeciologia -*

para o Jornal Espírita. Mais de 90 artigos são publicados até o encerramento da parceria, em 1991, e podem ser verificados na bibliografia dos *700 Experimentos da Conscienciologia.*

A imprensa espiritualista em geral também lhe abre espaço. Em 1984, concede entrevista de 5 páginas para a Revista Planeta (n. 144, setembro, p. 11-15), onde divulga o Centro da Consciência Contínua e seu tratado *Projeciologia*, em fase de revisão. A Planeta e a revista PSI-UFO ainda o entrevistam em 1986, para anunciar o lançamento do livro.

Estes dados contradizem, novamente, a ênfase que Vieira dá sobre ter sido uma espécie de lobo solitário, ovelha negra incompreendida e perseguida dentro do movimento espírita. É o biografado que parece, por vezes, criar conflito na relação com movimento, como aconteceu no episódio narrado a seguir.

Palestra controversa

A convite da jornalista espírita Lucia Amaral Kfouri, Vieira vai a São Paulo apresentar sua pesquisa em torno da “projeção consciente”, para meia centena de dirigentes e escritores espíritas, no Instituto Espírita de Educação. O jornal *O Semeador* (1983) cita que, dentre os presentes, estavam dirigentes da União das Sociedades Espíritas (USE), os escritores Elfay Luiz Apollo, Hélio Rossi, Heloísa Pires, Jaci Regis, José Rodrigues e Nancy Puhlmann, os jornalistas Fausto Macedo e Natalino D’Olivo, e a já mencionada Helena M. C. Carvalho.

O Jornal Espírita (1983a) destaca falas de Vieira que o retratam como um aliado do espiritismo. “Nunca fui tão espírita como sou agora” serve de subtítulo à reportagem. Para ele, a doutrina representa “os Estatutos do Universo”. Waldo é apresentado como alguém grato a Uberaba e a Chico Xavier, mas que sente necessário fazer algumas críticas, pois há muita “fé cega” e falta de

questionamento no movimento.

A projeciologia é colocada como a pesquisa de um assunto que ninguém nunca havia se aventurado a enfrentar profundamente, pois “fora do corpo não tem misticismo como aqui.” O jornal fala laconicamente que ocorreram “discussões acirradas em muitos momentos”, sem entrar no mérito, encerrando com a conclusão de que “a palestra atingiu seu fim com perguntas e respostas de alto nível, tanto da parte do médium como dos confrades presentes.”

Entretanto, *O Semeador,* já citado, dá mais detalhes sobre as “discussões acirradas”, explicando que a intenção inicial do encontro era discutir os métodos de pesquisa da projeção fora do corpo, mas a palestra se desviou totalmente e causou alvoroço. O motivo foram as afirmações agressivas do conferencista a respeito dos livros de Kardec estarem “cheios de besteira”. Quando perguntado sobre seu trabalho psicográfico junto a Chico Xavier, Waldo contestava dizendo que deveriam ter sido “mais fortes”.

O jornal informa ainda que Vieira se apresentava como “pesquisador da área parapsicológica, dizendo preferir os seus termos aos do espiritismo, pois ‘abrangem uma quantidade maior de pessoas’”. Enquanto alguns convidados concordavam com suas pesquisas, outros achavam que ele apenas mudava palavras, como “projeção” em vez de “desdobramento”.

O jornal noticia, com preocupação, que o consenso entre os participantes era de que a palestra pouco serviu para esclarecer sobre o método de pesquisa vieiriano, devido à “troca de caminhos” promovida pelo palestrante. Entretanto, o mesmo dá conta de mostrar que os espíritas ainda viam com bons olhos a iniciativa de investigar o desdobramento, apenas estranhando as posições antiespíritas de Vieira:

> “Natalino D`Olivo, da Revista André Luiz, declarou: ‘Aprovo o seu trabalho de pesquisa, fazendo com que o homem busque a espiritualidade através da

> projeção de sua própria consciência. Sua posição, porém, é cômoda, não clareando a sobrevivência do ponto de vista espírita, no sentido de o espírito manifestar-se através da mediunidade. Na minha opinião, Waldo está procurando uma sintonia com a Ciência, porém, está em dessintonia com a Codificação Kardecista'', observou. 'Há de se considerar as pesquisas que desenvolve, porém, de forma alguma, podemos concordar com suas afirmações em torno da obra de Kardec, que de forma alguma se viu alterada com todo progresso da Ciência. A propósito, estranho muito ele afirmar que aprova O Livro dos Espíritos e não os demais da Codificação, quando estes são, de certa forma, uma complementação do primeiro.' A afirmação é de Nanci Puhlmann Di Girolamo, dirigente da Instituição Beneficente Nosso Lar. Para Jaci Régis, do jornal Espiritismo e Unificação, da cidade de Santos-SP, a certeza de Waldo de que projeção pode ser a solução para os problemas não é real, a projeção 'pode apenas ajudar o homem a amadurecer.'" (O SEMEADOR, 1983, p. 10)

O próprio vice-presidente da USE, Nestor Mazzoti, entidade que futuramente Vieira jogaria no balaio dos "vaticaninhos espíritas" e "instituições pré-maternais", se resume a uma declaração diplomática: *"os espíritas presentes à palestra de Waldo possuem suficiente maturidade para analisar suas colocações, aceitando-as ou não"* (p. 10).

Também naquele mês, o articulista do *Correio Fraterno do ABC* (1983, p. 5), Eduardo Carvalho Monteiro, publica artigo bem mais duro:

> "Ele diz que não quer ser guru nem formar seita alguma, mas toda sua panaceia de teorias e a maneira como as tenta incutir em seus ouvintes revelam o contrário, ou seja, têm toda a conotação de quem deseja atrás de si um séquito a adotar a

‘projeção da consciência’ como solução para todos os problemas do mundo; ele diz que aceita e deseja críticas, mas ao ser criticado levanta a voz, interrompe o pensamento do interlocutor e tudo o que diz, o diz com ares de superioridade e de dono da verdade; ele diz que não quer reformar nada, mas utiliza-se do tempo em que deveria falar do tema proposto - projeções da consciência - para desancar a falar mal do Espiritismo, destilando seu fel e sua mágoa injustificada do movimento (...). ‘ninguém no recinto havia lhe pedido explicações a respeito e não sabia por que ele voltava tanto ao assunto.’

Os que assistiram ao encontro ficaram pasmos com as novas ideias do Dr. Waldo Vieira, médico e dentista, como fez questão de frisar, sobre a obra kardeciana, sobre o Cristo, o Evangelho e o Espiritismo em geral. Suas colocações atuais nem de longe lembram aquele médium que legou à Humanidade numerosos monumentos literários recebidos pela psicografia e, sem dúvida, são essas aleivosias que empanam os méritos que sua teoria, sabemos, contém.

Segundo o Dr. Waldo Vieira, ‘os Centros Espíritas devem deixar de receber os mal-amados, os carentes afetivos, as mães chorosas, porque o Espiritismo é universal, é muito maior do que as coisas que se vêem aí.’

Ora, Dr. Waldo Vieira, parece que o Sr. se esqueceu que o Espiritismo é o Consolador Prometido por Jesus e que o Centro Espírita tem sido o reduto destes mal-amados justamente porque esta é sua finalidade principal (...)

Pelas suas ideias atuais, está até vendo erros no Evangelho - embora não cite nenhum - e não admite o Cristo como o Ser mais elevado que já esteve entre nós, pois - segundo ainda suas palavras - ‘suas projeções da consciência permitem contato com seres muito mais elevados que Jesus’.

Dos seus ataques subliminares (...) aqueles que

> talvez tenham mais surpreendido, foram as afirmações de que a obra da codificação está eivada de erros; porém quem se arrisca a uma afirmação como esta, Dr. Waldo, deveria ao menos citar quais os erros que vê, para não cair na leviandade e no vazio.
> Por essas e outras diatribes ditas pelo Dr. Waldo Vieira é que nós nos admiramos por alguns órgãos da imprensa espírita terem aberto as suas páginas às teorias estranhas do Dr. Waldo, bem como do pequeno séquito que se forma à sua volta. (...)
> Por todas estas argumentações (...) é que achamos que no Espiritismo, não tem lugar para [as ideias de Vieira]. Aliás, vimos um Waldo Vieira espiritualista, mas não espírita, e aí sim encontra-se uma incoerência: ele apresentar-se como espírita, quando está tão distante dele."

Aos 33 anos de idade, aquela palestra era o primeiro contato pessoal de Monteiro com Vieira, conhecido apenas pelas psicografias com Chico Xavier. Tais palavras seguramente incomodaram Vieira, e a palestra continuou repercutindo mal no interior do movimento. O Jornal Espírita (1983c, p. 3), que se mostrou mais aliado ao biografado, procurava sempre acalmar os ânimos do público:

> "Fundamental erguermos nossos olhos para a necessidade do equilíbrio, mesmo no afã - nem sempre muito salutar, devido aos métodos inadequados - de 'defender' a Doutrina dos Espíritos.
> Impossível presenciarmos certas medidas que depõem contra a imagem do Espiritismo perante o povo e calar-nos. Muitos nos corrigirão: imagem do movimento espírita e não do Espiritismo. Nesse caso, contudo, altera-se também a visão da doutrina, pelos que apenas assistem de longe.
> Não estamos aqui defendendo uma pessoa - no caso, Waldo Vieira - mas alertando para uma situação que só pode prejudicar a relação doutrina-público.

Além do mais, como é que se pode vir aos leitores (que nem ficariam sabendo do teor do nosso encontro) e denegrir a imagem, de maneira total, de alguém que colaborou para o enriquecimento do cenário espírita e que ainda contribuirá muito, através dessa pesquisa sobre o desdobramento consciente que efetua já há 17 anos?

Analisemos. Convidamos um pesquisador para falar perante uma assembleia representativa do movimento espírita. E lhe dizemos: pode abrir-se, lavar sua alma, porque estamos entre quatro paredes (não havia 'simpatizantes', eram todos espíritas, mesmo. Pelo menos foi o que se imaginou… e somos todos adultos…

O que se esperaria? Apartes, defesas, ataques, revolta até - vá lá! - também somos humanos.

Nada, porém, do que ocorresse ali, pelo menos algum aspecto negativo, menos equilibrado - nada deveria ser passado ao público. Estava implícito. Não se julgou necessário fazer esse pedido… Não deveriam estar todos conscientes perante o óbvio?

Não foi isso, contudo, o que ocorreu.

O convidado falou, sim, a uma assembleia espírita douta, equilibrada, composta. Apesar dos choques de opinião que trouxeram à falar uma Heloísa Pires brilhante, convicta, e figuras de projeção como os companheiros Jaci Régis e José Rodrigues, do 'Espiritismo e Unificação', de Santos, além de Hélio Rossi e outros, tudo ocorreu como esperava a organizadora do encontro, dra. Lúcia Amaral Kfouri.

Não havia, como já foi dito, gente 'de fora'. Eram todos espíritas, conscientes e capazes de resistir muito bem a certos pronunciamentos do convidado, feitos em confiança, falando de coração, sem trava nem preconceito. Quase diríamos, então, para qualificar, com espírito científico.

Cada um reagiu diferentemente, como criaturas de fato à altura de discutir, debaterem naquela atmosfera pronta para o exame e a análise.

Cada qual teria dali saído propondo-se mil e uma novas questões, trabalhando o raciocínio, enfim, colocando numa dinâmica toda a estrutura doutrinária, fazendo-a render juros, enfim, repensando-a.
Exiltamos. Que bom! Há tanto que investigar, a doutrina tem mesmo dimensões cósmicas! Há, de fato, que se escutar tudo. Somos livres (temos de ser!) para opinar e decidir.
Dias depois, entretanto, o ataque pessoal impresso! POR QUÊ?

E continua à página 5:

"Quase todos se assustaram quando Waldo Vieira fez certos pronunciamentos.
O que mais provocou impacto foi sua declaração de que, partindo-se do princípio que não há livros perfeitos (como nada é ainda perfeito por estas plagas) também a obre de Kardec não se posicionava como tal.
Não vejo por qual razão tamanho impacto diante do que foi expresso. Simplesmente porque O Livro dos Espíritos não constitui nenhum repositório de dogmas. Tudo está ali disposto de tal forma que possa ir sendo gradativamente comprovado pela ciência oficial. Até agora não se apresentou nenhuma prova em contrário, definitiva, sobre qualquer um dos pontos-chave das afirmações doutrinárias. E não sou eu quem diz. É Herculano Pires.
Meditando sobre o ocorrido, pergunto-me. Não teria sido altamente positivo escutarmos aquelas afirmações?
Vejamos. Parece-me relevante que alguém como Waldo Vieira (qualquer outro seria simplesmente desconsiderado), capaz de desenvolver com zelo científico métodos de análise e perquirição para o que pretende, tenha o direito - diríamos, quem sabe,

até o dever? - de emitir pronunciamentos de tal teor porque os mesmos, colocando novos pontos de interrogação no óbvio, alertam-nos para a necessidade de um estudo maior.

Não estamos todos muito acomodados? Não questionamos mais nada!

Também foi Herculano Pires quem ressaltou esta triste realidade: ninguém conhece a fundo a Codificação. Teria ele sido radical em demasia nessa afirmação? Quem consegue honestamente contestá-lo?

Talvez a atitude de desassombro (alguns diriam: petulância) de Waldo Vieira seja a granada cujos estilhaços, atingindo-nos, e metam-nos - um a um - de volta aos contextos kardequianos para pesquisas mais profundas que nos fazem falta perante esta cultura planetária em ebulição.

Assim, talvez possamos reforçar nossas convicções - através de nossos próprios estudos e não só por havermos ouvido falar - na hegemonia doutrinária.

Não estaremos dessa forma realizando nossa parte, oferecendo nosso quinhão de esforço para sentirmos Kardec irreprochável, embora 'aberto' para uma investigação constante? O próprio Codificador reforçou de antemão essa 'abertura' alertando-nos de que o Espiritismo caminhava com a Ciência.

Não foi, então, positivo, o encontro? Lúcia Amaral Kfouri, promotora do mesmo, tinha razão.

Além do mais,já foi dito por muitos, que Kardec é o princípio, não o fim.

Recordemos Deolindo Amorim, no artigo 'Enriquecimento e Atualização', publicado no Mundo Espírita de 31/01/83 onde admitia o propósito de indagações outras:

'A Doutrina aceita enriquecimentos venham de onde vierem, contanto que sejam válidos. E se não fosse aberta à experiência e às novas descobertas, seria incapaz de acompanhar o discurso científico de nosso tempo'.

Coloca na conta do elemento humano as deficiências que porventura se notem, num planeta em progresso contínuo que precisa ser acompanhado.

Não. Não é o caso de atualizar a doutrina - reforça ele - porque ela 'esta atualizada nas bases e nas consequências.' Nenhum dos seus princípios desfez-se ou sequer enfraqueceu e isto pode ser dito tranquilamente após uma 'experiência histórica de mais de um século'. Mas não é por isso também que a consideramos fechada dentro de um ciclo histórico ou 'parada no tempo'. Como se constituída de dogmas - acrescentaria eu.

Os pronunciamentos restritivos de Waldo Vieira não me soaram capazes de por em suspeição qualquer um dos pontos fundamentais da doutrina. Que disse ele? Que Kardec errara em pontos capitais da doutrina? QUe os fundamentos deviam ser postos em dúvida?

Absolutamente, não. Ele questionou a perfectibilidade total da obra, apenas. Mas, coisa parecida havíamos ouvido de Kardec, - num certo sentido - quando nos recomendava o estudo e encaminhamento paralelo com a Ciência.

Depois, a Doutrina dos Espíritos sedimenta-se na evolução. Nada é permanente, estanque, completo, acabado. Tudo flui, permanece em dinâmica, visa o movimento, as mudanças, mesmo que estas se façam quase imperceptíveis. Alguns detalhes, com o tempo, a não nos parecem os mesmos, inclusive pela mudança de interpretação, de ângulo de observação, prisma de análise.

De qualquer forma, a nosso ver, os hipotéticos e possíveis desacertos supostos desacertos supostos por Waldo Vieira ficariam a nível quantitativo, jamais qualitativo. Este ponto é o essencial, nesta nossa análise.

É assim que eu - kardequiano de quatro costados - interpreto por enquanto as ressalvas de Waldo Vieira. Ele também sabe, tanto quanto Deolindo Amorim no

artigo citado, que 'se é certo que a Doutrina dos Espíritos não veio pronta e acabada, é porque trouxe o propósito de continuar e não o de ficar entre os limites de uma época'. Já Herculano Pires referia-se às dimensões cósmicas do Espiritismo.

Não vejo, portanto, razão para sobressaltos. O que pode estar acontecendo conosco, a meu ver, é um certo receio de termos de repensar naquilo que estava já guardadinho inteiro, como o enxoval de uma noiva que se demora para marcar a data do casamento. As peças, os lençóis dobrados, já tem marcas profundas, difíceis de desaparecerem, mesmo com novas lavagens e a pressão do ferro de engomar.

Que diria a noiva quando alguém lhe afirmasse: estas peças estão manchadas. É preciso cuidar delas, examiná-lias (procurando nódoas), revê-las, dobrá-las... talvez não sejam de qualidade superior como imaginávamos que fossem...

Zangar-se-ía essa noiva ou, ao contrário, seria grata a quem assim a prevenisse? E quando fosse retirar a manchazinha de bolor teria o desagrado de ver a peça desmanchar-se, desfazer-se puída, só por esse cuidado.

Não, absolutamente. Perceberia logo que, apesar (e por causa dele, também) do manuseio para as providências sugeridas, sua velha peça reconstituía-se, retornando à sua antiga majestade.

A propósito, recolhamos do artigo citado, mais este trecho de Deolindo Amorim, que vem a calhar: 'Claro que há observações condicionais, fora do contexto central, e essas observações podem muito bem sugerir colocação nova, como termos e recursos que não existiam no século passado'.

Retornando à revisão do enxoval há tanto guardado, as roupas com manchas poderiam ainda fornecer à proprietária - quem sabe? - a simbologia de uma verdade ainda não totalmente assimilada até agora e que, após um contato renovado, após a limpeza

> mostrar-se na sua pujança e no seu verdadeiro teor de qualidade.
> Nesse balanço geral,após o exame detalhado de cada uma das peças revistas e revitalizadas, provavelmente essa noiva chegará a uma conclusão feliz.
> Constatará que nelas não ocorreu nenhuma diferença quanto à sua natureza. As modificações não foram substanciais mas apenas acidentais. E em muitas delas terá desaparecido apenas o que as obscurecia, para fazê-las ressurgir claras e valiosas.
> Nos seus 'vôos' conscienciais, admite-se que o projetor detecte algumas diferenças daquilo que persiste no contexto tradicional. Mas não passarão detalhes, apenas. Os princípios permanecerão inalteráveis, porque universais e eternos.
> E não transformemos - só por isso - num novo Giordano Bruno o nosso pesquisador Waldo Vieira.

A tentativa de amenizar a situação não foi suficiente. Em julho, outro artigo crítico à palestra é escrito, agora pelo gaúcho Fernando Worm, em sua coluna "A vida continua", na Folha Espírita (1983a, p. 6). O texto intitulado "Perdão, doutor Waldo" questiona:

> "Perdoe-me, dr. Waldo, por ter recebido em tempo hábil o convite de nossa irmã Lúcia Kfouri, para vossa conferência em abril em São Paulo e não ter, infelizmente, conseguido viajar. Esta a razão desta carta aberta, escrita apenas com o coração. Inicialmente peço licença para dizer que suponho ter ocorrido engano na imprensa espírita que, noticiando o conteúdo de vossa ilustrada conferência, atribuem-lhe as seguintes afirmações: 'Com exceção de O Livro dos Espíritos, que é intocável, tudo o mais é imperfeito na Obra da Codificação. Kardec disse muitas besteiras'. Mas adiante o irmão teria dito: 'O Esperanto é uma besteira. É melhor optarmos pelo inglês, que é língua universal'. 'A literatura

mediúnica é infantil e mística'. 'O corpo fluídico é outra besteira, embora o próprio Cristo, mesmo porque devemos evitar a Cristolatria, ainda possua perispírito, pois reencaranou há apenas 2.000 anos'. Depois disso, fui à estante de livros e comecei a reler Evolução em Dois Mundos, psicografado pelo amigo em parceria com Chico Xavier. Não consegui entender a contradição. Seus livros psicografados o foram por espíritos superiores no bem, dando respeitabilidade e fama ao vosso ilustre nome. O senhor compreende porque não pude aceitar o eventual engano da imprensa espírita?
Perdoe-me dr. Waldo, o não ter tido a satisfação de conhecê-lo. Este vosso insignificante admirador de tantos anos, se tivesse comparecido a tão ilustre reunião, teria feito apenas duas perguntas: - 'Onde ficam o amor, a caridadade, a fé e o perdão na vossa respeitável Projetologia?' 'Haveria possibilidade de, apenas para edificação nossa, dos que jornadeamos na planície espiritual da Terra, concretizar-se um abraço amigo, fraterno, afetuoso, entre o senhor e Chico Xavier, que o admira e lhe quer muito bem, conforme ele me disse tempos atrás? [Worm havia publicado, em 1979, o livro Janela Para a Vida, estruturado a partiri de diálogos seus com Chico Xavier].
Perdoe-me, doutor Waldo, por não dispor dos dotes intelectuais com que Deus ampara vossa ilustre inteligência. Como o senor sabe, em nosso País há mais de 40 milhões de analfabetos e eu sou pouco mais que um deles. Mas, se entendi vossa Projetologia ela seria a solução atual na perspectiva de uma evolução mais rápida e eficaz para todos nós. Creia-me, acho sinceramente que o senhor elaborou tal método com boa intenção, total honestidade e imenso esforço intelectual em favor de seus semelhantes.
Perdoe-me, doutor Waldo, por tê-lo incluído em minhas orações diárias a Deus nosso Pai

> Misericordioso, único autor das leis de causa e efeito, sempre solícito em enviar-nos mais luz guiando nossos passos nos acidentados caminhos do jornadear terrestre. Se puder, ore por mm, também, seu antigo e persistente admirador.

Por fim, Ulysses de Souza Carvalho, espírita de Ribeirão Preto que logo fundaria o *Jornal Verdade e Luz,* escreve uma carta para o Jornal Espírita de agosto (1983c, p. 2):

> “Os comentários de nossos confrades que assistiram ao lançamento da ‘Projelogia’ (para outros, ‘Projeciologia’); as reportagens do Correio Fraterno do ABC e do Espiritismo e Unificação são unânimes em afirmar que não há nada no fenômeno apresentado que já não esteja na literatura espírita. Enfom, nenhuma novidade. Não precisamos de nada daquilo para cumprir nossa etapa de progresso espiritual. Pelo contrário, Emmanuel diz: Ninguém pode ultrapassar de improviso os recursos da própria mente, muito além do círculo de trabalho em que estagia.’
>
> Aliás, qualquer retorno à época da fenomenologia, sempre atrai nossos irmãos ainda na fase mística de sua escala evolutiva, qualquer que seja a natureza do fenômeno.
>
> Nós temos que lembrar sempre que a característica atual da porção da humanidade encarnada, é a diversidade enorme de graus de evolução dos indivíduos, formando uma massas heterogênea ao extremo com conhecimentos e reações de todos os tipos. É natural, pois, que na complexidade de tantos aspectos doutrinários, com milenar tradição de misticismo que envolve as religiões, uma ideia dessa natureza cause impacto numa parcela de pessoas afins com esses aspectos. Se alguém lançar amanhã experiências com mesas girantes, também encontrará adeptos para acompanhá-los na

'novidade'.

Portanto, sobre esse aspecto, a iniciativa não deixa transparecer nenhuma contribuição.

Temos sentido que vários confrades insistem na tecla de que devemos analisar todos os fatos novos que contribuam para o progresso da Doutrina, como aliás Kardec recomendou. Sem dúvida, esse é o posicionamento correto. Só que a origem desses fatos também deve ser motivo de análise.

E de onde vem essa novidade? De um cidadão que vai a uma tribuna para dizer que 'Kardec disse muitas besteiras'.

Pedimos a meditação de todos. Com que tipo de entidade está sintonizado esse nosso irmão? Pronunciamentos vulgares como esse, decididamente não se identificam com origens elevadas,de onde podemos esperar acréscimos válidos para a Doutrina Consoladora e quanto a isso parece que não pode haver dúvidas.

Qual seria então o objetivo?

A Doutrina Espírita em sua pureza é sem dúvida o maior obstáculo às forças das trevas interessadas em atrasar o progresso espiritual da humanidade. Qualquer desunião no meio espírita é do mais alto interesse dessas forças. A Obra de Kardec é o fator fundamental de coesão da Doutrina, e de sua propagação em toda a sua pureza. E o ataque grosseiro a Kardec é claro, embora tão pobre e grosseiro.

É muito triste saber que uma 'argumentação' tão rasteira encontre eco. E cada palavra de estímulo a trabalhos dessa origem é mais uma vitória das trevas.

Já tivemos vários exemplos de como essas forças atuam em várias frentes, ou em vários segmentos da humanidade. Só para citarmos os casos mais conhecidos, lembremos da sutileza de Roustaing, conhecedor da Doutrina, que acabou sendo usado para a divulgação da 'Teoria do Corpo Fluídico do

Cristo', encontrando assim um aspecto gerador de polêmica - e principalmente divisão na Doutrina, surgindo as 'correntes' deste e daquele lado.
Depois, tivemos, já em nível nacional, as Escola das tendências místicas - e como tal - com enorme influência em todos os setores espíritas. Passe ritualístico, classificação dos companheiros, etc.
A forma sutil nesses dois casos, de chegar à pureza doutrinária, para min'á-la, pode ser nitidamente percebida na descrição notável que Jaques Regis fez no artigo 'A Unidade Doutrinária é Urgente' que nos permitimos trazer aos leitores como um alerta permanente a esses tipos de 'novidades': 'Essas interpretações de caráter místico, ora conflitam, ora margeiam o centro das ideias genuinamente espíritas. A característica de Quase Doutrina, esse desvio não frontal, mas insinuado, mesclado de nuanças estilísticas e verbais é o problema. Aparentemente não contradizem os princípios básicos. Mas desviam o fluxo natural e evolutivo da doutrina...'
Vemos que, dessas sutilezas, para ataques grosseiros tipo 'tem muitas besteiras' sente-se uma diferença muito grande. Mas não imaginemos que as forças do mal estejam decaindo nos 'padrões de ataque'.
Infelizmente não é isso. Estão visando as várias camadas da população.
A Doutrina nos mostra o caminho simples da Reforma Íntima em busca do progresso espiritual, sem rituais, sem dogmas, sem misticismos arcaicos, e tudo o mais que seja criação humana, inclusive 'Projelogias' ou 'Projeciologias' que trazem no seu bojo o germe da discórdia. Este é o objetivo."

Na sequência, a resposta da Redação:

"Sr. Missivista, o eminente pesquisador dr. Waldo Vieira fora convidado a expressar-se com franqueza

e em linguagem informal para um público espírita, em regime de exclusividade. Suas expressões simples, tão mal recebidas, divulgaram-se por descuido inicial de um dos órgãos da imprensa espírita."

Carta Aberta aos Espíritas

Os textos de Monteiro, Worm e outros demonstram que a palestra de Vieira repercutiu mal entre muitos espíritas, embora também fica claro que Vieira tinha apoio de outros setores, inclusive a redação do Jornal Espírita.

Naquele mesmo mês, Vieira publica a Carta Aberta aos Espíritas na Folha Espírita (1983b, p. 6), talvez o principal periódico do Espiritismo brasileiro. No mês seguinte, a carta é publicada no Jornal Espírita (1983d). Discorre, Vieira, o longo texto, que cobre praticamente a folha central do jornal:

> "**Agradecimento.** Venho publicamente agradecer aos Senhores Fernando Worm, Eduardo Carvalho Monteiro, e outros **patrulheiros ideológicos** do movimento espírita, que desejam colocar-me, talvez com a mais pura das intenções, numa posição até honrosa, porém, que sinceramente, não mereço, seja como vítima ou verdugo, credor ou devedor, hereje ou apóstata, ímpio ou infiel etc. Mesmo neste ano em que procuram reabilitar, tardiamente, a memória de Galileu, sempre pensara que a época dos herejes, inquisições, cruzadas, caças às bruxas, fogueiras purificadoras, autos de fé, criadores do index, excomunhões, ambientes medievais, havia passado. Parece, no entanto, que não. Isso sem falar no que está acontecendo no Irã, na Irlanda do Norte etc.
>
> **Posições.** Vou esclarecer certas posições a que tenho direito de assumir, igual a qualquer outro cidadão, ou espírita, indivíduo não dogmático, cuja aceitação jamais forcei a quem quer que seja,

embora ajam como pontos nevrálgicos atiçando pruridos ortodoxos. Mantenho a intenção de estudar livremente todo assunto esclarecedor, sem preconceitos, sem peias e sem magister dixit. Não aceito dogmas. Não ofereço ideias novas, somente chamo a atenção para certos ângulos esquecidos ou marginalizados. Jamais me apresentei como profeta, missionário ou guru perante alguém. Nao sou extremista, nem radical, nem cismático, nem iconoclasta, nem desencorajador, nem fundador de seita.

Pesquisas. Minha encarnação atual, até hoje, jamais demonstrou que eu fosse aficionado de polêmicas estéreis. Sempre fui das abordagens desapaixonadas, das pesquisas e das defesas de teses. E continuarei assim com o maior destemor e disposição para dizer o que sinto e penso até a próxima desencarnação, e mesmo depois desta. E aprecio as análises críticas.

Consenso. Busco francamente o somatório de ideias renovadoras, na mesa redonda, sem plateia condicionada, sem público dirigido, sem ouvintes ou leitores de cabresto. Procuro o consenso através de debates construtivos e enriquecedores que trazem luz e apontam passos à frente, a fim de elevar os princípios do Espiritismo. Isso com a intenção de honrar, desassombradamente, a minha calva e os meus cabelos brancos, estudando a Doutrina, e as doutrinas espiritualistas,com a mente aberta,desde os 6 anos de idade.

Maturidade. Depois de 45 invernos e verões humanos como leitor, encarnado, **semiconsciente,** preocupado com a vida espiritual, anseio pela maturidade consciencial, extrafísica, deixando: as infantilidades de **falar com o coração;** os romantismos excessivos, os emocionalismos animais; as ações e os jogos de palavras para fazer média com os outros; os convencionalismos sociais que se decompõem com o corpo humano de cara

encarnado, e que não encontro nos ambientes extrafísicos melhores; os favores da opinião pública, pois vivo engajado à **minoria da minoria** com muita consciência disso;o sonambulismo próprio da maioria; os preconceitos arraigados que impedem o contato com pessoas, autores e assuntos; o puritanismo moralizante; o **modo de falar fino** ou **escrever açucarado;** o medo de criticar construtivamente; a tendência de ocultar certos fatos de difícil abordagem; a fabricação e a eternização de mitos; o missionarismo celibatária semiprofissional; a vergonha de assumir a maturidade; a repetição cansativa, mecânica e estagnadora etc.

Encantoamento. Sustento minhas afirmações na primeira pessoa do singular, francamente, olhos nos olhos, com lealdade e a melhor intenção. E assim passo a explicar o que **tanto me perguntam** e que sempre opinei entre quatro paredes. Desta vez, porém, encantoado, não tenho outra alternativa senão recorrer aos recursos da imprensa e expor os temas, até aqui conservados em sigilo, de maneira pública, pedindo que estas laudas, com trinta tópicos, entitulados, sejam publicadas na **íntegra, de uma vez,** a fim de evitar novas distorções ou interpretações errôneas.

Momento. Parece que aos Bons Espíritos chegou o momento oportuno de levar ao grande público essas ideias atuais para serem estudadas e debatidas, no sentido de se evitar que o movimento espírita se transfigure em mais uma religião apenas, igual a muitas outras, com amplos poderes temporais de multinacional dirigida por decretos ditatoriais. Se for o caso, que o digam os oráculos do consenso, estarei sendo pequenina peça dentro do amplo esquema invisível montado em Planos Maiores.

Tarefas. A tarefa da consolação é indispensável ao movimento espírita, mas a tarefa do esclarecimento, embora sendo menos simpática e menos

gratificante, também o é. Doutrina Espírita é livre pensamento. Movimento espírita não quer dizer Espiritismo. Cada consciência tem o direito de ter ideias próprias sem que isso venha injuriar os princípios fundamentais do Espiritismo, que não admite dogmas. Uso plenamente esse direito com a máxima coragem moral de que sou capaz, bem consciente do que faço. Minhas proposições não dependem da opinião pública. Sempre busco estar em paz com minha consciência.

Evolução. A Doutrina Espírita ensina que os Espíritos não retrocedem na evolução. Quem conhece, de fato, o Espiritismo, jamais deixará de ser seu defensor. Isso, no entanto, não inibe o Espírito de evoluir em seus pontos de vista, libertar-se da ortodoxia segregacionista, das visões acanhadas, das prisões telúricas, da miopia extrafísica, de novos dogmas do poder temporal. E nem significa que o indivíduo deixou de ser espírita. Pessoalmente, sinto-me mais espírita do que nunca, mas espírita raciocinador, questionador, além dos misticismos de todo gênero, e além da humildade-subserviência, da humildade-omissão, da humildade-covardia, da humildade-hipocrisia etc.

Laboratório. Cada médium desperto mantém fidelidade aos Bons Espíritos a seu modo, conforme suas forças e com as melhores expressões do seu entendimento. Sou profundamente grato a Chico Xavier, do qual sempre fui e sou seu permanente admirador, e também aos companheiros e ao ambiente de Uberaba, que me serviu de **laboratório anímico-mediúnico** para chegar às projeções conscientes atuais. E defendo minha ficha individual de serviço, igual a todos.

Livros. Jamais me passou pela cabeça renegar os livros que recebi ou o que escrevi. Muito pelo contrário, estou sempre a distribuí-los como, quando e aonde posso. Por outro lado, não sou tão obtuso ao ponto de não reconhecer minhas próprias

insuficiências. Vivo fazendo autocríticas, sempre (‘O Livro dos Espíritos’, Questão 919). Vejo hoje, por exemplo, que o livro **Conduta Espírita** foi elaborado ainda para a infância espírita ou espiritual. Muitos temas e ângulos não foram abordados ou exigem abordagens muito mais amplas, profundas e incisivas. Qualquer leitor lúcido, com algum tempo de estudos espíritas, sabe disso. Basta ler e questionar. Há incoerência, contradição ou imaturidade neste posicionamento?

Condicionamento. Julgo muito difícil à cabeça de cabelos brancos **que pensa,** viver no lirismo da primeira infância perante o mundo espiritual. A Doutrina Espírita não pode ser apenas subproduto residual de uma mentalidade evangelista até de outras encarnações. Nem constitui doutrina salvacionista exclusivamente, que pontifica em tom sacramental, criando centros e ambientes tão-somente poéticos. Sempre evito condicionamentos negativos sem me ausentar da realidade física-extrafísica. Tenho saído conscientemente do corpo humano, e com o auxílio dos amparadores, enfrento os psicopatas extrafísicos, nos trabalhos de assistência espiritual, em confrontações desobsessivas diretas, cara-a-cara, há três lustros.

Arejamento. Urge arejarmos nossos ambientes, sem pieguismos, para pensar, expor e somar ideias livremente, sem as paixões idolátricas, sem a existência de pessoas infalíveis, defesas de imagens milagreiras de pessoas e objetos, e coisas intocáveis. Que as pessoas sintam-se livres, à vontade, sem constrangimentos, inibições, repressões ou o receio de desgostar ao expressar opiniões, e ao se posicionar perante isso ou aquilo. Tudo pode e deve ser questionado naturalmente sem que o Universo perca o rumo. O esclarecimento vale o esforço. A Doutrina Espírita é recurso desobsessivo e não escola de auto-obsessão; é alegria de campus universitário e não tristeza de campo de

concentração.

Fé. Com a religião, em geral, a criatura humana alcança a fé. Com o Espiritismo, através da mediunidade estudada, a criatura atinge a fé raciocinada. Com a projeção consciente, a mesma criatura obtém o conhecimento direto, além da fé, além da fé raciocinada e além da crença seja qual for. A pessoa, então, fica sabendo diretamente das realidades espirituais por si mesma, e chancela, na prática, para si própria, as verdades do Espiritismo. Tal fato, **nem Allan Kardec teve tempo de prever.** Esta opinião é tão-somente minha, pessoal. Acho difícil que outras pessoas aceitem tal opinião sem terem experimentado a projeção consciente fora do corpo humano. Daí porque procuro fazer, sem fanatismos, somatórios de ideias diretos sobre o assunto, em locais diversos, há cerca de um lustro. Qualquer encarnado pode-se projetar fisiologicamente de consciência plena. Existem multidões de projetores conscientes muito mais eficientes do que eu, até distantes do movimento espírita. Disponho de amplo acervo de testemunhos sobre o assunto.

Universalismo. A Doutrina dos Espíritos para mim é a plataforma dos conhecimentos básicos da vida e do universo, universalista, cósmica, sem fronteiras, nem acanhamentos humanos egoísticos. Corpo de doutrina vasto, grandioso, bem além de todo limite geográfico, racial, rotular, que possamos impingir-lhe. Por isso, o Espiritismo não pode ser rotulado como ortodoxo, **kardecista,** trincadista, cristão, laico, umbandista, racionalista, **roustainguista,** orientalista, budista, maçônico, feminista, esperantista, nacionalista, brasileiro, francês, anglo-saxão etc. Por pensar assim, estou distante do Espiritismo?

Progresso. Igualmente, sendo evolucionário e progressista, o Espiritismo, Estatutos do Universo, sobreexistirá além deste século, do próximo milênio,

das instituições efêmeras e dos impérios econômicos, da falibilidade de nós, homens, e das deficiências terrenas. Na verdade, nenhuma opinião individual ou escola tendenciosa conseguirá paralisar a marcha ou fossilizar a estrutura do Espiritismo, a Doutrina dos Espíritos, realidade universal que extrapola os microcosmos de uma consciência, um planeta ou um sistema solar para se espraiar pelo infinito das existências universais do macrocosmo, ainda indevassáveis ao nosso atual entendimento.

Purificação. O Espiritismo afirma a existência de muitos Cristos, além de Jesus de Nazaré, personalidade humana mais conhecida,nestes últimos vinte séculos, no Ocidente Terrestre, quando indica na escala da evolução consciencial, as entidades evoluídas, os espíritos puros (‘O Livro dos Espíritos’ Questão 113), que não mais reencarnam como entendemos, e vivem além das formas, da matéria e do uso do psicossoma, as quais, à semelhança da Causa Primária, não podem ser estereotipadas como antropomórficas, humanas ou humanoides.

Jesus. Sou a favor de Jesus Cristo, considerado o modelo. Sou, no entanto, contra a cristolatria. Repito: tenho uma visão universalista do Espiritismo. No Oriente até hoje existem ou se aceitam outros Cristos, que não Jesus de Nazaré. Penso que existem também planetas mais evoluídos do que esta nossa Terra. Sou ainda abertamente contra a gurulatria, a mediunolatria e a espiritolatria. Feliz aquele que já se cansou de ser criança espiritual. O apaixonado, por mais bem intencionado e com a maior boa vontade, não raciocina com lógica. A emoção animal sufoca o discernimento da consciência. As pessoas em geral gostam de viver apenas pautadas pelo perispírito, o corpo-réplica do corpo humano, ou o corpo dos desejos. Venho procurando estender a ação da consciência pelo corpo mental. E não tem sido fácil.

Roustainguismo. Não acho, pessoalmente, que

Jesus, o exemplo, tivesse na Terra corpo fluídico apenas, conforme o ensino do **roustainguismo.** Além de usar o direito de pensar assim, tenho minhas razões práticas, pessoais, nascidas de dezessete anos do desdobramento consciente, como pesquisador independente. Contate Espíritos em corpo mental e julgo que muitas entidades não mais envergam o perispírito e nem reencarnam na Terra como entendemos. Jesus esteve aqui reencarnado há **apenas** vinte séculos e tudo indica que reencarnará ainda outras vezes para despojar-se do psicossoma. Com isso, não tenho a mínima intenção de depreciar a personalidade de Jesus. Não, absolutamente. Tento discernir com lógica e ponderar com bom senso, além das parábolas ensinadas por ele.

Centros. Como disso: o Espiritismo é uma coisa, o movimento espírita é outra. Reconheço e reafirmo sempre, de público, que minha abordagem do Espiritismoé mais ampla do que a comum. As opiniões que expresso são exclusivamente minhas. Não insisto com ninguém sobre isso. Defendo o direito inalienável dos outros terem suas ideias. Sou mesmo contrário ao proselitismo sistemático. Os Centros Espíritas são sempre melhores e produtivos quando, **além de atenderem aos carentes,** uma tarefa da consolação, promovem também o estudo e o questionamento acerca das realidades extrafísicas, uma tarefa do esclarecimento, mais difícil, referente às bases filosófica e científica do Espiritismo.

Projeciologia. A Projeciologia, com bibliografia superior a mil e trezentas obras internacionais, é uma disciplina ou subcampo da Parapsicologia, sendo esta uma ciência com bases oficiais desde 1969. A Projeciologia não é uma religião, não compete com o Espiritismo e nem o ameaça. Sobre isso podem ficar tranquilos os **patrulheiros ideológicos** do movimento espírita. A projeção consciente é um estado de consciência. E foi até estudada por Allan Kardec (“O Livro dos Espíritos”,

Questão 401, etc). Não é panaceia. No entanto, elimina os intermediários nas pesquisas do mundo espiritual. O interessado vai e vê, analisando por si mesmo, **de viso, in loco,** como **testemunha ocular,** diretamente, sem precisar de símbolos, parábolas, interpretações abstrusas, ou da dependência de muletas psicofisiológicas, entidades, pessoas, médiuns, intérpretes, etc. Além disso, a projeção consciente ajuda o desenvolvimento de todo gênero de mediunidade, e o exercício de todo gênero de mediunidade ajuda a consciência a se projetar para fora do corpo humano. Por isso, receito a projeção consciente para todos, inclusive aos críticos apressados, pois assim podem constatar minhas afirmações por si mesmos.

Esperanto. Julgo o Esperanto, teoricamente, o idioma ideal, um sonho lindo, a utopia linguística, no entanto, sejamos realistas, na prática apresenta-se ainda irrealizável nesta e em nossas próximas encarnações. E havendo hoje, tanta carência de ideias espirituais, evidentemente que o idioma Inglês é mais atuante, dinâmico, melhor e funcional no momento presente, em especial para os jovens, sem falar no seu recurso positivo como fator econômico de sobrevivência humana. A literatura emancipadora da consciência é imensa em Inglês, ainda mínima em Esperanto, e sob certo aspecto, relativamente reduzida até mesmo em Português. Qualquer um verifica isso ao levantar bibliografia sobre assunto parapsíquico.

Prioridade. O que não quero para mim, não desejo aos outros. Não pretendo ensinar primeiro o Esperanto ao meu filho. Quero ensinar antes de tudo o Português e o Inglês. Não será mais produtivo deixar a tarefa de divulgação do Esperanto principalmente àqueles que têm boa vontade e convicção para isso, e que nem se preocupam com o mundo espiritual? A melhor tarefa e a atitude mais lógica para nós não será o intercâmbio com as

consciências e os ambientes extrafísicos? Isso é questão vital, prioritária, pois hoje somos percentual mínimo em meio a quatro bilhões e quinhentos milhões de seres humanos por aqui. Agindo assim estarei lavrando sentença de morte do Esperanto? Não, de modo algum. Estou sendo objetivo, realista, prático, em favor desta e das próximas gerações, visando a nós mesmos, espíritas, que buscamos ter os pés físicos firmes sobre a Crosta Terrestre e a consciência no Plano Mental. Ao invés de publicar livros **apenas** em Esperanto, vamos publicá-los mais em Inglês, funcionarão melhor.

Kardec. Acho que na Terra não há obras definitivamente perfeitas. Segundo Allan Kardec, isso aqui caminha para a regeneração. Há imperfeições em mim, nos meus livros com os Espíritos, nos outros, nos médiuns, nas obras em geral. Obviamente, ainda não foi escrito qualquer livro totalmente perfeito. Nem a Bíblia, nem O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec, a pedra angular do movimento terrestre do Espiritismo, são perfeitos. As bases dos Espíritos Codificadores em O Livro dos Espíritos foram claras e perfeitas para o seu tempo. Mas o livro em si, com idade além de um século, naturalmente tem imperfeições que não afetam a essência da Doutrina Espírita em si. Isso sem falar nos demais livros **kardequianos.** Ninguém desconhece que há obras de ciência que caducam depois de alguns meses do lançamento. Por acaso, estou dizendo algum absurdo?

Análise. Aos interessados, basta ver na obra básica, como exemplos, o símbolo do ramo de parreira, os 'santos' de muitas páginas, as expressões inadequadas que parecem dar a Deus uma condição antropomórfica, as Questões de números 42, 48, 55, 93, 188, 295, 613, 674 etc. Será sempre contraditório afirmar purismo com Allan Kardec sem reconhecer tais inconveniências claras. Isso não atinge a essência da doutrina do Espiritismo e nem

as realidades extrafísicas. Contudo, não se deve ir até o fanatismo de esconder tais observações lógicas, nem devemos temer o ato de analisá-las, friamente, racionalmente, de frente.

Ciência. Partindo da análise racional de que a Ciência é universalista, acho que o Espiritismo também é universalista. A mediunidade idem. A Parapsicologia idem. A Projeciologia idem. A Ciência não pode se subordinar a rótulos. Não existe, nem pode existir, portanto, a chamada 'Ciência Espírita'. A Metapsíquica de ontem foi, tal como a Parapsicologia de hoje é, a Ciência que forma uma das três bases do Espiritismo, oficialmente entre os homens. É necessário haver entendimento. A projeção consciente ensina a pessoa a anular definitivamente o espírito de competição religiosa e de competição científico-religiosa. Por que combater outras religiões? Por que combater a Ciência? Por que combater a Parapsicologia? Por que combater o fenômeno? Vamos unir forças e atuar em conjunto para a ampliação do conhecimento das realidaeds extrafísicas. Assim não será mais inteligente e produtivo?

Estudos. A Doutrina do Espiritismo só enriquecerá com estudos a descoberto e análises ostensivas. Desfazer equívocos somente traz benefícios para todos. A Doutrina dos Espíritos tem força por si mesma, é a realidade espiritual, universal. Nossas questiúnculas não chegarão a afetá-la. Estudemos sem fanatismos, preconceitos, dogmas, ortodoxias e sonegações de informações, questionando sem passionalismos, aceitando as renovações positivas, as às vezes amargas. As pessoas acomodadas clamam sempre contra a ampliação do entendimento das realidades espirituais, muitas delas visando até interesses materiais. Não me dirijo aqui aos **corações ávidos de emoções,** apelo para o bom senso, a razão, o discernimento, a lógica fria, o equilíbrio e a lucidez das consciências.

Hipótese. Venho fornecendo uma hipótese de trabalho neste sentido, a qual me referi em reuniões diversas no Rio, S. Paulo, Ribeirão Preto etc. O que importa e mais interessa é O Livro dos Espíritos que, evidentemente, continuará sendo publicado tal e qual, sem modificações, à semelhança da Bíblia. Uma equipe de estudiosos do Espiritismo comporia uma antologia de ensaios, **Bases do Espiritismo,** atualizando de modo consensual o texto de O Livro dos Espíritos, escoimando-o dos arcaismos óbvios (Prolegômenos, Questões N. 163, 416 etc); dos termos absoletos (Questões 171, 226, 888 etc), das expressões inadequadas (Questões 59, 126, 411, 802, 923, 945, 951, 969, etc.); das comparações errôneas (Questões 135A, 367, 1.009, etc); das repetições desnecessárias (Questões 153, 699 etc); das divergências de linguagens (Questões 101, 737, 781A etc); das influências religiosas dos meados do Século XIX (Questões 469, 872, 917, 950, 1.009 etc); dos assuntos superados (Questões 481, 529, 772, 882A, 955 etc); das contradições aparentes (Questões 8, 36, 553 etc); dos absurdos científicos ante a Ciência atual (Questões 42, 48, 55, 188 etc); e outros. Faltam muitos assuntos novos e seria conveniente o índice alfabético dos assuntos no fim do volume. Não será isso de imensa utilidade para todos? Julgo que hoje ou no futuro isso virá a ser feito.

Citações. O Espiritismo há de evoluir com a Ciência. Só **bater no peito** sem raciocinar não conduz a qualquer realização construtiva. Não tenhamos receio de questionar tudo e todos. Vamos seguir Allan Kardec em dois trechos pinçados em O Livro dos Espíritos: ‘O ensinamento dos Espíritos deve ser claro e sem equívocos a fim de que ninguém possa pretextar ignorância e cada um possa julgá-lo e apreciá-lo com sua própria razão’ (Questão 627); ‘É chegado o tempo de substituir a linguagem figurada, falar sem alegorias, dando às coisas um sentido claro

> e preciso que não possa ser objeto de nenhuma falsa interpretação' (Questão 1.010A).

No mês seguinte, tanto a Folha Espírita (1983c) quanto o Jornal Espírita parece sentiram a necessidade de se justificarem a seus leitores. Conforme o editorial da primeira:

> "Inúmeros confrades nos indagaram das razões que nos levaram a publicar o pronunciamento polêmico do Dr. Waldo Vieira em nossa edição de agosto, já que a Folha Espírita afirma responsabilizar-se pelos artigos nela veiculados.
>
> Cabe-nos, assim, uma explicação e ela não é difícil.
>
> Por que publicamos o artigo do Dr. Waldo Vieira? Por uma razão muito simples: ele usou seu direito de resposta, porque o nosso colaborador Fernando Worm escreveu um artigo, sob o título 'Perdão Dr. Waldo'. Assim nomeado, ele tem o direito assegurado pela lei de imprensa de responder pelas páginas do nosso jornal ao articulista. Foi só isso. Se ele fosse à justiça, ganharia, e nós teríamos de publicar seus esclarecimentos da mesma maneira. Apenas a direção deste jornal deixou de colocar uma explicação, informando que o Dr. Waldo estava se utilizando de um direito que lhe é garantido pelas leis de nosso país.
>
> Qual o pensamento da Folha Espírita a respeito do artigo do Dr. Waldo? Ao lado de algumas observações válidas, deparamo-nos com suas referências aos próximos renascimentos de Jesus e com a sua afirmação de que ele ainda possui perispírito. Sem cristolatria, estamos com a pergunta e resposta 625 de O Livro dos Espíritos: '625 - Qual o tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem, para lhe servir de guia e modelo? Jesus'." (p. 2)

O Jornal Espírita (1983e, p. 4), por sua vez, publica

carta de um leitor, Luiz Silva, curiosamente intitulada de Carta Aberta aos Leitores:

> "O Jornal Espírita de junho passado (n. 96) apresenta um problema importante, embora frequentemente secundarizado pelo movimento espírita.
> Trata-se da polêmica reportagem sobre Waldo Vieira, página 5, e do editorial, página 3, de justificativa e defesa.
> Pela prática honesta, corajosa e Cristã em documentar e incentivar atitudes não convencionais, abertas, não ortodoxas, só posso elogiar aos editores, a Helena Carvalho e a Lúcia Kfouri, lembrando que o movimento espírita precisa disso com urgência.
> Waldo Vieira dispensa apresentações ou maiores considerações, entretanto cabe ser assinalado seus últimos trabalhos sobre projeção da consciência, que possibilitaram uma nova visão e percepção das coisas. Talvez, por isso tenha afirmado que 'a obra de Kardec não seria perfeita, já que não pode existir nada perfeito nestas plagas'. Literalmente foi do susto à reflexão, surgindo, isto é óbvio, manifestações de descontentamento.
> Felizmente essas afirmações, de imenso valor para o movimento espírita, foram apresentadas e defendidas por alguém que apresenta o respaldo necessário, no caso, Waldo Vieira. Caso contrário, qualquer outra pessoa seria desconsiderada, como afirmou a jornalista Helena Carvalho. A mim só cabe acrescentar - desconsiderado e devidamente afastado, isolado ou aniquilado do movimento, com muito amor e prece, é claro.(...)
> Cada um de nós deve se preocupar em defender a Doutrina, que tanto estuda e debate. Esta defesa, sempre extremada, nos levou a um tipo de prática não condizente com a própria Doutrina. O estudo foi transformado em postulados pessoais, pseudointelectualizados, invertendo-se os papeis.

> Dizemos o que Kardec não disse. Em vez de praticarmos o Cristianismo Redivivo, estamos praticando a Inquisição: discordo, para a fogueira. Ou seja, não podemos discordar. Qualquer discordância é imediatamente rechaçada e isolada. [Os escritos de Kardec] foram feitos há pouco mais de um século e, consequentemente, precisam ser revistos. Não se trata de reescrever a Doutrina, se trata de complementá-la. Como, por exemplo, voz direta [Edgar Almond] ou projeciologia." (...)
> Que as afirmações de Waldo Vieira sirvam para que cada um abandone o sectarismo, a ortodoxia, o reacionarismo e os preconceitos, nos transformando, pela complementação dos postulados de Kardec, em verdadeiros praticantes da Doutrina, que acima de tudo é evolutiva e não dogmática. A Igreja Católica, pelo seu ardoroso senso de defesa do Cristianismo, proibindo qualquer pensamento discordante, só teve um caminho: a estagnação histórica, moral e espiritual. É este o destino que queremos, inconscientemente, dar ao Movimento Espírita?"

Atualmente, Vieira fala de sua carta aberta como tendo sido um golpe fatal dado por ele contra o "patrulhamento ideológico" sobre seu trabalho. Entretanto, como é necessário em toda análise objetiva, precisamos buscar ao máximo entender o que ocorreu *de fato,* para não ficarmos reféns do que os atores *dizem* ou *acreditam* que aconteceu.

Os registros nos mostram que houve uma palestra, organizada por jornalista espírita de relevo, com público formado por lideranças espíritas, para conhecerem as investigações de Waldo Vieira sobre a experiência fora do corpo. Muitos também estavam interessados em rever ou conhecer pessoalmente esta antiga liderança espírita.

Mas o resultado mais visível da palestra foi ter provocado indignação nos presentes, pelo teor agressivo

e vazio de certas afirmações. Vieira e a redação do Jornal Espírita não negam a acusação. Do contrário, ao se defenderem das críticas, eles procuram reafirmar a posição, apenas de maneira um pouco mais suave e civilizada.

O ponto central da tensão é colocação de que os textos de Kardec estariam "cheios de besteira". Ao se justificarem, Vieira e o JE davam a impressão de rebater, enquanto desviavam para temas tangenciais ao assunto.

Primeiramente, o jornal tenta colocar a questão como algo que não deveria ter sido divulgado na imprensa, pois a palestra seria para um público interno. Tal argumento não foi levado a sério, já que fora o próprio Jornal Espírita quem primeiro divulgou e comentou sobre a palestra.

O jornal procura, também, apresentar o descontentamento com Vieira como uma falta de maturidade ou de equilíbrio, um "afã" em defender o espiritismo de maneira inadequada. Ele parece esperar que o público "leve para casa" as críticas para reflexão, disposto a "escutar tudo", mas quando este se mostra discordante, considera os contra-argumentos como "ataques".

A longa defesa vieiriana não deve ter repercutido muito bem para o Jornal Espírita, por ter utilizado espaço tão longo sem abordar o ponto central da discórdia. Por isso a redação ainda procurou se justificar na edição do mês seguinte. Tentou ressignificar o problema, dando a impressão de que os oponentes estavam avessos a debater Kardec, cuja obra "não era perfeita". Mas mesmo que Vieira reformulasse seu ponto, trocando "cheio de besteiras" para "não é perfeito", continua sendo um argumento vazio e desnecessário, já que o espírito crítico e científico que ele advoga exige análise com profundidade, em vez de colocações superficiais.

Também deve ter soado como petulância da parte do jornal usar trechos de Herculano Pires para defender tais posições, já que sua filha, Heloísa, estava presente e

pareceu contestar Vieira com veemência. Certamente - pensou ela - se seu pai estivesse presente, também acharia absurda a posição vieiriana. Herculano, considerado por seu biógrafo, Jorge Rizzini, o maior intelectual espírita brasileiro do Século XX, traduziu e comentou *O Livro dos Médiuns, O Livro dos Espíritos* e *O Evangelho Segundo o Espiritismo.* Não perderia tempo com estes livros se os considerasse "cheios de besteira".

O Jornal Espírita deu demonstrações de estar bastante alinhado com Vieira. Como o episódio teve desdobramentos nos meses seguintes, o jornal voltou a defender o palestrante, sendo a principal delas, a carta do leitor “Luiz Silva” (aparentemente desconhecido no Movimento Espírita).

Basicamente é replicada a mesma linha argumentativa de antes, sobre os postulados kardequianos não serem perfeitos e precisarem de revisão, não apontando, contudo, quais são estes pontos ou quem, exatamente, estaria se opondo a esta revisão. Em acréscimo, o leitor compara as críticas a Vieira como uma “fogueira de Inquisição” e uma tentativa de impedi-lo de discordar. É o tipo de linha argumentativa que evidencia a fraqueza do argumentador, que olha apenas o seu direito de falar qualquer coisa, mas compara o direito de resposta dos outros como uma tentativa de censura ou, o que é pior, uma condenação à morte.

O Jornal Espírita tinha, ao menos, motivos comerciais para defender Vieira. O periódico pertencia à LAKE - Livraria Allan Kardec Editora - a mesma que publicara recentemente as duas edições do Projeções da Consciência (1981 e 1982). A organizadora da palestra, Lúcia Kfouri, é uma das editoras do jornal, e a palestra parecia estar articulada dentro de uma sequência que incluiria, a partir de junho, o lançamento da coluna *Boletim de Projeciologia,* mensal, escrita pelo próprio Vieira. Talvez estivessem até pensando em imprimir mais uma tiragem do *Projeções.* Além do mais, Vieira e a equipe do Centro da Consciência Contínua já estavam em

fase avançada nos trabalhos do tratado *Projeciologia.*

O Boletim de Projeciologia de fato começou naquele mês, em meio à crise gerada pela palestra, e durou até o início dos anos 90. Mas foi o único espaço na imprensa espírita onde Vieira continuou escrevendo, após a Carta Aberta. Não foi uma "pá de cal" em supostos patrulheiros ideológicos, mas o "início do fim" do diálogo entre Vieira e o movimento espírita.

Naqueles anos de abertura política, o movimento espírita estaria mais entusiasmado que nunca, igual ao restante da sociedade, em explorar as novas liberdades de manifestação. "Dizer o que pensa", "meter pau no conservadorismo", "se libertar de dogmas religiosos", todas essas representações estariam fortes na mente dos espíritas, que procuravam dar uma identidade ao seu movimento, inserido entre dois campos normalmente conflituosos: ciência e religião.

Da parte de Vieira, pode-se perceber que o mesmo se sentiu bastante atingido. Por isso, em sua carta predominam parágrafos que reafirmam sua imagem ao público: - "sou isso", "não sou aquilo" etc. As frases prolixas, justapondo sinônimos por meio de vírgulas, também demonstram tentativa um pouco obsessiva de armar-se por todos os lados, ou justificar-se de todas as formas. Apesar da prolixidade, responde rapidamente sobre o centro da discórdia - Kardec - usando o *non sequitur* "não é perfeito", e um parágrafo final onde propõe atualizações terminológicas de obras clássicas do autor francês.

Waldo colocou-se no papel de vítima de uma perseguição, por ter recebido críticas, numa clara inversão de papéis e valores entre "agressor" e "agredido". Foi ele quem iniciou a contenda, com críticas que seus interlocutores consideraram como vazias.

Enquanto O Semeador noticiou as ressalvas da plateia, Monteiro foi mais duro, acusando-o de arrogância, Worm pediu esclarecimentos e Ulysses Carvalho reclamou que o mesmo não deveria ser bem-

vindo no movimento espírita. São reações possíveis depois que se inicia uma polêmica daquele nível.

Sobre isso, sou da posição que todos estão no direito de livre expressão do pensamento. Vieira tem todo o direito de chamar Kardec e o Espiritismo do que bem entender, e os interlocutores têm todo o direito de chamar Vieira do que bem entenderem. Afinal de contas, é através da livre expressão das ideias que os sujeitos se revelam.

E foi assim que nosso biografado revelou sua dificuldade em lidar com críticas. Ele inicia a carta afirmando sofrer “patrulhamento ideológico” de Wurm, Monteiro “e outros”. Os dois primeiros mal o conheciam pessoalmente e jamais haviam publicado qualquer texto sobre Vieira. Sobre esse “outros,” nunca vimos nenhum registro, parecendo se tratar de forças menos importantes ou mesmo uma simples retórica para fazer o público imaginar que havia uma verdadeira força-tarefa organizada para silenciar nosso escritor.

Fica evidente o dramalhão em rotular de patrulheiros ideológicos dois colunistas por escreverem alguns parágrafos de crítica. E o dramalhão é reconfirmado no mesmo parágrafo, onde Vieira se compara a Galileu, à época da Inquisição Católica.

Galileu não recebeu uma crítica por escrito em algum boletim da Igreja. Ele foi realmente exilado da vida pública, em prisão perpétua domiciliar, e teve seu livro banido de circulação. Giordano Bruno teve pior destino: a fogueira. E a Inquisição era um sistema condenatório baseado em delações, sem qualquer direito a defesa, numa época em que os escritores precisavam de autorização para publicar qualquer coisa.

Waldo Vieira, por sua vez, não precisava de autorização para escrever no meio espírita. Do contrário, foi um dos escritores espíritas mais vendidos do seu tempo, trabalhando junto ao principal personagem do espiritismo brasileiro. Ao retornar à vida pública, encontrou as portas abertas no movimento espírita,

sendo entrevistado e noticiado em diversos órgãos daquela imprensa e convidado a dar palestras. Recebeu espaço de publicação no Jornal Espírita, por 8 anos. Foi noticiado inclusive em órgãos da imprensa comum e espiritualista. Viu seu grupo informal - o CCC - crescer e se transformar num instituto com filiais em várias cidades. Mas quer que acreditemos que o movimento espírita fazia inquisição e patrulhamento ideológico sobre seu trabalho.

Comparar a relação entre Vieira e o Espiritismo com a relação entre Galileu ou Giordano Bruno e a Igreja Católica é descabido e revela uma predisposição totalitária do biografado. Por totalitário me refiro ao sentido psicológico de quem se relaciona com o ambiente numa dinâmica de *tudo ou nada.* A crítica significa a morte, consequentemente, viver equivale a receber aceitação absoluta. Aceitação absoluta significa que os ouvintes precisarão acatar qualquer insulto - do contrário, não seria absoluta.

Projeciologia

Após a conclusão do *Projeções da consciência,* Vieira finalmente pode colocar na ordem do dia seu ambicioso projeto de escrever um tratado sobre a viagem astral. Refiro-me ao *Projeciologia: panorama das experiências da consciência fora do corpo humano,* publicado em 1986, com quase mil páginas.

O livro organiza a posição de Vieira a respeito da viagem astral e do mundo espiritual. Já tendo interagido com parapsicólogos, Vieira procurou adotar uma terminologia mais científica, como reação normal de quem quer dar uma credibilidade a seu trabalho.

A cosmovisão adotada por Vieira não é nova. Ela coaduna com o que ele herdou do espiritismo, que também não difere muito do espiritualismo ocidental em geral. A existência da alma seria algo objetivo, confirmado através da experiência direta (há todo um

debate a respeito disso, e que espiritualistas não costumam aceitar bem, mas foge do escopo desta biografia). Não se trata de uma visão de mundo arbitrária, mas baseada em muitos depoimentos de quem teve experiências dessa natureza e, inclusive, experimentos de círculos científicos, combatidos e reduzidos, mas que vêm acumulando dados importantes sobre a questão.

Resumidamente, somos seres imortais e habitamos corpos físicos, em sucessivas e incontáveis reencarnações. Temos um corpo mais perene que se mantém e se transforma, gradativamente, ao longo de múltiplas vidas. Ele normalmente tem uma forma estável, humanoide. O esoterismo o denominou de corpo astral. No espiritismo, é chamado de perispírito. Em sua primeira psicografia, Waldo Vieira chamou de psicossoma.

O corpo físico se liga ao psicossoma por meio de um corpo energético chamado, no espiritismo, de duplo etérico. Um quarto corpo, hipotético, não tem forma, mas é suposto numa tentativa de dar objetividade à experiência subjetiva que é a consciência. É o corpo mental.

Da formação acadêmica, Vieira absorveu o gosto pela ciência clássica, procurando explicar a experiência fora do corpo em termos de uma mecânica e uma fisiologia. Neste sentido, o *Projeciologia* se assemelha a certos compêndios médicos. Discorre sobre como funciona a viagem astral e apresenta um panorama sobre o fenômeno, sua “fisiologia” e “patologia”.

O Projeciologia é um marco sem igual no trabalho vieiriano até então. O livro surge como obra-prima num campo em que, paradoxalmente, o autor recém começava a ser conhecido. Foi o ponto alto da pesquisa vieiriana no campo da parapsicologia, também no sentido de ser sucedido por um declínio dos investimentos do autor e seu grupo no tema. Isso ficará claro em capítulos futuros.

Não é raro em Vieira procurar inflar suas realizações. No caso do Projeciologia, ele alega ter sido fruto de 19 anos de pesquisa. Entretanto, se o biografado estivesse efetivamente se dedicando por horas a fio nesta nova ciência projeciológica entre 1967 e 1978, é natural que produzisse, no mínimo, textos menores, nem que fossem correspondências, cartas aos editores, resenhas, informes ou levantamentos bibliográficos, em alguns dos poucos periódicos científicos existentes sobre parapsicologia. São as principais ferramentas de comunicação entre pesquisadores da área e não devemos esquecer que, até a década de 1990, Vieira sempre informava em suas minibiografias ser membro de associações internacionais de pesquisa psíquica, como a SPR e a ASPR. Vieira sempre fez um esforço para se comunicar com estudiosos do assunto. Por que não o faria agora?

Na verdade, a adesão a tais associações é aberta a qualquer pessoa e se faz por meio de pagamento de uma taxa. É o meio que associações encontram para se manter. Em contrapartida, o sócio recebe periódicos e ganha descontos em eventos. Mas isso não tem nenhuma relação com a “autoridade científica” do seu associado, sendo apenas um indício de que o mesmo quer contribuir para o avanço daquela área e receber seus impressos.

Essa tentativa de construir uma imagem de autoridade no assunto se assemelha muito à de seu antigo mestre, Mário Palmério, e de fato encanta o público menos experiente. No Projeciologia, Vieira (1986) escreve um capítulo intitulado “Esclarecimentos”, antes da bibliografia, que curiosamente é um dos mais extensos do livro, onde procura justificar sua lista bibliográfica de 1.907 títulos. Nele, exalta sua capacidade de leitor voraz e pesquisador incansável (p. 699):

> “**Panorama.** Em benefício dos bibliófilos, dos leitores onívoros ou dos atletas de leitura voraz, que desejarem metabolizar copiosa soma de obras

referentes às projeções conscientes, estão arroladas de maneira global nesta bibliografia internacional - geral e sistemática, retrospectiva e corrente, exaustiva e descritiva - somente livros, jornais, revistas, separatas, enciclopédias, dicionários, antologias, tratados, manuais, ensaios, teses universitárias, biografias, autobiografias, romances, monografias, análises críticas, comunicações, relatórios, trabalhos acadêmicos, artigos técnicos de periódicos e outros tipos de publicações, que abordam o assunto das experiências da consciência fora do corpo humano, no todo ou em parte do seu conteúdo.

Consultas. Informo que, através do tempo, consultei, examinando as minúcias, em meu acervo particular, em bibliotecas públicas e particulares, e em livrarias de livros novos e usados, de todas as especialidades, cerca de 46.000 (quarenta e seis mil) obras, editadas em diferentes idiomas, versando sobre os mais diversos assuntos básicos, a fim de selecionar as publicações listadas nesta bibliografia.

Nível. Os trabalhos encontrados são de qualidade variável ou de nível desigual, desde aqueles mais sérios, mais eruditos, mais profundos, dotados de todos os elementos catalográficos, ditados pela mais avançada biblioteconomia, elaborados por autoridades contemporâneas, cientistas e pesquisadores altamente confiáveis e competentes; passando pelos escritos de eminentes precursores que, embora esgotados e de difícil reprodução, poderão ao menos suscitar no estudioso o interesse por eventuais investigações sobre alguns autores menos conhecidos, ou acerca de minudências dos temas por eles abordados; até os livros despudoradamente populistas e comerciais, que chegam às mais fantásticas elocubrações, fabricados para atender a leitores carentes e buscadores rejeitados. Muitas dessas obras propagam alguma doutrina especial de pensamento, algumas

> defendendo evidentes paixões humanas ou inescondíveis irracionalidades.”

Mas um livro tem o valor por aquilo que está escrito nele. O tempo que tomou ou quantos textos o autor precisou ler para produzi-lo são irrelevantes para a avaliação do conteúdo. Quando Vieira sente a necessidade de prover tais esclarecimentos, acaba ajudando-nos a esclarecer a respeito não das qualidades do Projeciologia, mas de um certo amadorismo científico do próprio autor. Que o admirador de Vieira me perdoe pela crítica dura a respeito de um trabalho que, sem dúvida, demandou esforço e dedicação notáveis.

Vieira apresentou justificativa tão prolixa pois possivelmente já teria escutado objeções a sua bibliografia. E como reza a sabedoria popular, a melhor maneira de ocultar algo é deixá-lo escancarado. Foi através de uma bibliografia gigantesca que o Projeciologia ocultou - dos leitores e talvez do próprio Vieira - a vulnerabilidade do embasamento bibliográfico daquela obra.

Cerca da *metade* dos itens bibliográficos - 932, na minha contagem - não é referenciada ao longo do tratado. Está ali para “fazer número”. E do conjunto, não é possível identificar quais referências são boas fontes. Não há diferenciação entre a literatura científica, textos de divulgação popular, literatura mística, relatos pessoais e fontes secundárias. Como o próprio Vieira confessa, são trabalhos de “qualidade variável”.

O que Vieira fez foi uma estimativa dos textos espiritualistas e afins lidos desde que começou a se interessar pela EFC. Por exemplo, se consultasse 3 obras por dia, ao longo de 42 anos, chegaria a 45.990 títulos. Iniciando aos 11 anos de idade, Vieira terminaria essa empreitada aos 53, exatamente quando termina de escrever o Projeciologia.

Embora seja apresentado como uma “compilação”, como se fosse uma espécie de visão mais

consensual entre pesquisadores, o livro é de fato a apresentação da visão do próprio Vieira sobre o assunto. Que o autor tenha se inspirado, aprendido e até mudado de opiniões ao longo de seus estudos, é natural que sim. Mas seria engano acreditar que seu Projeciologia apresente o “estado da arte” dos estudos a respeito da viagem astral.

Vieira certamente teve diante de si inúmeras obras de valor inestimável para a pesquisa de assuntos parapsicológicos. A título de curiosidade, sua biblioteca pessoal tinha inclusive livros raros que eventualmente eram consultados por instituições, conforme me contou informalmente uma funcionária da *Parapsychological Association.* Mas a falta de boa metodologia fez com que o autor simplesmente recortasse o que lhe interessava, e a boa intenção de ser exaustivo o fez misturar referências valiosas com muitas outras sem valor científico. Tudo batido no liquidificador junto com opiniões pessoais, sem permitir que se saiba, no tratado, de onde vem cada afirmação.

Duas entrevistas de Vieira na década de 80 (REVISTA..., 1982; PLANETA, 1984) nos permitem ter noção do andamento da pesquisa. Ao final de 1982, Vieira calculava que o Projeciologia teria 400 capítulos e sua bibliografia *ultrapassava 200 itens.* Dois anos depois, os manuscritos totalizavam 475 capítulos, mas a bibliografia já chegava a *1.500 itens.* A versão final, no ano seguinte, foi ligeiramente reduzida para 472 capítulos, mas a bibliografia crescera ainda mais, chegando a *1.907 itens.*

Em resumo, a maioria esmagadora das referências bibliográficas foram acrescentadas na reta final da pesquisa. Sua compilação foi possível graças à formação do Centro da Consciência Contínua, que organizou uma “linha de montagem” semelhante à que Vieira empregaria futuramente, na Holoteca.

As “bibliografias exaustivas” vieirianas são parte de uma certa obsessão do biografado por colecionar

coisas, inclusive bibliografias. Cada referência, por sua vez, também é uma coleção de detalhes, que pode incluir a contagem de ilustrações, número de páginas, formato e dimensões do volumem dados sobre elementos extratextuais etc.

Essa obsessão não deixa de ser sintoma de um problema que incomoda 9 em cada 10 espiritualistas: afirmar que suas experiências são "reais". Quanto mais dizem que não querem convencer ninguém, mais tentam se agarrar a discursos científicos num intuito de conferir autoridade a suas ideias. Quanto mais se dizem não-dogmáticos, mais firmes estão em suas convicções, apelando até para fórmulas do tipo "cada um tem a sua verdade, esta é a *minha* verdade".

Compilar uma bibliografia gigantesca é uma forma de Vieira dizer: "Isso não é simplesmente coisa da minha cabeça! Estão vendo? Muita gente fala sobre o assunto." Pois Vieira naturalmente escutava críticas de que seu livro estava mais para um conjunto organizado de opiniões próprias do que, de fato, um panorama representativo das pesquisas sobre a viagem astral.

Em 1984, Erna Belian, sogra de Vieira, falece. A ex-presidenta da Antarctica haveria de deixar considerável herança para o casal. A herança pode ter sido fundamental para algumas decisões relativas a edição. O livro trazia, por exemplo, dezenas de páginas ilustradas pelo desenhista Laerte Agnelli - coloridas, o que encarece a impressão. Foi feita uma tiragem não pequena, de 5.000 exemplares e centenas de volumes foram enviados pelos correios para pesquisadores da área e bibliotecas.

A título de curiosidade, em 2013, em conversa informal, no intervalo de uma aula que assisti com o parapsicólogo Tarcísio Pallú, o mesmo puxou assunto: - *"Então você participou do grupo de Waldo Vieira? Ele me enviou aquele tratado Projeciologia, há muito tempo, pelo correio. Li umas partes. Interessante. Foi a esposa dele que financiou, né?"*

Pallú não conheceu Vieira pessoalmente mas, na década de 80, eram poucos os parapsicólogos brasileiros. Todos conheciam o nicho e se conversavam. Havia uma motivação com os horizontes da parapsicologia no Brasil. O mais novo tratado vieiriano era o assunto do momento, comentado nas rodas de conversa.

Seria impossível pretender que Vieira não fora beneficiário de uma bela herança. Publicar calhamaços em capa dura com ilustrações era, e ainda é, empreendimento de instituições com recursos consideráveis, como grandes universidades e fundações. Menos ainda se espera que sejam confeccionadas para distribuição gratuita, inclusive enviadas pelo correio. A iniciativa de Waldo Vieira era custosa e haveria de chamar atenção.

Recepção científica

Um dos parapsicólogos que recebeu o Projeciologia foi o porto-riquenho naturalizado nos EUA, Carlos S. Alvarado. Importante pesquisador acadêmico da experiência fora do corpo na atualidade, Alvarado estava no início da carreira e publicou uma resenha crítica a respeito do livro no *Journal of the Society for Psychical Research.* Vieira responde e Alvarado envia a réplica. O debate foi publicado na edição de número 809, Vol. 54, de janeiro de 1987, em inglês, e será transcrito a seguir, com minha tradução livre:

> “O imponente livro com mais de 900 páginas é um tratado no campo da ‘projeciologia’, uma ‘subdisciplina da parapsicologia, lidando com as projeções energéticas da consciência (duplo etérico) e com as projeções da consciência em si... fora do corpo humano’ (p. 13) ou seja, a ação da consciência operando fora do restringimento físico do cérebro e do corpo físico’. Embora a maior parte do livro é dedicada às EFCs [experiências fora do corpo],

outros fenômenos supostamente explicados pelas projeções de energia ou consciência a partir do corpo também são discutidos brevemente.

O autor, Waldo Vieira, é um médico brasileiro que tem EFCs desde os nove anos de idade. Ele faz parte do Centro da Consciência Contínua no Rio de Janeiro, que distribui o livro gratuitamente aos colaboradores do centro e aos ‘pesquisadores de projeciologia, em geral’ (p. vi). O propósito do livro é apresentar uma revisão geral da projeciologia (com ampla bibliografia) e, entre outras coisas, instruir aqueles que desejam induzir a EFC em si mesmos a respeito do assunto, bem como apresentar informação que estimule a pesquisa teórica e empírica sobre o tema.

A abordagem escolhida por Vieira, como percebida pelo termo projeciologia, é a de projeções literais de energias ou corpos sutis. Conforme ele escreve: ‘A grande variedade de evidência torna muito difícil explicar todos os casos de fenômenos, ao menos que se aceite o fato da exteriorização para fora do corpo humano da consciência encarnada, através de outros veículos de manifestação’ (p. 134).

A quantidade de informação apresentada pelo livro é volumosa, portanto apenas um breve panorama será comentado.

Vieira classifica projeções como de tipo humano, não-humano e vegetal (pp. 33-40). Uma classificação adicional (pp. 50-103) inclui (1) fenômenos projetivos subjetivos (ou mentais) (p. ex., autoscopia interna e externa, consciência cósmica, visão panorâmica projetiva); (2) fenômenos projetivos ambivalentes, ou externos, ou efeitos físicos (p. ex., aparições fora do corpo, bilocação física, ectoplasmia projetiva, poltergeist projetivo), e (3) fenômenos projetivos concomitantes (ou periféricos), classificados como primários (p. ex., consciência dupla, precognição, retrocognição) e secundários (p. ex., vibrações, trauma extrafísico, repercussões). Muitos dos termos usados por Vieira podem não ser familiares à maioria

dos leitores, uma vez que foram criados pelo autor. Suas ideias sobre a projeção também podem parecer diferentes dos modelos conceituais correntes na parapsicologia da língua inglesa (em contraposição ao ocultismo, onde tais ideias são frequentes), mas há alguns paralelos (talvez não totalmente idênticos) em publicações de autores modernos de outros idiomas, e na antiga literatura da pesquisa psíquica europeia.

Uma breve seção sobre a história da projeciologia divide o campo em períodos antigo, esotérico, exotérico e laboratorial (pp. 20-23). Embora eu questione a maneira como os estágios são definidos e incluiria muitos outros avanços importantes não mencionados pelo autor (p. ex., as ideias discutidas pela literatura mesmérica e no livro Phantasms of the Living), deveria ser dito que, embora o período moderno tenha iniciado (de maneira genérica) com os estudos laboratoriais de [Charles] Tart, o campo se modificou nos últimos anos de maneira que os estudos de EFCs espontâneas são a regra, e os estudos laboratoriais, a exceção. Isso não foi mencionado pelo autor em sua discussão.

O restante do livro discute uma grande variedade de aspectos da projeciologia. Alguns tópicos relacionados à EFC são estados alterados de consciência (p. ex., sono, sonambulismo) e outros campos de investigação (p. ex., antropologia, medicina). Na discussão do tema sobre corpos sutis, Vieira defende a existência de três corpos, para além do físico: (1) o corpo etérico; (2) o psicossoma; e (3) o corpo mental. Adicionalmente, o autor defende a existência de um cordão de prata (conectando o psicossoma ao corpo físico), e um cordão de ouro (conectando o corpo mental e o psicossoma).

Outros tópicos discutidos são: (1) precondições para a ocorrência ou indução de EFCs (p. ex., condições meteorológicas, temperatura ambiental); (2) técnicas de projeção (p. ex., respiração rítmica, auto-

hipnose); (3) sensações antes e durante a exteriorização (p. ex., tontura física, sons intracranianos); (4) experiências e fenômenos durante as EFCs (p. ex., iluminação do ambiente extrafísico, visão extrafísica); (5) retorno ao corpo (p. ex., repercussões, despertar); (6) aspectos a considerar após a EFC (p. ex., rememoração da experiência, posição do corpo físico); (7) relações com outros tópicos e fenômenos (p. ex., psicopatologia, sobrevivência à morte); (8) pesquisa científica sobre o assunto (laboratorial e estudos populacionais); e (9) conceitos teóricos (p. ex., ideias psicológicas e projetivas).

A quantidade de informação investigada neste livro é impressionante. As discussões sobre as funções dos corpos sutis resumem a maior parte do que foi publicado na literatura ocultista e nos trabalhos de Robert Crookall, por exemplo. Ao fazer isso, Vieira prestou um serviço valioso. Adicionalmente, a bibliografia do livro é provavelmente a melhor no assunto, do ponto de vista experimental e espiritualista (embora não seja tão útil a respeito de pesquisas científicas), com 1907 obras em diferentes idiomas. Além do valor da bibliografia, consta um índice no qual estão classificados 43 aspectos técnicos complementares relacionados à fenomenologia projeciológica (p. 704). Exemplos de tópicos indexados são: biografias, críticas, percepções extrassensoriais, espiritualismo, fantasmas e teosofia. O autor merece menção por usar algumas publicações antigas e praticamente esquecidas de Aksakof, Bozzano, Durville, Flammarion, Rochas e muitos outros (e.g., Bret, Cornillier, D'Assier, Joire).

No aspecto negativo sobre as referências bibliográficas, deve-se mencionar que muitas citações bibliográficas se referem a comentários breves e incidentais sobre o tópico em questão (a maior parte, fontes secundárias), e não a discussões

profundas, o que pode explicar a enorme bibliografia. Um exemplo é o uso de fontes secundárias (acima de 20) a respeito dos experimentos de Tart (pp. 655-656), quando a referência original ao seu experimento teria sido suficiente para propósitos de documentação. Além disso, referências também são usadas para defender um ponto de vista do autor sem deixar claro, para o leitor, que o autor do artigo em questão está desenvolvendo um argumento diferente ou oposto ao de Vieira. Exemplos são: (1) diversas referências à literatura médica de autoscopia como se elas confirmassem as suposições da projeciologia (p. 29); e (2) o uso de um artigo do presente revisor (p. 556) para documentar o conceito de EFC natural sem qualquer menção (nem mesmo não seção seguinte, sobre as diferenças entre projeções naturais e forçadas, pp. 556-557) de que o argumento é contrário à importância e validade de tal classificação.

Há diversos outros problemas com este livro, alguns dos quais parecendo refletir a preferência do autor por modelos projetivos. Isto pode ser observado pela omissão de discussões sobre a pesquisa de orientação psicológica, como o trabalho experimental de Irwin e Palmer, e o trabalho de pesquisa recente explorando uma variedade de correlatos da experiência (p. ex., os trabalhos de Blackmore, Irwin e Myers).

Considerações mais gerais e não menos importantes dizem respeito à apresentação e natureza das fontes usadas por Vieira para documentar sua exposição. Através do livro, o autor apresenta o que parecem ser afirmações definitivas ou confiantes sobre tópicos controvertidos. Um exemplo é a afirmação de que o ectoplasma consiste em três aspectos, a desmaterialização do médium, a materialização de formas temporárias e a rematerialização do médium (p. 82). Outro exemplo são afirmações sobre a função dos cordões de prata e de ouro (pp. 153-163,

180-183).

No início do livro, Vieira explica que suas fontes de informação são: (1) suas próprias EFCs; (2) discussões, ideias e experiências apresentadas ou enviadas ao Centro da Consciência Contínua (incluindo relatos escritos, respostas a questionários e entrevistas com projetores astrais); (3) 'contatos extrafísicos diretos' com entidades desencarnadas; (4) contato com pesquisadores e instituições locais ou estrangeiros; e (5) publicações técnicas sobre o assunto.

Apesar de muitas referências serem apresentadas ao final de cada subseção para documentar o conteúdo, não fica claro de onde a informação foi retirada para o item ou argumento específico. Do meu conhecimento sobre algumas das referências citadas, fica claro que nem todas incluem informações discutidas no texto. Neste sentido, o autor poderia ter usado um sistema de referência mais exata, a exemplo das notas de rodapé usadas por Crookall num livro que seguia as mesmas linhas conceituais deste.

Esta maneira de apresentar as referências não deixa clara a presença ou ausência de contradições entre as ideias das pessoas mencionadas (p. ex., a respeito dos tipos de corpos sutis e da fenomenologia das experiências) ou se elas representam consenso. Tampouco é mencionado se elas são representativas a respeito da argumentação desenvolvida. Por fim, Vieira tende a enfatizar as referências que suportam o modelo projetivo, e não aquelas com abordagens psicológicas. Entretanto, mesmo que este não fosse o caso, penso que o problema de apresentar uma amostra representativa ou uma consideração das contradições no material não recebe a devida atenção que merece. Vieira reconhece alguns destes problemas (p. 662) mas julgo que eles não foram resolvidos pelo livro.

Além disso, o que dizer sobre a qualidade e limitação

das fontes de informação usada neste livro? Em geral, o autor parece tomar pelo valor de face a maioria da informação encontrada na literatura, e que não deve ser considerada para fins de validade ou confiabilidade quanto aos métodos de pesquisa e conclusões apresentadas. Eventualmente, algumas subseções trazem apenas duas ou três referências para fundamentar um aspecto da fenomenologia projetiva ou outro tópico que se considera ter aplicação geral (p. ex., pp. 130, 161, 191, 197, 213), enquanto uma das publicações do autor a respeito das suas próprias EFCs é a única fonte de mais de 25 seções (p. ex., pp. 84, 181, 230, 436, 506). Não apenas estas fontes não são representativas sobre a abrangência da experiência como deve-se questionar se não são altamente tendenciosas (em direção a crenças ou práticas específicas), propensas a produzir informação que confirme os pontos de vista preferidos do autor.
Em suma, e considerando estes problemas, não penso que os modelos projetivos ou as conclusões da projeciologia em geral estão bem fundamentadas como Vieira parece supor, embora ele não seja dogmático sobre sua defesa e constamente enfatize a importâcia de mas pesquisa. Como ele escreve ao final do livro: ‘Há muito para ser feito no campo da Projeciologia’, há muitos caminhos não resolvidos e não explorados que mereceriam atenção ‘através de métodos e abordagens transdisciplinares aos fatos científicos’ (p. 694).”

Resposta de Vieira:

“Gostaria de agradecer Carlos Alvarado por sua resenha crítica a meu livro Projeciologia (...). Sua crítica é bem-vinda e tentarei incorporar suas sugestões em futuras revisões do texto. Entretanto, gostaria de colocar as seguintes observações pertinentes:

Discordo de Alvarado quando afirma que ‘Um exemplo é o uso de fontes secundárias (acima de 20) a respeito dos experimentos de Tart (pp. 655-656), quando a referência original ao seu experimento teria sido suficiente para propósitos de documentação’. Não vejo inconveniente em oferecer ao leitor todas as fontes relevantes: técnicas, panorâmicas ou totais. Quanto mais informação, melhor o entendimento, quod abundat non nocet. Há um aspecto essencial do livro ao qual eu gostaria de chamar atenção. Sob o título ‘Hipótese’ (p. 2), escrevi: ‘Neste livro aceito como válida a hipótese do corpo objetivo e, através da visão panorâmica da projeciologia, procurarei demonstrar que é a hipótese mais adequada para explicar uma ampla série de fenômenos de consciência que são atualmente considerados paranormais.’ Sob o tópico ‘Teoria’, escrevi (p. 675): ‘A proposição protocolar do corpo objetivo - sobre a qual justifico a base deste livro - pode claramente ser considerada, hoje em dia, como uma teoria científica importante, difícil de ser excluída, porque responde aos requerimentos básicos da ciência.’

Com respeito às demais argumentações de Alvarado, este livro afirma à Introdição: ‘Neste texto, de maneira muito pessoal, fiz o possível para me livrar da elaboração subconsciente das minhas próprias ideias possivelmente preconcebidas, bem como de afirmações dogmáticas de minha parte em cada tópico. Gostaria de tranquilizar o leitor de que, se algo assim ocorreu, não foi minha intenção’ (p. 3).

Tanto quanto a parapsicologia deriva da psicologia, projeciologia deriva da parapsicologia. No presente, há uma tendência a preferir os aspectos psicológicos no domínio da parapsicologia. A aparição de novas e respeitáveis teorias psicológicas para explicar a EFC merece atenção geral. Um exemplo é a revisão de Susan Blackmore sobre Fligh of Mind, de Harvey Irwin. Por outro lado, a evidência que sugere uma

consciência objetiva fora do corpo também se acumula e é frequentemente ignorada. Dois exemplos à mão: no mesmo volume deste Journal, Erlendur Haraldsson contribui com 'O Caso Iyengar-Kirti' . Este é um novo caso, bem documentado e típico, sobre o que era conhecido como uma 'aparição crítica' mas que, sob o prisma projeciológico recebe o nome de 'projeção de adeus'. Em outras palavras, é a última projeção da consciência de um ser humano no instante da morte biológica. Haraldsson não menciona em seu artigo o termo EFC mas, neste caso, a consciência da pessoa (i.e., do agente, avô de Kirti), no momento da morte, produziu uma projeção de consciência sobre o percipiente (i.e., Iyengar). Um segunda exemplo no mesmo volume do Journal pode ser encontrado no próprio artigo de Alvarado, intitulado Observations of Luminous Phenomena Around the Human Body: A Review. Está bem documentado com 164 referências bibliográficas. Neste artigo, Alvarado discute vários casos de projeções energéticas da consciência forado corpo humano, demonstradas por médiuns, místicos e pessoas doentes, além do fenômeno da elongação. Estes são todos fenômenos básicos na área da projeciologia. Entretanto, Alvarado sequer se refere à EFC ou à projeciologia neste artigo. Inobstante, tais emanações luminosas ou de expansão não podem ser ignoradas como alguma forma de projeção energética da consciência para fora do corpo humano. Afinal de contas, não faria sentido se a parapsicologia analisasse tal fenômeno exclusivamente em termos psicológicos, às custas do aspecto parapsicológico. É necessário, portanto, relembrar os leitores que há outras hipóteses a serem consideradas na esfera dos fenômenos de consciência. Os fatos demandam diversificação de nossas abordagens.

Por último, gostaria de mencionar que, desde a conclusão de meus estudos bibliográficos do

> Projeciologia, em janeiro de 1985, pude me dedicar a investigações que tendem a incrementar a evidência que corrobora a teoria do corpo objetivo e as suposições projeciológicas. Em 1986, estive na Itália, França, Inglaterra e Estados Unidos e, como resultado, pude incrementar as fontes bibliográficas para mais de 3 mil títulos, em 19 idiomas, oriundos de 34 países. Tenho mais de 90 por cento destas publicações em minha biblioteca, no Rio de Janeiro, e pretendo conduzir mais estudos e referências cruzadas. Já escrevi 60 novas seções a serem incorporadas às 475 do presente título. Espero que, num intervalo de três anos, eu possa publicar uma edição revisada com bibliografia incrementada e centenas de comentários críticos sobre as publicações mais importantes. Qualquer crítica, sugestão, suplemento ou material relevante será recebido com gratidão.”

A carta de Vieira é seguida por uma nota do editorial:

> “Pedimos desculpas a Dr. Vieira por apenas conseguir publicar um versão abreviada de sua longuíssima carta e, além do mais, termos sido obrigados a editar livremente o texto para o Inglês. Leitores que desejarem conhecer o texto completo original de Vieira podem se corresponder diretamente com o autor. Obviamente, Carlos Alvarado recebeu a versão completa da carta. De costume, lembramos aos leitores que os editores se reservam ao direito de abreviar as cartas por motivo de espaço, a não ser que o autor insista em que a carta seja publicada por inteiro ou de maneira nenhuma.”

Réplica de Alvarado:

> “Agradeço pela resposta de Dr. Waldo Vieira a minha

resenha de seu livro Projeciologia, por ser uma oportunidade de reafirmar e talvez clarear algumas de minhas críticas ao livro e, mais particularmente, aos métodos do autor. Vieira discorda de minha visão de não ser necessário usar uma variedade de fontes secundárias para discutir o trabalho de Tart sobre EFC. Penso que, ao contrário do que afirma Vieira, as fontes secundárias não acrescentam nada ao trabalho original. A maior parte delas são curtas e de pouca utilidade para alguém que desejam formar uma ideia sobre os detalhes do estudo. Em geral, livros acadêmicos e artigos evitam referências deste tipo. Publicações mais populares as utilizam com frequência. Trago este assunto porque acredito que, sobretudo, Vieira se propõe a apresentar um trabalho acadêmico, não popular. Ao invés de incluir todo material secundário citado, Vieira poderia apresentar a referência original ao início da nota de rodapé, e mencionar as melhores e mais detalhadas fontes secundárias. Não é necessário, num trabalho acadêmico, citar tudo que discute o assunto. Ao adotar a estratégia de incluir tudo, Vieira opera no sentido contrário de sua proposta de uma bibliografia orientadora. O trabalho do leitor se torna mais difícil, não menos, por ser forçado a vasculhar um material amplo de diversas qualidades e profundidades. Na minha opinião, é extremamente importante diferenciar entre observações sistemáticas e superficiais, ou pesquisa entre fontes críticas e acríticas.

Talvez eu devesse mencionar algumas notas que Vieira traz em sua carta, já que elas aparecem na introdução do livro. Vieira está ciente que em algumas seções sobre a fenomenologia da EFC, suas experiências pessoais são as únicas citadas. Entretanto, isso não está inteiramente claro pela forma que o material é apresentado e discutido no texto. Minha objeção principal à apresentação do material e, especialmente de outros aspectos de

EFCs de diferentes fontes, é que Vieira não discute o quanto estes aspectos são comuns ou incomuns. Ao invés disso, ele fornece apenas a descrição. Penso que temos informação suficiente na forma de relatos autobiográficos, coletâneas de casos e pesquisas populacionais para discutir a raridade ou generalidade de aspectos das experiências. Na ausência de análise detalhada da frequência, podemos traçar muitas suposições incorretas sobre a EFC.

Em sua carta, Vieira defende a ‘teoria’ projetiva da EFC. Ele argumenta que esta oferece tudo que uma teoria deveria fornecer (p. ex., um plano de fundo conceitual, explicação e sugestões para pesquisa futura). Embora eu concorde que as ideias projetivas merecem ser estudadas, se forem testáveis, meu argumento é que a informação apresentada por Vieira em seu livro é questionável por uma variedade de motivos, como a qualidade dos dados (i.e., a fonte de informação na qual Vieira se apoia). Seu estudo também é enfraquecido pela falta de considerações a respeito da incidência e de generalização informadas. Igualmente, quando há problemas com os dados obtidos que suportam a teoria, a utilidade da teoria é em si mesma consideravelmente reduzida. Outro problema é que Vieira não apresenta formas específicas para testar suas ideias. Algumas areas e tópicos gerais para pesquisa posterior são mencionados (p. ex., p. 678) mas não são específicos o suficiente para serem considerados como uma hipótese de trabalho, não deixando claro como eles poderiam ser testados. No lado positivo, o livro de Vieira é uma tentativa bem-vinda de incrementar o estado da pesquisa, lembrando-nos de possibilidades de investigação importantes.

Vieira comenta que a projeção como explicação é ignorada na parapsicologia cotemporânea. Ele apresenta como exemplos, dois artigos

recentemente publicados sobre aparições e fenômenos luminosos. O problema, entretanto, não é que o conceito é ignorado mas que, entre outros fatores, os pesquisadores consideram que a projeção é uma explicação para a qual as evidências são fracas. No artigo sobre fenômenos luminosos, menciono brevemente as ideias dos corpos duplos ou sutis, propostas no passado para explicar os fenômenos. Considero os conceitos, entretantos, como especulações não fundamentadas. Preciso discordar de Vieira quando ele diz que eu estava lidando com casos de projeção da consciência fora do corpo. A evidência no assunto não justifica tal afirmação na condição de hipótese operacional.

Para encerrar, gostaria de afirmar que, apesar das discordâncias com os métodos de Vieira e seus conceitos, penso que seu trabalho seja importante. Concordo que a pesquisa da EFC deveria considerar uma variedade de fatores e explicações para além da psicológica.”

Biblioteca pessoal

Em 1988, Vieira manda trazer os quase 10 mil livros de sua biblioteca de Uberaba para a capital carioca. Em suas palestras, já o escutei falar disso como se para alimentar o ar de mistério em torno de si. Algo do tipo: que pessoa singular é essa que mantém encaixotada uma biblioteca particular durante 22 anos, até esperar o “momento certo” para reabri-la e retomar o trabalho.

Penso que a reflexão deveria ser conduzida por um caminho mais simples do que este. O destino da biblioteca waldovieiriana é mais um indício de que 1967 demarcou uma certa quebra na rotina de estudos do biografado. Se ele estivesse trabalhando integralmente na pesquisa parapsicológica a partir de 1966, no Rio de Janeiro, não teria dado um jeito de trazê-la antes? 10 mil livros não é pouca coisa para quem alega ter vasculhado

46 mil no esforço de escrever o Projeciologia. Penso que este dado sobre a transferência relativamente tardia de sua biblioteca é mais um ponto a favor das hipóteses que tenho defendido nesta biografia.

Quando se muda para o Rio de Janeiro, Vieira estava não apenas ocupado com a clínica estética como não teria recursos e nem espaço físico para armazenar tamanho acervo. Estamos falando de algo como 400 caixas. Só para guardá-las empilhados - o que não seria funcional - Vieira precisaria de um cômodo considerável. Seria um desperdício de espaço, além do custo da transportadora.

É possível que o biografado nem tivesse certeza de que permaneceria no Rio de Janeiro em definitivo. Sua mudança para lá foi por motivações profissionais, não estando determinada por atividades espiritualistas.

Mas por que não trouxe a biblioteca no início de década de 80? Mais de 14 anos já haviam transcorrido. Naturalmente que Vieira viajava para Uberaba com alguma frequência. Nessas ocasiões, poderia pegar os livros mais importantes. Além do mais, também compraria livros ao longo daqueles anos, inclusive muitos repetidos, já que era mais prático encontrar obras relevantes sobre o assunto no próprio Rio de Janeiro ou em catálogos do que pedir para alguém vasculhar as caixas e remetê-los pelos correios.

Até início dessa década, Vieira já teria em mãos os livros relevantes sobre a viagem astral - algumas dezenas que fosse capaz de ler em sua rotina profissional cheia, e não milhares. Foi desse conjunto que tirou os duzentos títulos que serviriam de embasamento para o Projeciologia.

Inicialmente, Vieira morava num apartamento pequeno de uma rua pacata da Penha. Só haveria espaço para manter uma pequena biblioteca de uso pessoal - poucas centenas de livros numa parede. Segundo o biografado, mudou-se com a noiva para um apartamento de cobertura, em Ipanema, quando se casou. Isso seria

meados da década de 70. Ainda assim, não mandou trazer sua biblioteca.

Ao final de 1982, a maior parte do conteúdo já tinha sido estruturada e o plano final era concluir o Projeciologia até 1984. Mas a formação do Centro da Consciência Contínua deu ânimo adicional ao biografado. Vieira envolveu a equipe num trabalho de fichamento de tudo que tivessem ao alcance. Além dos livros que Vieira acumulara nos últimos 15 anos. Nessa reta final do trabalho, o biografado já tinha uma boa renda e podia fazer novas aquisições. Muitas, já que agora havia uma equipe que também conseguiria "examinar as minúcias", notadamente fazer o fichamento bibliográfico.

O método de fichamento empregado por Vieira era uma espécie de linha de montagem, onde seus colaboradores procuravam, nas pilhas de livros, páginas que mencionassem algum dos quase 500 assuntos tratados no Projeciologia. Al~em disso, lhes cabia registrar também as páginas em que fosse mencionado o assunto *viagem astra.* Não é um levantamento bibliográfico propriamente dito, como os que procuram formar um panorama sobre o assunto, mas um exercício de catalogação, que não necessariamente fundamenta as ideias apresentadas.

Note que, mesmo com o dinheiro disponível para autofinanciar a edição e distribuição gratuita do Projeciologia, e mesmo com um grupo de trabalho empenhado em fazer uma compilação bibliográfica gigantesca, Vieira ainda não havia trazido para o Rio de Janeiro sua massiva biblioteca uberabense de 9.800 títulos.

Ocorre que transportar esse enorme acervo implicaria todo um novo empreendimento. Implicaria na preparação de um espaço, no apartamento de Vieira, que possivelmente já estava ocupado, entre escritório, quarto de criança, sala etc. Implicaria na retirada e vasculhada entre um número muito grande de obras. Implicaria em mais atrasos no cronograma da publicação. Tanto Vieira

quanto o público estariam ansiosos para ler esse novo tratado, e adiá-lo mais ainda apenas para incrementar a seção de bibliografia não valeria a pena.

Vale dizer que, desses 9.800 livros, a maioria não teria grande serventia para o assunto. Muitos desses livros são encontrados hoje nas sessões de religião, misticismo e autoajuda da Holoteca. Era um acervo que muito possivelmente se assemelharia ao de uma biblioteca de um centro espírita grande dos anos 50. Sem dúvida, com bastante valor cultural, embora, provavelmente sem muito valor científico para uma pesquisa de viagem astral feita em 1985.

Em meados da década de 80, o biografado já havia transformado seu apartamento num duplex, com a compra do andar debaixo. Neste residia sua sogra, que faleceu pouco tempo depois, deixando todo um espaço vago. Foi lá que Vieira começou a estruturar sua biblioteca e ampliar o espaço de reuniões do Centro da Consciência Contínua.

O Projeciologia já tinha sido publicado mas aquele acervo serviria para compor o que Vieira chama de "Segunda Bibliografia", que consta ao final dos *700 Experimentos da Conscienciologia* (1994). Finalmente havia espaço físico e organização de equipe que justificava trazer aquelas caixas de Uberaba. Vieira em fim retomou sua "cachaça" de colecionar compulsivamente livros e mais livros. Ele comenta, por exemplo, que chegou a comprar bibliotecas particulares inteiras.

V

Terceira idade

Instituto

Em 16 de janeiro de 1988, o Centro da Consciência Contínua foi extinto e oficializado como Instituto Internacional de Projeciologia (IIP). Sua primeira sede foi no bairro da Glória, mudando-se posteriormente para Ipanema, algumas quadras acima do edifício onde Vieira morava, na própria Visconde de Pirajá, 572, sexto andar. Agora o grupo tinha uma sala comercial alugada, onde podia se reunir e organizar palestras.

A título de esclarecimento, em 1995 o IIP foi rebatizado para Instituto Internacional de Projeciologia *e Conscienciologia* (IIPC). Portanto, o leitor encontrará nesta biografia as duas siglas, a depender de que período se trata.

A institucionalização altera um pouco a essência do grupo, o que não é exatamente "bom ou ruim", mas terá implicações que veremos no decorrer dos anos. Até então, o CCC era principalmente um grupo de estudos. O membro ia a reuniões, discutia artigos, colaborava na redação do Projeciologia etc. Tudo era um questão de ponderar se a qualidade do estudo compensava o tempo gasto.

O IIP, por sua vez, estava mais para uma espécie de empresa do que grupo de estudos. Agora havia uma estrutura física para manter e era preciso se concentrar na venda de cursos e livros que financiassem o empreendimento. Era necessário alocar voluntários para trabalhos administrativos e envolver o grupo em novas especialidades, relativas à venda, atendimento, organização de eventos etc.

O regime de trabalho quase exclusivamente baseado no voluntariado é um detalhe importante que não costuma receber a devida atenção. Exceção seria aberta para funções que exigissem um tempo maior de dedicação, conforme previstas em Lei, ou atividades

"terceirizadas", como diaristas de limpeza.

Por definição estatutária, os diretores não podiam ser remunerados mas o grupo logo percebeu que alguns cargos exigiam dedicação tão intensa que era inviável ao colaborador manter outra profissão em paralelo. Mesmo sem receberem *pró-labore*, diretores eventualmente recebiam algum tipo de ajuda de custos. Nada mais justo, embora isso nunca deixou de gerar algum tipo de celeuma, afinal, os voluntários acabavam se perguntando: por que alguns recebem ajuda mas não todos?

O "voluntariado obrigatório" que encontramos em Vieira pode ser conectado diretamente às origens espíritas. É assim que os centros espíritas são administrados. A possibilidade de remuneração é quase tratada como um pecado, uma demonstração de ganância. Mas também é visto em boa parte das instituições espiritualistas e possivelmente tem suas raízes numa tendência humana mais básica, que é a de querer que os outros trabalhem de graça.

O regime de voluntariado que operou no IIP e em instituições ligadas a Vieira, desde então, resulta em 3 tendências que passam a caracterizar seu grupo a partir de então. São elas: (1) a alta rotatividade, sendo que a minoria dos voluntários permanecem ativos no grupo por mais de 2 ou 3 anos; (2) a reduzida "profissionalização" dos voluntários enquanto pesquisadores de um campo de estudo; (3) uma "fuga de cérebros" por falta de estrutura de apoio à continuidade da pesquisa.

Tais características se fundem a uma tendência centralizadora de Vieira, que impede a produção de ideias divergentes e diferentes, fazendo com que não haja espaço para produções que possam abrir espaço a divergências com relação às verdades apresentadas pelo mestre. Sei que tal afirmação apresentada assim pode parecer peremptória. Fundamentá-la tomaria espaço excessivo e por isso deixarei para futura publicação, indicando, por ora, outros artigos de minha autoria

(AMARAL, 2013; 2015; 2016).

Conforme falado, estamos no “ponto alto” da ciência projeciologia, que é seguido por um declínio e deslocamento das atividades para o que viria a ser conhecido como *conscienciologia.* A primeira metade da década de 90 é marcada por eventos em torno da projeção fora do corpo. Há inclusive um espírito científico de convidar pesquisadores de fora, que rapidamente se perdeu. Conforme o IIP estruturou uma editora, lançaram também os primeiros livros produzidos por voluntários, também ligados à viagem astral.

Mas a conscienciologia brotava como campo de interesse e, até o final dos anos 90, substituiu quase que integralmente os focos dos eventos e publicações do grupo. Ela marcou um câmbio importante nos rumos do grupo, que foi se configurando ao longo daquela década. Com ela, Vieira pode definitivamente assumir o papel de um “mestre espiritual”, muito mais do que de um simples mortal, pesquisador de um tema de interesse parapsicológico.

Seus discípulos? Espiritualistas da classe média urbana, com certo nível de inadaptação à sociedade, com certo sentimento de “síndrome do estrangeiro” - conforme o grupo costuma explicar. Não são pessoas especificamente interessadas em pesquisar a viagem astral, mas sim pessoas buscando um sentido de pertencimento, de identidade, de aceitação, de um lugar onde possam cultivar seus valores e experiências espirituais.

Não basta, para estes estrangeiros - órfãos de uma sociedade que, por ser excludente, produz muito mais órfãos do que filhos - que Vieira fosse apenas um “pesquisador da projeção fora do corpo”. Órfãos precisam de um guia. Estrangeiros precisam de uma pátria. Havia um lugar necessário para Vieira, que era o lugar de pai, mestre, guru, referência, exemplo de vida.

Era para Vieira que os voluntários recorriam em busca de todo tipo de respostas e orientações, já que não

as obtinham de outros lugares. Era para ele que traziam suas dúvidas quanto a escolha profissional, objetivos de vida, conflitos familiares, vida conjugal etc. Era dele que escutavam algum tipo de acolhimento e elogio - muito embora galanteador e superficial. Eles eram "gênios", parte da "microminoria lúcida" da Humanidade que adota ideais de evolução e emancipação.

Conscienciologia

Este novo lugar de Vieira é materializado no seu segundo calhamaço, *700 Experimentos da Conscienciologia,* lançado em fins de 1994. No ano seguinte, o IIP é rebatizado, recebendo o "C" ao final da sigla, em referência à incorporação desta nova ciência aos objetivos institucionais. Ao longo dos anos seguintes, uma série de livros menores é lançada pelo autor e outros voluntários, seguindo esta nova abordagem.

Tecnicamente, os 700 Experimentos nem são o primeiro livro "conscienciológico" de Vieira. Em 1992, foi impresso um pequeno folhetim espiralado denominado *Miniglossário de Conscienciologia*. Ele nunca voltou a ser editado e passou a figurar, com alterações, como um glossário anexo ao final dos livros editados pelo grupo. Trata-se de uma listagem com algumas dezenas de palavras novas, adotadas por Vieira em seus textos, sob o pretexto de que uma ciência precisa de "termos técnicos".

Nota-se aí a intenção de se diferenciar do espiritismo. Palavras tradicionalmente usadas por aquela doutrina, como perispírito e duplo etérico, são substituídos por palavras "mais técnicas", como psicossoma e holochacra. E os termos espíritas passam a ser classificados como "ultrapassados", "envilecidos".

Faz parte do senso comum de classe média urbana, que se empolga com o ritmo inovador das tecnologias, achar que uma ideia nova é superior a uma ideia antiga. E tudo o que puder ser associado com "a

última palavra" em modernidade, o que houver de "mais avançado na ciência", tem potencial sedutor para um espiritualista, tão discriminado por ter seus interesses rotulados como pseudociência ou religião arcaica.

Esses vernizes científicos são verdadeiros cantos da sereia. Através deles, os conscienciólogos formaram um preconceito sobre as inúmeras doutrinas que se dedicaram a explorar os assuntos espiritualistas ao longo dos séculos. Em geral, o simpatizante de Vieira acaba desenvolvendo um senso de superioridade a respeito de outras linhas de conhecimento, sobre as quais poderia aprender e com cujos grupos poderia interagir. Sua certeza de agora pertencer à "ciência mais evoluída" o faz imaginar que pode prescindir do conhecimento produzido anterior a ela.

Há uma estratégia de defesa narcísica nesta dinâmica, onde o espiritualista excluído - tornado um "diferente" em relação à sociedade - junta-se, em grupo, e passa a adotar as mesmas estratégias excludentes contra aqueles que passa a ver como diferente. A diferenciação quase que obstinada se torna um meio de autoafirmação identitária. Essa diferenciação é notada no vocabulário, nos hábitos, nas roupas etc. Com o tempo, essas diferenciações ganham tamanho destaque que não passam despercebidas pelas pessoas na rua, pelo exotismo. Esse traço marcaria e se acentuou no grupo vieiriano e no próprio biografado, ao longo das próximas décadas, notadamente a partir da formação de uma comunidade geográfica, em Foz do Iguaçu.

Viuvez

Pouco se fala sobre a morte da primeira esposa de Vieira. É o tipo de evento traumático, para pessoas normais. Mas são pouquíssimos os ex-colaboradores da década de 1990 dispostos a contar a história e, de qualquer maneira, é muito difícil saber o que se passava na intimidade do casal.

De poucas conversas informais que registro de memória, antes de qualquer intenção de escrever uma biografia, Lisa era uma pessoa extrovertida, querida pela comunidade, que eventualmente pintava o cabelo de maneira extravagante.

Sua morte data de 1993. O que escutei é mais ou menos sabido dentro da comunidade. Vieira relata que estava revisando uma folha sobre "assédio" para o livro *700 Experimentos da Conscienciologia* quando Lisa se atirou do apartamento onde viviam, no último andar de um prédio em Ipanema.

A morte causou todo tipo de sentimento entre os voluntários da época. Alguns suspeitaram que tivesse sido um assassinato. Em certo momento, Vieira chama atenção do grupo: "para quem desconfia de mim, observe se meu amparo de função vai diminuir nos próximos dias e tire as próprias conclusões."

Vieira atribui a causa do suicídio de Lisa a uma doença que lhe afetara o cérebro. Eventualmente explica, de maneira vaga, abaixando a voz, como se quisesse falar apenas para seu círculo próximo, tratar-se de um *air-borne vírus,* ou seja, um vírus dos tipos transmissíveis por vetores como pulgas, mosquitos e carrapatos. Salvo por deficiência minha na escuta, Lisa teria contraído essa doença misteriosa quando criança, enquanto esteve em campo de concentração da Alemanha nazista, e sequelas permaneceram para a vida.

O pouco que escutei informalmente de quem conheceu Lisa é que ela de fato sofria com algum transtorno de humor, embora sob controle, o que não a impedia de ser uma pessoa bem-quista e rodeada de amigos. Ela tinha o problema sob controle, e precisava tomar algum tipo de medicamento.

Há quem não acredite que ela pudesse estar completamente alterada no momento do suicídio e até sugira algum tipo de retaliação contra Vieira. Se este foi o caso, também fica a pergunta de por que simplesmente não se afastou, já que se tratava de uma mulher com

condições financeiras e amigos, capaz de viver com certo conforto.

Por que a esposa do líder conscienciológico teria se suicidado? Um suicídio nunca é evento isolado, mas a culminação de um sofrimento. Como pode uma comunidade especializada em "consciência" e seu líder, com todas as qualidades parapsíquicas e assistenciais, não terem percebido o sofrimento de Lisa, debaixo de seus narizes?

Numa entrevista, Vieira afirma que teria previsto a data correta de falecimento de sete pessoas ligadas à família, durante a década de 1980 (CONSCIÊNCIA LÚCIDA, 2016a). Também afirma que fora avisado por seus amparadores sobre o suicídio de seu pai, quase meio século antes. Por que nenhum amparador lhe alertou sobre o que estava para acontecer no quarto ao lado? Santo de casa não faz milagres.

Em momentos assim, a maioria das doutrinas salvacionistas se esquiva com uma palavrinha mágica - "livre-arbítrio" - que continua não explicado nada. Deus tudo pode, exceto contra o livre-arbítrio do ser humano. E a conscienciologia tem explicação para tudo, exceto para compreender o livre-arbítrio que leva pessoas a fazer o que fazem.

A situação se torna ainda mais complexa se acrescentarmos o fato de que, naquele ano, Graça, futura esposa de Vieira, já vivia com o casal há algum tempo. Vieira desconversava sobre a existência de um relacionamento amoroso. A princípio, o casal estava apenas acolhendo uma jovem, vinda do Sul, com grande potencial. Já escutei um admirador de Vieira comentando que, em curso da época, escutara o professor dizer que o envolvimento amoroso ideal é o *triolismo* (em referência à relação *à trois*).

A futura parceira de Vieira relata Lisa como tendo sido uma "mãe" para ela. Mas a imagem de um senhor que se relaciona com uma jovem, 40 anos mais nova, por si, causa irritação nas pessoas em geral. O fato provoca

mistura de inveja e sentimentos de compaixão com a possível vítima, já que a sociedade tende mesmo a ser cruel com mulheres de idade avançada.

É preciso separar o joio do trigo para não cair em expressões moralistas, do tipo, "Vieira levou a amante para dentro de casa". Em vez de perseguições morais, o melhor é se perguntar como foi o processo decisório relativo a levar a jovem para morar com o casal. Um leque de possibilidades se abre, desde a hipótese de ter sido uma decisão consensual do casal, até a hipótese de que tenha sido uma imposição de Vieira a contragosto de Lisa. E como a “consciência” não é um fenômeno estático, é provável que diversos sentimentos tenham acontecido e se transformado ao longo daqueles meses, tanto para a hóspede quanto para o casal. E cada hipótese levanta uma série de perguntas que não temos como responder atualmente.

Vieira era livre, como qualquer outro cidadão, para mudar suas escolhas afetivas. São nossos preconceitos feudais que não aprovam o divórcio e a livre-escolha amorosa. E nossa inveja enrustida faz com que vejamos com desconfiança a aproximação afetiva entre um homem de 60 anos de idade e uma mulher de 20. Gostemos ou não, ambos estão em seu direito.

Uma hipótese grave a imaginar seria que Vieira tivesse imposto a Lisa essa nova configuração familiar. Apenas pessoas mais íntimas e que conviveram com o casal poderão lançar luz sobre questões como essa. Mas neste caso, cabe se perguntar, o que levou Lisa a aceitar? Será que Vieira tinha toda essa capacidade de impor algo à sua esposa, a contragosto dela? Não seria mais simples, para Vieira, separar-se de Lisa e iniciar uma relação sem qualquer impedimento. E não seria mais fácil, para Lisa, separar-se, já que tinha recursos e amigos no grupo, podendo tocar sua vida normalmente dali para frente.

Retornando ao tema do suicídio, não podemos esquecer que esta é uma saída extrema de desespero, e

não uma consequência automática de alguém que se sinta traído. Se Lisa estava desesperada, como ninguém dentro do grupo viu isso?

Estamos longe de poder resolver tais questões mas, para que sejam respondidas, elas precisam ser levantadas.

Cognópolis

É normal que um grupo de pertencimento, conforme cresça, busca formar uma comunidade intencional. Nos primeiros anos do IIPC, ganhava força a ideia da construir uma “sociedade conscienciológica”. A oportunidade surgiu com um terreno para doação na zona rural de Foz do Iguaçu. Parte considerável do grupo se mobilizou para levantar fundos e iniciar a construção de estruturas para eventos, estudos e acomodação no que foi batizado como CEAEC - *Centro de Altos Estudos da Consciência.* Glebas adjacentes foram compradas, loteadas e, com os recursos arrecadados, alavancou-se boa parte das benfeitorias e ampliação do centro.

Há uma história rica e interessante de crescimento desta empreitada, que iniciou em 1994. Em 1997 é construída uma pequena casa, batizada simpaticamente de *Enterprise,* para abrigar Vieira em suas visitas ao local.

Nessa época, Vieira passava cerca de um terço do tempo em viagens nacionais, outro terço em viagens internacionais e, o restante, no Rio de Janeiro. Mas seu objetivo era formar uma equipe itinerante e delegar tarefas, até o ponto em que não precisasse nem viajar, nem se envolver com as atividades administrativas, delegando a presidência do IIPC para outros voluntários. Vieira queria se concentrar exclusivamente em seus escritos e cursos. Esta meta se concretizou em torno do ano 2001.

Nessa época, Vieira já estava de mudança definitiva para Foz do Iguaçu. Mas havia um problema de

ordem hierárquica a ser resolvido. O IIPC era diferente do CEAEC. As lideranças do IIPC foram construídas sob a estreita proximidade de Vieira, sob sua indicação e supervisão, enquanto as do CEAEC foram constituídas de maneira relativamente independente, paralela, distante e autônoma. Aqueles que estavam no “canteiro de obras” em Foz do Iguaçu haviam formado um círculo de convívio, um subgrupo dentro da Conscienciologia, e naturalmente nem sempre concordavam com uma diretoria que estava a centenas de quilômetros de distância, num escritório comercial do Rio de Janeiro.

Concomitante à mudança de moradia de Vieira, fez-se uma mudança administrativa no CEAEC. Essa mudança é relatada como mera formalidade para se adaptar ao “novo marco legal da época”. Conta-se que a *cooperativa* que administrava o centro foi “transformada” em *associação.* Mas o fato é que foi criada uma associação, paralela à cooperativa, com novos dirigentes e associados, e como o CEAEC estava juridicamente vinculado ao IIPC, foi relativamente fácil desvinculá-lo da cooperativa e reinseri-lo sob o comando da nova associação.

Houve resistência, mas não foi suficiente para impedir o processo. Procurou-se inclusive colocar seus antigos dirigentes numa espécie de ostracismo e povoar o núcleo administrativo com “caras novas”. Vieira queria morar no CEAEC mas também queria que o CEAEC estivesse nas mãos de pessoas próximas e de confiança.

Em 2003 o IIPC anunciou a transferência da própria sede para Foz do Iguaçu, e o que se sucede ao longo daquela década é uma razoável migração, algo em torno de 1.000 pessoas, entre voluntários e alunos, de diversas localidades do Brasil e até do Exterior, em direção a Foz do Iguaçu. Concomitante a isso, houve um processo de subdivisão, onde grupos do IIPC e CEAEC se reuniam para formar novas instituições, embora vinculadas ao colegiado que passou a reger a comunidade toda (UNICIN).

Com o fluxo migratório, formou-se um pequeno bairro residencial em torno do CEAEC, bem como empresas de voluntários se ligaram ao grupo, e iniciou-se o que os voluntários costumam chamar de Comunidade Conscienciológica ou *Cognópolis.*

Depois de 35 anos na metrópole carioca, Vieira retornava para o Interior brasileiro. Embora tivesse se afastado geograficamente da sede da instituição criada por ele, conseguiu rapidamente magnetizá-la de volta em sua direção. A partir dessa década, o grande centro de atividades da Conscienciologia não era mais o Rio de Janeiro, mas Foz do Iguaçu.

Tertuliarium

Igual a um relógio suíço, Vieira procurava estar entre os primeiros no refeitório montado junto à recepção do CEAEC. Assim evitava as filas e demoras desnecessárias em sua rotina espartana. Os primeiros a chegarem no refeitório buscavam sentar perto do mestre e aprender com ele. Aquela era a única oportunidade de participar de uma roda de conversa informal com Vieira.

O hábito informal começou a se tornar rotina e ganhar certa organização. Em torno de 2004, quando mudei-me para Foz do Iguaçu, Vieira já tinha um local reservado e uma mesa de apoio, bem como uma pequena equipe que tomava notas do que era discutido. O evento era chamado de *Tertúlia.*

Também estávamos no ano de mais rápido crescimento da comunidade conscienciológica, graças à recente transferência da sede do IIPC para a cidade. O espaço foi se tornando pequeno para o número de participantes da Tertúlia. Não cabiam mais de 50 pessoas no salão, para uma demanda que frequentemente era o dobro disso. Aquela parte do refeitório foi adaptada para ser exclusivamente uma sala de aulas, sem mesas para refeições. Uma estrutura foi instalada para transmitir a Tertúlia à outra ala do refeitório.

A história das Tertúlias é um bom exemplo de como é simplista imaginar que a relação de Vieira com o grupo era de um líder que apenas determina, de cima para baixo, os destinos da Conscienciologia. O desenvolvimento dessas aulas mostra como Vieira foi se adaptando e seguindo a demanda que era moldada pelos voluntários.

Neste início dos anos 2000, o grande projeto de Vieira era escrever a *Enciclopédia da Conscienciologia,* mas se tratava de algo ainda em processo de idealização.

Há muito tempo Vieira já trabalhava com a ideia de “dicionarizar” ou “verbetizar” a conscienciologia. Sua obsessão por dicionários, conceitos, definições, sinônimos, antônimos e outras associações de ideias o levou a um exercício incansável de (re)definir cada palavra do nosso idioma de acordo com a sua cosmologia (além de criar milhares de neologismos).

Eventualmente, Vieira se atinha a um verbete em específico e investia grande esforço nele. Naquela época, o biografado trabalhava em três projetos principais, nesta ordem: a “consciência reurbanizada”, a “consciência belicista” e o bebê. Cada um destes seria um grande verbete da Enciclopédia mas, conforme ganhavam corpo, se tornaram livros independentes com milhares de páginas.

Refiro-me aos dois primeiros: *Homo sapiens reurbanisatus* (2003) e *Homo sapiens pacificus* (2007). O “bebê”, que seria o *Homo sapiens neonatus,* foi engavetado. O motivo foi justamente a alteração dos trabalhos de Vieira, seguindo o ritmo e os interesses do público das Tertúlias.

Para qualificar os debates, Vieira passou a apresentar listas de temas para votação dos participantes. A cada dia votava-se o verbete a ser discutido no dia seguinte. Eram temas diversificados, de 3 a 4 páginas. Ao longo destas discussões abertas, Vieira foi sofisticando sua técnica estilística. Em 2007 já havia uma boa quantidade de verbetes para se publicar um

volume "protótipo", além de quê, Vieira agendou uma prova, aberta a qualquer pessoa, com 100 questões discursivas, com objetivo de testar os conhecimentos enciclopédicos de seus alunos. A *Prova Geral de Conscienciologia* se tornou uma tradição a partir de então.

Vieira já tinha um molde padronizado para elaboração do verbete, com vários detalhes estilísticos, e começava a instigar seu público para propor temas e escrevê-los. O projeto da Enciclopédia não era individual. O objetivo do seu organizador era ter, no mínimo, 500 coautores, os “verbetógrafos”.

Este binômio Tertúlia-Enciclopédia se tornou uma organização cada vez mais complexa. Havia demanda incessante por expansão. Não apenas do espaço, como da tecnologia de transmissão do evento, de uma base onde ficassem disponíveis os vídeos para consultas, download dos verbetes discutidos, envio de perguntas. Iniciou-se um projeto para construir um grande auditório, o *Tertuliarium.* Muito empenho e também luta foi implicada para que as instituições conseguissem alavancar os recursos necessários à construção - algo estimado, à época, em 400 mil reais. Além da preocupação com os custos de manutenção de um espaço que. As tertúlias eram gratuitas e não o projeto para cobrir os custos fixos do espaço era basicamente correr atrás de doações. Como seja, o Tertuliarium foi inaugurado em 30/11/2008.

De 2005 a 2011, Vieira ministriou cerca de 2.000 tertúlias, armazenadas no website institucional (www.tertuliarium.org). A partir daquele ano, começa a intercalar a apresentação de verbetes seus com a de outros voluntários. Em meados do ano seguinte, continua coordenando as Tertúlias, mas os verbetes ficam inteiramente por conta dos voluntários.

Em 12/6/2013, se desliga inteiramente da atividade, seguindo recomendação médica de reduzir a carga de trabalho. A atividade passa a ficar inteiramente

a cargo da equipe do Tertuliarium. É possível que Vieira já desejasse, em algum momento, entregar a Enciclopédia e as Tertúlias completamente para sua equipe, para se dedicar ao próximo livro. O objetivo inicial de se chegarem a 500 verbetógrafos foi alcançado em 2014. Atualmente este número está em torno de 850.

Então, Vieira já estava participando de outras atividades no mesmo salão, como as "minitertúlias" e o "círculo mentalsomático". Os três encontros continuaram a funcionar mesmo após o falecimento do biografado. É inegável o caráter aglutinador de Vieira. O número de participantes nestes encontros sempre foi muito maior quando organizados por ele do que quando conduzidas por outros voluntários. As tertúlias que contavam com uma média de 50 a 80 participantes, hoje não parecem ultrapassar uma dúzia. Vieira colocou algo em movimento, isso é inegável. Há de se perguntar se este movimento se sustenta, considerando o dispêndio para manutenção de uma bela e equipada estrutura, da qual estão envolvidas tão poucas pessoas. Seria uma pena se um belo espaço como aquele precisasse ser desativado ou vendido.

Dicionário de argumentos

Após a construção do Tertuliarium, Vieira passa a trabalhar em seu próximo livro, o *Dicionário de Argumentos da Conscienciologia* (DAC).

Três décadas antes, quando Vieira procurava afirmar seu lugar de cientista e desfazer sua associação com a religião espírita, seu discurso adotava roupagens muito semelhantes à das *hard sciences,* das ciências positivas. Uma das máximas prediletas do autor era "contra fatos, não há argumentos." Ironicamente, sua última construção - o Tertuliarium - fora caracterizado por ele como o primeiro *argumentarium* do Planeta, e seu último livro tenha sido justamente um dicionário *de argumentos.*

Com o DAC, o autor retoma um estilo de argumentação próximo ao dos primeiros livros conscienciológicos, da década de 1990, com texto discursivo, em prosa, sem exigências estilísticas complicadas, e sem a preocupação com a elaboração de uma teoria.

O Vieira do *Dicionário* se parece mais com o Vieira dos *700 Experimentos* do que com o autor dos demais tratados. Entretanto, à diferença daquele calhamaço de 1994, Vieira agora está muito mais peremptório. Ele não mais se apresenta como "mercador da própria ignorância alfabetizada" (1994 p. 65). Agora ele já postula sem muito cotejo e contrastes. A leitura do DAC causa a impressão de ser um verdadeiro "dicionário do certo e do errado".

É claro que uma leitura compreensiva a esmiuçar a estrutura significante dessas quase 1.600 páginas recheadas de neologismos seria muito útil para dar um parecer mais preciso, mas a impressão geral ao se ler o DAC é que Vieira tinha a preocupação central de *reafirmar* a grandiosidade dos princípios conscienciológicos, em comparação com a mesquinhez da vida mundana.

Ao modo dos 700 Experimentos, o DAC é uma coleção de pensamentos do autor. Não há maior inovação nas ideias, apesar da abundância de neologismos. Alguns curiosos, como a *anti-autohipodromia,* que é a qualidade de quem se recusa a montar cavalos. Outros, possivelmente muito além do alcance dos reles mortais, como a *omnimegafatologia,* cujo *argumentum* é *omnimetaforológico.*

Vieira intercala, num mesmo parágrafo, estilos eruditos e informais, reflexões filosóficas e trocadilhos, anedotas pessoais e postulados cósmicos, piadas e provérbios em latim, verbosidades redundantes e sínteses enigmáticas. Eventualmente, parece até manter certas inadequações gramaticais propositais, como que para copiar seu sotaque mineiro.

No início do livro, uma curiosa dedicatória, aos seus colegas da comunidade conscienciológica, com quem vem buscando a vivência oportuna da "semiconsciexialidade interassistencial." Vieira se sente num novo patamar espiritual, e quer compartilhar como é ser uma "semiconsciex" para sua comunidade. É neste clima que resolve escrever o que ele classifica como "o livro do ser desperto", uma síntese da "versão conscienciológica da Vida". Parece que nosso biografado quer, mais do que nunca, falar de si.

Como de costume, Vieira pede a leitura sempre crítica e atenta. No dia em que apresenta o primeiro protótipo do DAC, 4/6/2011, exalta publicamente iniciativa de estar entregando exemplares para seus revisores fazerem a "heterocrítica" e mostrando o quanto ele gosta de receber críticas (MURILO VIEIRA LINO, 2011). Na introdução, faz um chamado para que o leitor questione se o emprego exaustivo das logias significa criatividade ou paranoia, mas - e sempre há uma pegadinha - em seguida adverte a quem opte pela segunda opção: "esqueça este volume." (VIEIRA, 2014, p. 39)

Há uma afirmação implícita nesse pedido. Vieira quer ser esquecido por aqueles que não o considerarem criativo, por aqueles que o considerarem paranoico. O autor investiu durante meio século na expansão da criatividade. É até natural que muitos considerem obsessivas suas inovações técnicas redacionais. Mas esse tipo de crítica, Vieira não quer por perto. Por isso, pede para ser esquecido pelos estraga-prazeres que o chamem de paranoico. Há algo de inaceitável em ser chamado assim.

Ao final da seção, uma segunda advertência, agora em itálico, como que para reconfirmar a primeira. *"Se você julgar que os pensamentos de algum tópico deste volume estão soltos ou deslocados, é bom reler para ver se não há divagações no texto ou devaneios em você"* (p. 60). Para ele, *a priori,* a crítica deve derivar da

falta de leitura atenta. Como em todos os seus tratados, Vieira pede críticas mas, neste Dicionário, já se sente mais confortável para descartá-las, logo de partida.

Divórcio

Vieira informa ter encontrado Graça, sua segunda esposa, ainda bebê, durante uma experiência fora do corpo. Na ocasião, ele a identificou como uma antiga irmã de vidas passadas e futura companheira, nesta vida. Era, portanto, meados da década de 1970.

Quando se conheceram pessoalmente, ele tinha 59 anos de idade e ela, 19. Uma antiga colaboradora nos conta ter sido chamada por Vieira, durante um curso de conscienciologia, e instruída a "dar toda assistência necessária para essa jovem" que Vieira acabara de encontrar. Em alguns meses, Graça se mudaria de Porto Alegre para o apartamento de Vieira, no Rio de Janeiro, e ambos assumiriam a relação.

Na condição de esposa de Vieira, numa época de expansão da conscienciologia, aquela jovem contou com importantes aportes em sua formação cultural. Viajou por todo o País e pelo Mundo, acompanhando o marido em cursos e ministrando os seus próprios. Em certos anos, o biografado e sua companheira chegavam a passar mais da metade dos dias em viagens.

Embora não tenha falado sobre a segunda esposa de Waldo Vieira, e isso possa dar a tradicional impressão de uma história feita por homens autossuficientes, o biografado teve uma companheira literalmente ao seu lado, na maior parte do tempo. É possível que jamais saibamos dimensionar a importância das mulheres que estavam ao lado dos homens públicos. Creio que posso afirmar isso a respeito de Graça, segunda esposa de Waldo Vieira.

Vieira fazia questão de levá-la consigo em suas viagens. Bem-humorada, em certa oportunidade, escutei-a comentar sobre seus braços serem fortes de tanto

carregar malas. Vieira e sua esposa eram amantes dos livros e nunca deixavam de trazer várias malas carregadas desses objetos, a cada livraria que visitavam.

Entretanto, após duas décadas de casados, havia outras variáveis em jogo. Graça estava investindo na carreira profissional de psicóloga e nos estudos de pós-graduação. Já tinha dois livros publicados, seus “filhos”. Certamente ela gostaria de viajar, promover seu trabalho, estabelecer contatos profissionais e acadêmicos.

Vieira já estava em outro momento existencial. Com o dobro da idade de sua companheira, ele não mais viajava. Evitava inclusive sair do CEAEC. Num caso anedótico, um grupo de Foz do Iguaçu conseguiu trazer a famosa franquia TEDx para a cidade. Os colaboradores conseguiram incluir Vieira no rol de palestrantes. Embora o autor estivesse funcional e saudável, recusou-se a se deslocar cerca de 6 km até o local do evento. Sua palestra foi gravada no CEAEC e projetada em telão.

Com cerca de 40 anos de idade, qualquer pessoa pode se perguntar “é aqui que quero passar o restante da minha vida?” É possível que Graça já tivesse percebido que a comunidade conscienciológica não era dos lugares mais promissores para promover suas pesquisas sobre hiperatividade ou Virginia Woolf. É possível que, no mestrado, já antevesse oportunidades de crescimento, douturado, novas publicações etc. Certamente já conhecera várias abordagens teóricas, sabendo das deficiências teóricas da conscienciologia que, por mais que seja um esforço progressista, está longe de poder ser tratada como a grande revelação científica da História. Não é por acaso que o envolvimento de Graça com as atividades conscienciológicas já não eram mais tão intensos quanto no Rio de Janeiro.

Em sua posição, ela devia ser uma pessoa muito visada. Possivelmente cansada da inveja, da cobiça, das incompreensões. Possivelmente muitas mulheres

queriam estar no lugar dela, o lugar de esposa de Waldo Vieira. E talvez nem ela quisesse tanto continuar naquela posição. Desejaria, ela, viver com Vieira por, digamos, mais 20 anos? Tê-lo como seu único marido de toda a vida, vivendo numa pequena casa dentro de uma comunidade espiritualista intencional, com pouca privacidade, no Interior do Brasil? Possivelmente nunca mais a acompanhá-la em qualquer viagem?

No mesmo mês em que assinaram o divórcio, a Rede de Escritoras Brasileiras lança sua 14ª antologia - Assim escrevem as brasileiras - da qual Graça era associada. À página 92, um poema de sua autoria, o que pode nos dar alguma ideia do estado de espírito da escritora, naquele ano crítico de 2014.

> "Absolutamente
> Quero voar tão alto, longe e distante quanto meu pensamento possa me levar e assim sobrepairar as paixões e ódios, inveja e cobiça, futilidade e vaidade, frutos de incompreensões.
> Quero ter o poder de manter - nos limites do meu coração - todo amor de um continente protegido numa glacial serenidade.
> Quero sair da multidão e alcançar o ponto mais alto do arranha-céu edificado pelos momentos da mais dura e concreta solidão.
> Quero chegar ao terraço para sentir a plenitude de estar acompanhada por mim mesma, sem lastimar a ausência de ninguém mais, além de mim.
> Para que lá de cima, minha alma possa transmutar-se ao vento em páginas escritas com meu próprio sangue, síntese da vida, da vida que escolhi viver.
> Uma vida em que me tornei soberana: livre de sua origem e livre do ciclo vital.
> Livre das cicatrizes de uma infância aprisionante, limitada por arames farpados, tal qual um cão de guarda ou gado de corte, que ultrapassei por desespero, não por coragem.
> Livre das cicatrizes de espinhos de pseudo-ninhos

que me iludi em pertencer.
Livre, porque no terraço da mente não há limites para sonhar e para pensar.
Ao menos - dentro de mim - serei edificantemente absoluta.*”*

Waldo sempre definiu o CEAEC como parte de seu projeto de vida, de construir um "ninho" para os espíritos "intermissivistas". Graça queria agora voar, longe, alto e se libertar dos pseudo-ninhos. Mas sair de um lugar não é uma decisão trivial. Há vínculos formados, raízes, atividades em andamento, incertezas e desacomodações de toda ordem, material e emocional, e a questão de *para onde ir.* Sem falar da quantidade de medos imaginários que frequentemente assombram aqueles que fizeram parte, por muito tempo, de uma comunidade de pertencimento espiritualista.

Mesmo que se sentisse presa a arames farpados e machucada por espinhos do pseudo-ninho, a forma como relata e atravessa a separação indica que ela não estava preparada e, possivelmente, não foi ela a pedir o divórcio.

"God save the Queen. O único motivo que une as fêmeas beta (no mundo dos símios) é combater a fêmea alfa." É como Graça descrevia certos sentimentos relacionados à separação, 70 dias depois do ocorrido (um ano depois, ela falaria de um "trio" que agiu de má-fé).

A forma como a separação aconteceu mostra que as coisas estão longe de serem como se espera do Vieira idealizado nos materiais promocionais da Conscienciologia. A começar com o fato público e notório, impossível de ser ocultado - já que a residência do casal fica no coração do CEAEC: Graça foi despejada de surpresa. Ao voltar de uma viagem “familiar e inadiável” - nas suas palavras - em 9/11/2014, encontra apenas uma mala com roupas. O restante de seus pertences já havia sido encaixotado e despachado para um depósito.

Graça jamais deixou de reconhecer sua gratidão

por Vieira e pela comunidade conscienciológica, e sempre descreveu o divórcio como amigável e consensual. Não nega que, no dia em que assinou o divórcio, estava abalada. Voltaria ao CEAEC para se despedir, 15 dias depois, ocasião na qual Vieira apresentou-lhe sua nova namorada. No dia do divórcio, também saiu da clínica onde trabalhava, organizada por membros da comunidade conscienciológica.

Há de se esperar que tenha havido algum sofrimento, mas não saberemos avaliar a real dimensão. Nobres não se permitem sofrer em público. Só o que temos são pistas deixadas por relatos escritos informalmente nas redes sociais e no blog da ex-companheira de Waldo. "Seu mundo", ancorado numa vida estável, que ajudou a manter, com casa, carro, trabalho, se reduziu da noite para o dia a "uma mala de mão, uma bolsa e uma grande amiga". Felizmente, testemunhas e um bom advogado ajudaram a solucionar parte do estrago.

Neste ponto, importa pensarmos: é assim que se espera o término de um relacionamento? Após 24 anos de convívio com uma pessoa razoável e sensata, Vieira não poderia aguardar algumas semanas, enquanto Graça se preparava e estruturava sua nova vida? Se qualquer relação de inquilinato precisa notificar o morador com um mês de antecedência, qual é a "cosmoética" que fundamenta o despejo imediato de um cônjuge a partir da decisão de separação.

Se a Rainha retrata o ocorrido como algo arquitetado por um "sórdido trio de fêmeas beta", não é menos verdade que nada daquilo teria acontecido sem a cumplicidade - ou mesmo a deliberação - do Rei. O líder da comunidade. Ou por acaso um trio sórdido entra na casa de um casal e encaixota os pertences da esposa à revelia do marido?

Não foi a primeira vez que um conscienciólogo residente da Cognópolis é expulso da noite para o dia, sem observação de princípios básicos da moral e do

Direito "convencionais", a respeito de aviso prévio, por exemplo. Setenta dias depois do ocorrido, Graça agradecia às mensagens de apoio, enquanto tentava "se adaptar a um mundo mais humano". Um ano depois, tendo conseguido se estabilizar, ela escreve várias páginas autobiográficas, típicas de quem procura revisitar o que aconteceu naquele período e falar de sua dor.

Parece que a "fofoca" da traição havia mexido com os brios do líder conscienciológico. Me senti nauseado quando um aluno, amigo, relatou ter ido a uma minitertúlia em que Waldo falava brevemente sobre sua separação, e não resistira em tecer o comentário: "já tem umas duzentas mulheres atrás de mim." Espero que tenha sido um mal-entendido, mas não é raro ouvir relatos de Vieira a respeito de sua juventude ou seu trabalho no consultório, quando o "mulherio corria atrás" dele.

Eventualmente, Waldo procura se afirmar como "machão mineiro", o que pode comportar inseguranças a respeito de seu controle, sua honra, sua superioridade, sua "testosterona". É possível que o despejo brusco da companheira tenha mesmo sido motivado por acusações de traição. Não seria a primeira vez que Vieira tomaria medidas peremptórias com base em calúnias. Com ou sem traição, se a fofoca se espalhou pela comunidade, o Rei precisa aplicar uma "punição exemplar" e expulsar a Rainha, independente da culpa, como um ato para mostrar seu poder. São as típicas demonstrações de autoridade dos regimes centralizadores autocráticos. Necessários? Não creio. A não ser para o próprio autocrata.

"Dessoma"

Escrevi este capítulo, inicialmente, com base nos depoimentos que tinha até o momento. Após a publicação da 1ª edição deste livro, recebi novas

informações de uma voluntária a qual não tenho motivos para suspeitar. Com base nesta, considerei mais correto reformular este capítulo e minha interpretação sobre os acontecimentos.

Vieira sempre ostentou uma saúde invejável. Aos 83 anos de idade, sua estrutura alta e forte transmitiam uma imagem imponente. A formação médica e o pertencimento a uma classe privilegiada seguramente contribuíram para sua saúde. Ele afirmava ainda ser portador de um "macrossoma", o que lhe permitia recuperação rápida de acidentes. De fato, para alguém que sofreu infarto aos 28 anos e um acidente quase fatal aos 38, manter-se tão produtivo na quarta-idade é um feito admirável.

Produtivo, para Vieira, significa ministrar aulas públicas diariamente, sustentando uma postura firme diante de controvérsias que não são raras. Significa manter uma rotina de escrita e produção textual diárias, sem descanso aos fins de semana. Significa liderar uma equipe de trabalho com ramificações pelo Brasil e Exterior, que chega a algumas centenas ou milhares de voluntários.

No ano do falecimento de Vieira, eu não mais participava do grupo e, consequentemente, recebia apenas informações através de terceiros. Não menos importante, minha saída conturbada dificultava o acesso a pessoas mais íntimas de Vieira. Cabe ainda destacar que essas, independente de quem seja, têm grande cuidado no que podem ou não abrir sobre a intimidade do biografado, de maneira a manter a imagem melhor possível.

O que parece consensual é que Vieira tinha vontade de viver e publicar ainda mais livros pela frente. Tinha, inclusive, uma nova esposa, há cerca de 6 meses. Espíritos evoluídos - cerca de 40, entre evoluciólogos e serenões - haviam lhe dado diretrizes sobre seus próximos 8 livros.

Conta-nos uma voluntária que acompanhava o

grupo no momento, que em 2014 Vieira tivera um obstrução coronária. Isso o levou a implantar um *stent* cardíaco. No ano seguinte, houve um entupimento do *stent,* forçando-o a marcar nova cirurgia. A mesma fonte contou-me que, em minitertúlia, Vieira informou da cirurgia e dos riscos, que poderiam incluir o falecimento.

Além de ser um médico veterano, Vieira estava cercado de médicos competentes. E sendo Vieira, seguramente procurou o melhor médico disponível. Agendou o procedimento para fins de junho, em São Paulo. Não sei mais detalhes sobre a urgência, gravidade ou complexidade da operação. Fato é que nenhum procedimento operatório costuma ser simples para um octagenário. E a recuperação em casa, no rigoroso inverno de Foz do Iguaçu, não facilitaria as coisas.

Pouco depois de voltar para Foz, o biografado precisou ser internado no hospital local, devido ao acúmulo de líquido nos pulmões. Alguma complicação pós-operatória ocorreu, causando-lhe um AVC. Na madrugada seguinte, Vieira entrou em coma irreversível e assim permaneceu por alguns dias, vindo a óbito. Uma morte inesperada.

Vieira era grande admirador de Nostradamus. Tinha muitos de seus livros e dedicara parte de seus estudos a ele. Eventualmente fazia insinuações de ter sido essa personalidade em vida passada. Falecera, para a curiosidade de seus discípulos, no mesmo 2 de julho do astrólogo francês, 499 anos depois.

No dia seguinte à “dessoma”, a Tertúlia de número 3.437 seguiu como de costume. Praticamente vazia, com os mesmos rituais mecânicos. Tudo o que se falou a respeito do falecimento de Vieira foi a leitura de uma nota, da assessoria de imprensa do CEAEC, logo depois de se apresentar o tema do dia:

> "O Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC) informa, com pesar, o falecimento do professor Waldo Vieira, aos 83 anos de idade, às 17h50 desta quinta-feira, dia 2, no Hospital Costa

Cavalcanti, em Foz do Iguaçu. Vieira sofreu um Acidente Vascular Cerebral (AVC) na madrugada do dia 26 de junho e estava internado em estado de coma. O corpo já foi cremado, lá em Curitiba. [Esta última frase parece ter sido corrigida espontaneamente pela mediadora, em substituição ao texto da nota original, que dizia: "o corpo será cremado e não haverá velório"]

O professor foi internado no dia 25 de junho após ser detectada a presença de líquido no pulmão. O problema foi contornado, mas na sequência ele sofreu o AVC, considerado irreversível. Antes de ser internado, Waldo Vieira estava em casa e se recuperava de uma revascularização miocárdia, realizada em São Paulo.

Waldo Vieira nasceu em 12 de abril de 1932 em Monte Carmelo (MG). Era graduado em Medicina e Odontologia. Foi propositor das ciências Projeciologia e Conscienciologia, sistematizadas nos tratados Projeciologia: Panorama das Experiências Fora do Corpo Humano (1986) e 700 Experimentos da Conscienciologia (1994).

Escreveu mais de 60 obras, entre livros, tratados, dicionários e centenas de artigos relacionados à pesquisa da consciência e ao parapsiquismo. Em 1995, fundou o CEAEC, o primeiro campus da Conscienciologia. No ano 2000, trocou o Rio de Janeiro por Foz do Iguaçu para atuar em tempo integral no CEAEC e acelerar a escrita da Enciclopédia da Conscienciologia, obra coletiva com textos dele e de outros 500 verbetógrafos.

Nos últimos anos, o trabalho da Conscienciologia cresceu e Vieira propôs a criação do Bairro Cognópolis, onde fica o CEAEC e outras 21 instituições conscienciológicas. Também conhecido por “Cidade do Conhecimento” e Bairro do Voluntariado, Cognópolis foi oficializado pelo Decreto Municipal 18.887, publicado em 2009.

Personalidade aglutinadora e considerado gênio

> multidotado, Vieira liderava uma comunidade de 841 voluntários dedicados à Conscienciologia, residentes em Foz do Iguaçu, entre os quais médicos, professores e empresários, vindos de diversas partes do Brasil e do exterior.
>
> Nos últimos meses, o professor ministrava, diariamente, minitertúlias conscienciológicas no CEAEC e trabalhava no terceiro volume da obra “Léxico de Ortopensatas”, no prelo. As atividades da Conscienciologia no Brasil e exterior serão mantidas normalmente com o compromisso dos voluntários de preservar e expandir o legado deixado por Vieira. O CEAEC e as demais instituições conscienciológicas mantêm as portas abertas para visitas, cursos, debates e palestras." (Tertuliarium, 2015)

Após a leitura, a mediadora repassa a palavra à conferencista do dia, num tom de normalidade, como se tivesse acabado de ler uma receita de bolo ou um informe burocrático, e não a nota de falecimento do líder e fundador da conscienciologia. Normalidade, se não fossem certos gaguejos ao longo da leitura, indicando possíveis estados emocionais, "coisas de psicossoma". Apenas um curioso ato falho, que parece querer expressar coisas que o super-eu procurava conter: "-Agora a gente *val... voi... retornar* aqui ao seu verbete..."

Waldo vai retornar? Waldo volta? Retornar para onde? Para o plano espiritual? Para o CEAEC? Não sabemos. A conferencista ainda menciona o legado de Waldo Vieira de maneira breve, como inspirador de seu verbete. A partir daí, nada mais se fala sobre o falecimento.

Poderíamos culpar o automatismo daquele ritual pela falta de discussão, mas isso seria um engano. Apesar da padronização rígida, o espaço para discussões é aberto para qualquer assunto. Por que nada é conversado a respeito do falecimento?

Algumas pessoas chegam atrasadas e, aos 49 minutos, a mediadora repete a leitura da nota. Ainda

assim, nenhum comentário, nenhuma pergunta, nenhuma opinião dos presentes sobre o falecimento. A tertúlia segue como se aquele fosse um dia normal.

Não seria absurdo que, no dia seguinte, passada a surpresa inicial, algumas pessoas se motivassem a levantar a discussão nesta atividade que havia sido a última grande marca de Waldo Vieira, em seu contato diário com o público, presencialmente e virtualmente. Poderíamos esperar, inclusive, que o público virtual começasse a enviar perguntas. Não foi o que ocorreu, ou se foram enviadas, não foram lidas.

Vieira morreu mas, como ninguém morre, a comunidade seguiu como se nada tivesse acontecido. Formalmente, não houve velório. O velório é um ritual costumeiro onde o círculo social, ao seu modo, problematiza o luto. A comunidade conscienciológica não fez isso.

Poderíamos supor que a falta de um velório canalizasse a discussão sobre o falecimento para a Tertúlia, mas isso não ocorreu. Fica claro que os postulados sobre "ninguém morrer", sobre "não evocar", não são simples decretos. A vida comunitária seguiu como se, realmente, nada tivesse acontecido. O que se viu, de maneira pública, foram algumas notas espontâneas de voluntários, individualmente, se despedindo, agradecendo, manifestando gratidão.

Tudo isso mostra como é difícil falar sobre a morte, mesmo dentro de um grupo que tem convicção sobre a imortalidade da alma. O silêncio, o aparente tabu em torno da morte de Vieira, parece até maior do que aquele que observamos em torno de pessoas comuns, sejam elas materialistas ou religiosas.

No dia seguinte, a reportagem do telejornal local vai ao CEAEC prestar sua deferência a uma personalidade que foi importante para a cidade. E procura dar vazão ao que acredita ser a principal pergunta da comunidade iguaçuense: *quem vai liderar a Conscienciologia a partir de agora?* É a pergunta que

quebra o silêncio, talvez por ser, esta questão, a grande causa do silêncio.

Ninguém negava que Vieira era o líder da comunidade conscienciológica. A principal figura intelectual e também política. Havia quem dissesse que a comunidade iria se dissolver após seu falecimento. Uma expectativa que não era absurda, dada a centralidade do biografado dentro daquele grupo.

A centralidade de Vieira não pode disfarçada, nem em meio a criação de tantas instituições, tantas assembleias gerais, conselhos executivos e consultivos, diretores e secretários-gerais. Vieira não tinha qualquer autoridade formalizada naquelas instituições, mas ainda assim era detentor da principal autoridade.

A narrativa cética, do alto da torre de marfim, fala de grupos como a Conscienciologia como uma seita. Sobre o rótulo de seita, destilam todo tipo de opinião negativa e enviesada. A primeira é sobre a extrema relação de dependência e autoridade do grupo para com o líder. Essa dependência é, de fato, muito marcante, na Conscienciologia. Mas a continuidade das atividades mostra que ela não era uma dependência absoluta.

Com instituições estabelecidas, pessoas enraizadas na cidade, laços comunitários e profissionais estabelecidos, a comunidade conscienciológica de Foz do Iguaçu permaneceu em operação, surgiu um organismo que, quando foi preciso, conseguiu ter vida própria, sem a presença de Vieira.

Estando há 11 anos distanciado das atividades conscienciológicas e envolvido em outros projetos, até numa posição que me torna alvo de desconfiança e com difícil acesso à realidade da Comunidade Conscienciológica, é difícil dizer como a mesma se encontra na atualidade ou especular sobre seu futuro. Mas com todas as críticas que possa ter quanto à doutrina ou às dinâmicas comunitárias, não posso deixar de reconhecer que se trata de uma obra humana digna de admiração, realizada graças ao esforço de muita

gente. Muitas desconhecidas ou rotuladas de *minidissidentes*. Mas, sobretudo, a Conscienciologia atravessou 3 décadas, se consolidou e chegou aonde está, graças ao poder aglutinador e esforço incansável de Waldo Vieira.

Referências bibliográficas

ALENCAR, Brunno. **Entrevista: Luciano dos Anjos.** 2011. https://groups.google.com/g/creoeste/c/2FTsTQxCx40?pli=1

ALMEIDA, Flávio José de. **Patrocínio na década de 20.** [1997?]. http://patrocinionofinaldadecadade20.blogspot.com/2013/03/patrocinio-no-final-da-decada-de-20_8025.html

ALVES, Elifas. **A chegada em Uberaba.** [s.d.]. http://www.acasadoespiritismo.com.br/biografias/a%20chegada%20a%20uberaba.htm

ALVES, Irineu. Chico Xavier e Waldo Vieira nos Estados Unidos e Europa. **Anuário Espírita.** 1966. http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/A_autores/ALVES_Irineu_tit_Chico_Xavier_e_Waldo_Vieira_nos_EUA_e_Europa.htm

AMARAL, Flávio. My first out-of-body experience. **JEEP,** v. 1, n. 2, p. 39-43, 2013.

________. Inside the walls of a libertarian ideology. **ICSA Today,** v. 7, n. 2, p. 6-9, 2016.

________. Levantamentos preliminares sobre pseudocientificidade em conscienciologia. **Journal of Consciousness,** v. 18, n. 59, 2015.

ARRIBAS, Célia da Graça. Afinal, espiritismo é religião. **A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira.** São Paulo: Dissertação de Mestrado em Sociologia. USP, 2008.

BALKIN, Sol W. Injectable silicone and the foot: a 41-year clinical and histologic history. **Dermatologic Surgery,** n. 31, p. 1555-1560, 2005. https://doi.org/10.2310/6350.2005.31241

BARBOSA, Eliana. **Homenagem a Dr. Elias Barbosa.** s.d. https://www.harmoniacomflorais.com/dr-elias-barbosa.php

BARRA E SILVA, Matheus; PAES E SILVA, Nathalia Rafaela; & BORGES, Gustavo. Entre memórias e lembranças: a trajetória do professor Mário Palmério.

Pensar a Educação. 12 set. 2016. http://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/entre-memorias-e-lembrancas-a-trajetoria-do-professor-mario-palmerio

BLOG DO BRUNO TAVARES. **Homenagem do pesquisador e documentarista espírita Oceano Vieira de Melo ao Dr. Waldo Vieira.** 2015. https://blogdobrunotavares.wordpress.com/2015/07/06/homenagem-do-pesquisador-e-documentarista-espirita-oceano-vieira-de-melo-ao-dr-waldo-vieira/

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. **Mario de Ascensão Palmério.** http://www.fgv.br/CPDOC/BUSCA/dicionarios/verbete-biografico/mario-de-ascencao-palmerio

CERATO, Sonia. **A ciência conscienciologia e as ciências convencionais.** IIPC, 1998.

CHICO XAVIER. **Chico Xavier - David Nasser.** [Vídeo] 2012. https://www.youtube.com/watch?v=8msGimKkSkQ

CONSCIÊNCIA LÚCIDA. **Carta aos espíritas: Waldo Vieira (espiritismo).** [Vídeo]. 2009. https://www.youtube.com/watch?v=aGR_QN_tuxQ

________. **Cirurgião plástico após o espiritismo: Waldo Vieira (conscienciologia).** [Vídeo]. 2016a. https://www.youtube.com/watch?v=j-TpMdehkdg

________. **Mudança de Chico Xavier para Uberaba: Waldo Vieira.** [Vídeo]. 2016b. https://www.youtube.com/watch?v=KngXLvL73Z0

________. **Primeira retrocognição e renascimento físico: Waldo Vieira.** [Vídeo]. 2016c. https://www.youtube.com/watch?v=STrOwIXu7ec

________. **Psicografia entre Chico Xavier e Waldo Vieira: Evolução em dois mundos.** [Vídeo]. 2016d. https://www.youtube.com/watch?v=UgyVuIGxl9Q

________. **Início da ajuda para Chico Xavier: Waldo Vieira (conscienciologia).** [Vídeo]. 2017. https://www.youtube.com/watch?v=FWZzNyoNnmY

CORREIO FRATERNO DO ABC. **A suspeita posição de um "ex-médium".** Mai. 1983.

COSTA, Claudio. **Evolução em cadeia:** reciclagem de um presidiário pela tenepes**.** IIPC, 1999.

DOS ANJOS, Luciano. **O atalho: análise crítica do movimento espírita.** Lachâtre, 1993.

________. **A anti-história das mensagens copiadas.** Leymarie, 2006.

ESPIRITUALIDADE E SOCIEDADE. **Desencarna Waldo Vieira.** 2015. http://www.espiritualidades.com.br/NOT/Not_2015/2015_07_07_Desencarna_Waldo.htm

FAMOSOS QUE PARTIRAM. **Waldo Vieira.** 2015. http://www.famososquepartiram.com/2015/07/waldo-vieira.html

FERREIRA, Neirimar Castilho. Pioneirismo no Ensino Superior em Uberaba: A Faculdade de Odontologia do Triângulo Mineiro (1957-1950). Dissertação de Mestrado. Uniube, 2015.

FOLHA ESPÍRITA. **Perdão, doutor Waldo.** jul. 1983a.

________. **Carta aberta aos espíritas.** ago. 1983b.

________. **Explicação necessária.** set. 1983c.

FONSECA, André A.. **A consagração do mito Mário Palmério no cenário político do Triângulo Mineiro (1940-1950).** Tese de doutorado. UNESP, 2010.

________. Eduardo Palmério, um perfil intelectual: humorismo e cultura política nas crônicas da imprensa paulista dos anos 1940. **Intercom – RBCC,** São Paulo, v. 35, n. 2, p. 61-84, jul./dez. 2012.

________. Nos caminhos do pai: influências de Francisco Palmério na formação do escritor Mário Palmério. **Scripta**, [S.l.], v. 15, n. 29, p. 183-205, dez. 2011. ISSN 2358-3428. http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4277/9184

FOTOS CHICO XAVIER. [Página do Facebook] 2020. https://www.facebook.com/photochico/

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico de 1960: Minas Gerais.** 1960. https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/68/c

d_1960_v1_t9_mg.pdf

GERMINHASI, Rubens Silvio. **Luz bendita.** Inst. Divulgação Editora André Luiz, 1977.

GIL, Caroline A.. **Precisa-se ou aluga-se: o mapeamento de amas de leite na cidade do Rio de Janeiro na Primeira República.** Dissertação de mestrado. Fundação Oswaldo Cruz, 2018.

GOBBO, Ismael. **Elias Barbosa: 76 anos de trabalho incansável.** 2011. https://ismaelgobbo.blogspot.com/2011/05/elias-barbosa-76-anos-de-trabalho.html

GOBBO, Ismael. **Focalizando o trabalhador espírita.** 2012. http://ismaelgobbo.blogspot.com/2012/08/focalizando-o-trabalhador-espirita-154.html

GOMES, Adriana. Entre a fé e a ilegalidade: a atuação da Federação Espírita Brasileira diante dos processos criminais que envolveram espíritas no Rio de Janeiro. **Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, p. 141.

GRUPO ESPÍRITA EMMANUEL. **Ecos da grande viagem.** 1965. http://grupochicoxavier.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2015/04/Ecos_da_Grande_Viagem-Chico_Waldo.pdf

INSTITUTO INTERNACIONAL DE PROJECIOLOGIA. **Anais do I Fórum Nacional de Qualidade Consciencial.** 1995.

JORNAL ESPÍRITA. **Um homem chamado Waldo Vieira: E seu pensamento.** set. 1982a.

________. **Alerta de Waldo Vieira: “O Brasil está começando a arranjar uma dívida cármica”.** nov. 1982b.

________. **Waldo Vieira: “Nunca fui tão espírita quanto sou agora”.** mai. 1983a.

________. **É preciso crescer.** jun. 1983b.

________. **Dos leitores.** ago. 1983c.

________. **Carta aberta aos espíritas.** ago. 1983d.

________. **Carta aberta aos leitores.** set. 1983e.

LORENZETTI, Valentim. Entrevista com Chico Xavier. Folha de S. Paulo. 10 jul. 1967.

https://bibliadocaminho.com/ocaminho/TXavieriano/Livros/Nmc/Nmc14.htm

MATOS, Marival Veloso de (Org.). **Chico no Monte Carmelo.** União Espírita Mineira, 2002.

MILLER, Alice. **The drama of the gifted child:** The search for the True Self. Basic Books, 1990.

MINISTÉRIO DA FAZENDA. **Balanço Geral do Exercicio de 1939 Apresentado ao Exmo Sr. Dr. Arthur de Souza Costa, D. D. Ministro da Fazenda, pelo Contador Geral da República Manoel Marques de Oliveira.** 1939. https://archive.org/stream/balger1939uni/balger1939uni_djvu.txt

MIRANDA, Hermínio C.. Há um espiritismo brasileiro? **Anuário Espírita.** 1965. http://www.caminhosluz.com.br/detalhe_imprimir.asp?txt=3263

MORENO, Marcos. Livro explica vitória eleitoral de Mário Palmério em 1950. **Jornal de Uberaba.** s. d. http://www.uel.br/pessoal/andreazevedofonseca/mitomariopalmerio/index.php/2012/08/20/livro-explica-vitoria-eleitoral-de-mario-palmerio-em-1950-2/

MURILO VIEIRA LINO. **Conscienciologia: Dicionário de Argumentos da Conscienciologia.** [Vídeo] 2011. https://www.youtube.com/watch?v=QTmU2WO0H7k

MUSEU DA PESSOA. **Convivendo com Walter Belian.** 2006. https://acervo.museudapessoa.org/pt/conteudo/historia/convivendo-com-walter-belian-45173/colecao/103875

MUSEU DAS PROFISSÕES. **Faculdade de Odontologia do Triângulo Mineiro.** 2015. https://museudasprofissoes.blogspot.com/2015/08/faculdade-de-odontologia-do-triangulo_7.html#more

NOVOS CONCEITOS. **Conscienciologia: Esposa e filho de Waldo Vieira.** [Vídeo]. 2018. https://www.youtube.com/watch?v=4muEN6KR48A

NUNO EMANUEL. **Emmanuel/Chico Xavier previram abandono de Waldo Vieira, mas como ele se deu?** [Vídeo]. 2017. https://www.youtube.com/watch?v=eWv66j7-EQc

________. **Chico Xavier: Onde estão os 38 vídeos das viagens aos EUA e à Europa em 1965 e 1966?** [Vídeo]. 2018. https://www.youtube.com/watch?v=0-dZvu8Q4IA

OBRAS PSICOGRAFADAS. **A carta em que Chico Xavier acusa Divaldo Pereira Franco de plágio (texto integral).** 2010a. https://obraspsicografadas.org/2010/a-carta-em-que-chico-xavier-acusa-divaldo-pereira-franco-de-plgio-texto-integral/

________. **Waldo Vieira responde a dúvidas sobre fraudes de Chico Xavier e Otília Diogo.** [Vídeo]. 2010b. https://app.box.com/s/lj2j5h0ugxtohbfcvlmboepr4gkr7lpe

O SEMEADOR. **Posições de Waldo Vieira contestadas em São Paulo.** Mai. 1983.

PLANETA. **Waldo Vieira: Viagens por outros planos.** 1984.

RAMOS FILHO, Osmar. **O avesso de um Balzac contemporâneo:** arqueologia de um pasticho. Lachatre, 1995.

RECEITA FEDERAL DO BRASIL. **Coletorias federais - letra M.** http://www.receita.fazenda.gov.br/historico/srf/historia/catalogo/letrac/colet_federais/letra_m.htm

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO. **Entrevista com Waldo Vieira.** Nov. 1982.

REVISTA MULHERES. Família Palmério e Uniube: uma história de 80 anos. https://www.revistamulheres.com.br/nossa-rica-uberaba/fam%C3%Adlia-palm%C3%A9rio-e-uniube

RIZZINI, Jorge. **Chico Xavier em Nova York.** Filme. 1965. https://www.youtube.com/watch?v=0-dZvu8Q4IA

________. **Materializações de Uberaba.** 2. Ed. Livro Fácil - Nova Luz: São Paulo, 1997.

RODRIGGO, Alan. **Monte Carmelo 130 anos: conheça histórias e curiosidades da capital nacional da telha.** http://www.montefm.com.br/noticias/monte-carmelo-130-anos-conheca-historias-e-curiosidades-da-capital-nacional-da-telha

SABEDORIA ESPÍRITA. **Sabedoria Espírita - Dr. Waldo Vieira - Otília Diogo e as materializações de espíritos em Uberaba.** [Vídeo]. 2017. https://www.youtube.com/watch?v=YzyzRIz1-Rs

SANATÓRIO ESPÍRITA DE UBERABA. **História do Sanatório Espírita de Uberaba.** 2018. https://www.sanatorioespiritauberaba.org/services

SAULO GOMES ACERVO. **Depoimento de Glória Manzon e Izabel Nasser: DVD Versátil.** [Vídeo]. https://www.youtube.com/watch?v=YsAEqrWccBI

SOUTO MAIOR, Marcel. **As vidas de Chico Xavier: biografia definitiva**. Leya, 2010.

TELES, Mabel. **Zéfiro: a paraidentidade intermissiva de Waldo Vieira**. Associação Internacional Editares, 2014.

TERTULIARIUM. **Tertúlia 1547: Intenctio recta (intencionologia).** 2012. https://www.youtube.com/watch?v=yMP-WS0rAyU

________. **Tertúlia 3437: Conscienciômetra (conscienciometrologia).** 2015. https://www.youtube.com/watch?v=R7WG7nlsGzQ

________. **Waldo Vieira e a ditadura militar no Brasil: comunismo e socalismo.** 2016. https://youtu.be/ZHiGwBVJQBM

VARANDA, Jarbas Leone. **Tributo a Chico Xavier: O homem do século.** 2000. http://www.bvespirita.com/Tributo%20a%20Chico%20Xavier%20(Jarbas%20Leone%20Varanda).pdf

VELOSO, Airton. **A história do espiritismo em Monte Carmelo.** Kelps, 2007.

VIEIRA, Waldo. **Cristo espera por ti.** 9. Ed. Instituto de Difusão Espírita, 1995.

________. **Projeções da consciência: Diário de experiências fora do corpo físico.** LAKE, 1982.

________. **Projeciologia: Panorama das experiências da consciência fora do corpo humano.** 1986.

________. **Manual da tenepes: tarefa energética pessoal.** IIP, 1995.

________. **Projeciologia: Panorama das experiências da consciência fora do corpo humano.**

4. Ed. IIPC, 1999.

________. **Dicionário de argumentos da conscienciologia.** Editares, 2014.

WIKIPEDIA. **Uberaba.** 2018. https://pt.wikipedia.org/wiki/Uberaba

________. **Chico Xavier.** 2021. https://pt.wikipedia.org/wiki/Chico_Xavier

XAVIER, Francisco Cândido, & BARBOSA, Elias. **Quem são?** Instituto de Difusão Espírita, 1981. https://files.comunidades.net/portaldoespirito/205__Quem_sao_1981.pdf

XAVIER, Francisco Cândido, & VIEIRA, Waldo. **Desobsessão: Ditado pelo espírito de André Luiz.** Federação Espírita Brasileira. 1964.